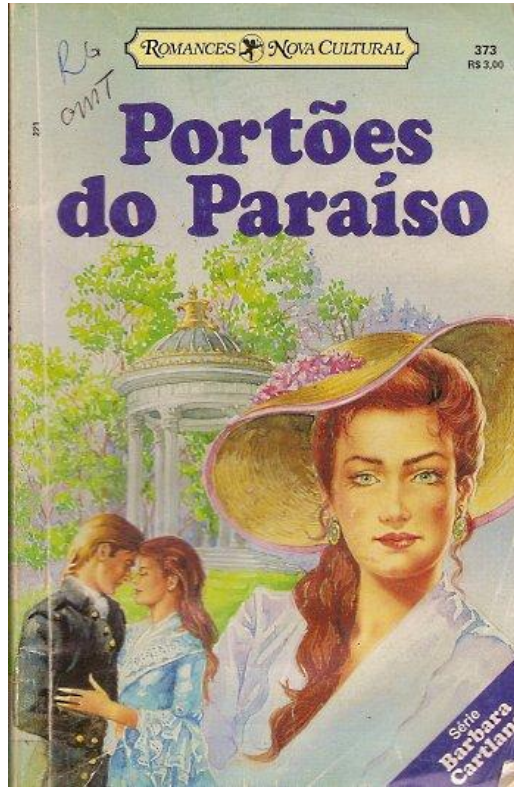


PORTÕES DO PARAÍSO

The gates of paradise Copyright

Barbara Cartland



Uma carta mudou drasticamente a vida de Nadine!

Quando partiu ao encontro de uma amiga de infância, Nadine não podia imaginar que o convite guardava segundas intenções. Ao chegar ao pequeno país dos Bálcãs, porém, descobriu que seria incumbida de uma missão secreta e extremamente perigosa: deveria fingir ser a princesa real por alguns dias, a fim de que os inimigos não descobrissem o paradeiro da verdadeira princesa.

Como era considerada "irmã gêmea" da amiga, Nadine julgou que a tarefa fosse fácil. Até Michael Ward cruzar os portões do palácio.



Querida leitora,

Portões do Paraíso me fez recordar minha adolescência. Eu tenho uma irmã muito parecida comigo, tanto fisicamente como no tom de voz. Não raro, as pessoas nos confundiam, e isso fazia com que brincássemos muito com as pessoas. Felizmente nossos namorados nunca nos confundiram. Até hoje as pessoas trocam nossos nomes ou nos cumprimentam pensando que uma é a outra, o que considero genial!

É mais ou menos isso que acontece neste romance. Saboreie!

Janice Florido
Editora-chefe

Título original: The gates of paradise Copyright: © 1995 by Barbara Cartland

Tradução: Aríete Dialetachi



EDITORIA NOVA CULTURAL uma divisão do Círculo do Livro Ltda. Alameda
Ministro Rocha Azevedo, 346 - 2ª andar CEP 01410-901 - São Paulo - SP - Brasil

Copyright para língua portuguesa: 1995 CIRCULO DO LIVRO LTDA.

Fotocomposição: Círculo de Livro Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

NOTA DA AUTORA

Mais uma vez, decidi escrever uma história que se passa nos Bálcãs, no reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901. Isso se justifica, porém, pois essa foi a época mais emocionante e dramática de que o mundo já teve notícia.

O Império Britânico governava sobre um terço do mundo; os alemães, entretanto, sob a liderança de Bismarck, reuniram seus numerosos reinos, grandes e pequenos, e formaram também um grande império.

Foi nessa época que os russos decidiram seguir o exemplo dos alemães, começando pelos Bálcãs. Dirigiram seus esforços para o objetivo de conquistar a maior parte da Ásia e, no final, apossar-se da Índia.

Para evitar esse acontecimento, a Rainha Vitória teve uma brilhante idéia: ceder aos príncipes que reinavam nos Bálcãs esposas inglesas, que garantiriam o domínio britânico nessa região.

Na Índia, o Grande Jogo, que durou até 1907, acabou por salvar o país das mãos dos russos.

Estou extremamente grata por dois livros que tive a oportunidade de ler e que considero fascinantes e inspiradores. Um é *O último dos Romanovs*, de Virgínia Cowles, e o outro é *O Grande Jogo*, de Peter Hopkirk.

CAPÍTULO I

1880

Assim que abriu a carta que acabara de receber, Nadine deu um grito de alegria. Leu-a duas vezes, com toda a atenção, para ter certeza de que não se enganara quanto a seu conteúdo; em seguida, toda feliz, saiu correndo pelo corredor em direção ao estúdio de seu pai.

O Reverendo John Kenwin, Bispo de St. Albans, ocupava-se da redação do sermão que proferiria no dia seguinte, que era domingo. Homem extremamente atraente, era dono de uma voz profunda que cativava todos os membros de sua congregação.

Filho caçula de um importante e prestigiado homem de Estado, abraçara a carreira religiosa por que, desde pequeno, a família o destinara para isso. Possuía, porém, um intelecto tão admirável e um charme tão irresistível que ascendera rapidamente na hierarquia da Igreja, tornando-se bispo assim que completara cinquenta anos. E já parecia definitivamente estabelecido que seria ele o próximo Arcebispo de Canterbury.

Seu pai, Lorde Kenwin, criara os três filhos de acordo com moldes tradicionais. O mais velho, como muitos de seus antecessores, entrara para a Guarda de Honra, e logo fora transferido para o Castelo de Windsor. Ali, não apenas fazia parte da Guarda pessoal da Rainha Vitória, como também agia como um de seus mais leais conselheiros. Casara-se com uma das damas de companhia da rainha; àquela altura, aproximando-se da idade da aposentadoria, era um importante e altamente respeitado membro da Corte.

O segundo filho de Lorde Kenwin entrara para a Marinha. Apreciara profundamente a oportunidade que a escolha dessa carreira lhe dera de conhecer o mundo, e fora recentemente promovido a Almirante.

Ambos os irmãos tinham filhos, e nutriam esperanças de que esses seus descendentes lhes seguissem os passos e conquistassem o mesmo prestígio e respeito dedicados ao velho avô.

Fazendo parte de uma família com tais qualidades, não era de admirar que Nadine fosse extremamente inteligente. Ao terminar os estudos, havia conquistado prêmios por praticamente todas as disciplinas acadêmicas pelas quais se interessara.

Como se não bastasse a mente privilegiada, era dona também de uma surpreendente beleza. Os traços de seu rosto eram de uma perfeição quase clássica; o que mais chamava a atenção, entretanto, eram a encantadora expressão de seus olhos e sua cativante maneira de ser, características que herdara do pai.

Ao chegar à porta do estúdio do bispo, Nadine abriu-a silenciosamente e espiou para ver se ele se achava sozinho. Vendo que sim, entrou e se aproximou do pai sem que ele percebesse, apoiando delicadamente as mãos em seus ombros e inclinando-se para beijá-lo no rosto.

— Ah, Nadine, é você! — exclamou o bispo.

— E quem mais chegaria quietinha e lhe daria um beijo, papai? — perguntou ela, rindo.

— Não está vendo que estou ocupado com meu sermão, menina? — ralhou o pai, de brincadeira.

— Estou, mas fui obrigada a interrompê-lo para lhe mostrar esta carta. — O bispo endireitou-se na cadeira, percebendo que, se o assunto não fosse importante, a filha não teria vindo incomodá-lo. — Veio de Londres e foi entregue por um mensageiro especial — prosseguiu a jovem. — Adivinhe de quem é!

— Não vou tentar adivinhar, querida; estou ocupado!

— Então vou lhe contar — disse Nadine. — É de Louise, da Princesa Louise, que hoje governa Alexanderburg.

— E mesmo? — surpreendeu-se o bispo. — Lembro-me muito bem dela; uma moça muito bonita e, na escola, era sua melhor amiga.

— Eu gostava muito de Louise — observou Nadine. — Éramos tão parecidas que as professoras nos chamavam de “As Gêmeas”; lembra-se, papai?

— Claro que me lembro. E agora acaba de receber notícias dela.

— Finalmente! — exclamou a moça. — Já fazia alguns meses que Louise não me escrevia, e agora mandou-me uma carta dizendo que precisa urgentemente de mim em Alexanderburg. Diz que, se ainda a estimo como antes, não posso deixar de atender a seu chamado.

— Ela quer que você vá imediatamente para lá? — perguntou o bispo, atônito.

— Imediatamente. Não explicou o motivo, mas afirmou que precisa muito de mim e tem certeza de que não a decepcionarei, como jamais decepcionei antes.

— Sua amiga deve ter uma razão muito forte para pedir que vá reunir-se a ela assim tão de repente — disse o bispo.

— Louise sempre foi um tanto impetuosa — riu Nadine; — sempre que desejava alguma coisa ou alguém, tinha de ser na hora. Mas dessa vez a coisa parece ser realmente urgente.

— E como pretende a princesa que você chegue a Alexanderburg?

— Parece que já foi tudo providenciado — respondeu a jovem. — Juntamente com a carta que me enviou, veio outra da embaixada em Londres dizendo que, por ordem da Princesa Louise, um navio de guerra deverá apanhar-me em Tilbury e levar-me a Alexanderburg.

— Um navio de guerra! Sua querida amiga deve estar mesmo muito ansiosa para vê-la!

— Imagino que um navio de guerra seja mais rápido do que qualquer outro — disse Nadine.

— Para uma viagem tão longa, não há transporte melhor — concordou o pai. — E é evidente que deseja ir, não é mesmo, minha querida?

— Claro que sim, papai; para dizer a verdade, admiro-me por Louise não ter mandado me chamar há mais tempo. Na escola, não nos largávamos nem por um minuto; tornamo-nos debutantes ao mesmo tempo e comparecíamos sempre juntas aos bailes.

— Lembro-me bem de tudo isso — riu o bispo. — Mas, para ser honesto, devo confessar que sempre achei minha filha a mais bonita das duas.

— Muito obrigada, papai — respondeu Nadine, com um sorriso encantador; — era exatamente o que eu esperava ouvir. E acho que o senhor compreende que, se Louise precisa tanto de mim, não posso deixar de ir.

— E evidente que não pode — aquiesceu o bispo. — Será uma ótima experiência para você conhecer uma parte do mundo a que eu mesmo ainda não tive o privilégio de ir. Sempre tive um interesse muito grande pelo Império Austríaco, e teria grande satisfação em atravessar o Dardanelos e entrar no Mar Negro, como você, minha filha, vai fazer.

— Ah, papai, será uma das maiores emoções de minha vida!

— Hoje à noite vou-lhe mostrar em um mapa onde fica essa região — prometeu o bispo. — Mas agora, minha querida, apresse-se a entregar a resposta ao mensageiro, dizendo quando poderá estar pronta para embarcar no navio em Tilbury. Presumo que tenham sido providenciados acompanhantes para cuidar de você na viagem.

— Sim, claro que sim — garantiu Nadine, animadíssima. — Escute só o post-scriptum da carta de Louise: Tomei providências para que a acompanhe um casal simpaticíssimo de nossa embaixada em Londres; e, naturalmente, eles levarão uma dama de companhia para assisti-la durante a viagem por mar.

— Pelo que parece — observou o bispo — sua amiga pensou em tudo. Dessa forma, minha querida, vá logo escrever sua resposta e diga quando poderá embarcar. Parece ser urgente, e você não deve deixá-la esperando por muito tempo.

— Eu sabia que o senhor compreenderia, papai — sorriu Nadine; — mas é uma pena que não possa ir comigo.

— Bem que eu gostaria, querida; isso posso lhe garantir. Mas, como você bem sabe, tenho toda uma série de compromissos absolutamente impossíveis de adiar.

— Sei que seria pedir demais, papai — respondeu a moça, tomando a direção da porta —, mas nada me daria mais prazer do que viajar em sua companhia pelo Mar Mediterrâneo e pelo Mar Egeu. Seria maravilhoso ouvi-lo descrever os lugares pelos quais passássemos, daquela maneira como somente o senhor sabe fazer. — Antes de sair, acrescentou: — Vou mandar dizer que estarei pronta para embarcar na terça-feira. Assim, terei ainda a segunda-feira para fazer as compras de que precisar.

Antes de que o pai tivesse tempo para concordar ou discordar, Nadine já desaparecera pelo corredor.

Nos dois dias que se seguiram, a jovem viveu um período de extrema emoção, em meio ao turbilhão dos preparativos. Não era apenas a perspectiva da sonhada viagem marítima que a deixava naquele estado; sua principal ansiedade era pelo momento de rever a amiga por quem nutria tanto afeto. Desde que Louise se casara, Nadine lhe sentira profundamente a falta.

Fora um casamento de conveniência. Louise era filha da Princesa Beatrice, cuja mãe era prima em segundo grau da Rainha Vitória; e a rainha era freqüentemente citada como a "Casamenteira da Europa". Ela tomara providências para que muitas de suas familiares se tornassem esposas de governantes da região dos Bálcãs.

Não era segredo para ninguém que os russos haviam tomado a firme decisão de ampliar seu império, que já era imenso. Com esse objetivo, haviam começado a se apossar de muitos dos pequenos principados da Áustria, Moldávia e Romênia. Além desses, os principados ainda menores da Bósnia, Sérvia e Romênia Oriental se haviam tornado para eles uma grande tentação.

Os russos se comportavam de forma muito inteligente. Atacavam justamente as regiões cujos governantes se mostravam excessivamente fracos ou velhos para efetuar uma administração competente; nos locais mais isolados, por outro lado, fomentavam rebeliões e depois intervinham, alegando serem necessários para assegurar a paz.

Havia, porém, países que os russos não se atreviam a tocar; eram as regiões onde tremulava o pavilhão britânico. Quase todos os dias, a Rainha Vitória era assediada por diplomatas estrangeiros, que lhe imploravam enviasse uma esposa britânica para garantir a proteção de seu príncipe ou de seu rei. Esses diplomatas afirmavam que somente ela poderia evitar que os agressivos russos tentassem dominar seus países.

À parte tudo isso, a Grã-Bretanha sabia muito bem que os cossacos russos haviam começado a estender seu domínio em direção à Ásia; apossavam-se de um número cada vez maior de cidades, encurtando gradativamente a distância que separava a Rússia da Índia.

Nadine ficara sabendo desse estado de coisas por meio do pai, mas jamais se preocupara com a segurança da amiga. Louise fora muito feliz no casamento, mesmo sendo este de conveniência; como dissera a Nadine na primeira carta que lhe escrevera, o príncipe com quem se casara era um jovem encantador, e ela se apaixonara pelo marido na primeira vez em que o vira.

Eu jamais teria esperado, escrevera Louise, ser assim tão feliz com Rudolf, nem que minha vida se transformaria em uma sucessão de dias tão repletos de ventura.

Nadine ficara felicíssima com a notícia, sentindo-se absolutamente tranqüila quanto ao destino da amiga querida.

O príncipe não pudera deixar seu país e vir até a Inglaterra; dessa forma, Louise fora se casar em Alexanderburg, e Nadine não tivera o prazer de lhe servir de dama de honra. As duas haviam sempre imaginado que seus casamentos se realizariam em uma das maiores e mais luxuosas catedrais de sua cidade e, desde os tempos de escola, haviam decidido ser uma a dama de honra da outra.

A Rainha Vitória, no entanto, havia alterado esses planos, convocando Louise e comunicando-lhe que deveria se casar com o Príncipe Rudolf de Alexanderburg.

— Mal posso acreditar — dissera Louise, ao retornar de Windsor; — pensei que era imaginação minha o que acabara de ouvir de Sua Majestade. Mas é evidente que eu não poderia recusar tamanha honra, e mamãe não pára de repetir que sou uma moça de muita sorte.

Apesar disso, Nadine não deixara de se despedir da amiga com lágrimas nos olhos. Acompanhada pela mãe, a Princesa Beatrice, e no mínimo por mais uma dúzia de familiares, Louise embarcara em um navio de guerra inglês e partira para Alexanderburg.

De início, Nadine ficara preocupada com a amiga; depois, começara a receber as cartas em que Louise dizia que não poderia se sentir mais feliz e que o Príncipe Rudolf era o homem de seus sonhos. Após o período de um ano, entretanto, essas cartas haviam-se tornado cada vez mais raras; embora ainda parecesse muito feliz, ela pouco falava a respeito do casamento.

Aquela altura, fazia mais de dois anos que Louise se casara, e Nadine, por sua vez, já recebera numerosas propostas. Nenhuma delas, porém, fora feita por um homem que lhe tivesse tocado o coração ou por quem tivesse o menor afeto.

A jovem filha do bispo era suficientemente inteligente para perceber que Louise tivera realmente muita, muita sorte. A amiga encontrara o homem de sua vida em um casamento de conveniência, enquanto que ela, Nadine, ainda não conhecera ninguém com quem desejasse passar o resto de seus dias.

Na realidade, ela se sentia extremamente feliz na companhia do pai. Quando ele fora consagrado Bispo St. Albans, Nadine tivera certeza de que permaneceria morando ali até que, como ela esperava, o pai fosse promovido a Arcebispo de Canterbury.

Felizmente, a casa que pertencera a seu avô também ficava em Hertfordshire; dessa forma, Nadine encontrara muitas das antigas amigas de sua mãe, além de moças e rapazes que conhecia desde criança. Não lhe haviam faltado, portanto, convites para as festas e entretenimentos de todos os tipos, que ocorriam semana após semana.

Apesar de toda essa diversão, porém, Nadine ainda sentia falta de Louise; embora ainda escrevesse à amiga todas as semanas, como fizera desde que ela se casara, sentia-se um tanto magoada porque já não recebia tanta atenção quanto no início. Era fácil de imaginar, assim, o quanto ficara contente ao receber o convite para ir reunir-se a Louise em Alexanderburg, principalmente por se sentir tão necessária.

De tão emocionada, Nadine mal conseguia raciocinar para escolher as vestimentas que deveria levar. Além disso, era preciso pensar nos presentes que precisaria comprar para a amiga que há tanto não via, e não se esquecer dos livros e de outras coisas que, segundo o bispo, despertariam o interesse do Príncipe Rudolf. Nadine tinha a impressão de que as horas passavam com tanta rapidez que a deixavam sem fôlego.

Finalmente, na manhã de terça-feira, ela e o pai seguiram para Londres. No caminho, Nadine insistia com o bispo que tinha certeza de ter esquecido em casa metade das coisas de que iria precisar.

— Não se preocupe com isso — tranqüilizou-a o pai. — Se não me falha a memória, você e Louise viviam emprestando roupas uma à outra, e não acredito que tenham mudado sua maneira de ser durante os anos em que estiveram separadas. — Nadine deu risada, e o bispo prosseguiu: — Lembro-me também de que uma das coisas que me proporcionavam imensa satisfação era a presença de sua amiga quando ia hospedar-se em nossa casa.

— Sempre tive a impressão de que Louise gostava mais do senhor do que de seu próprio pai — observou a jovem. — Mas é claro que jamais toquei nesse assunto.

— Pois fez muito bem de guardar essa impressão para si própria — concordou o bispo; — a Princesa Beatrice poderia se aborrecer. Ela era uma mulher encantadora, e é uma pena que já não pertença ao mundo dos vivos.

Era verdade; a princesa falecera um ano após o casamento da filha, e Nadine escrevera a Louise para transmitir-lhe suas condolências. Naquela manhã de terça-feira, porém, a moça não desejava recordar os momentos de tristeza, somente os de alegria. Em sua última carta, Louise lhe contara o quanto se divertira ao ir com o marido banhar-se no Mar Negro, hospedando-se no pequeno palácio de verão que o casal possuía em uma baía tranqüila ao longo da costa. Era um lugar sossegado, onde podiam ficar a sós e em paz, longe da presença dos muitos cortesãos e da pompa e cerimônia do palácio da capital.

Apesar de tudo parecer estar correndo bem, Nadine não podia deixar de se perguntar, intrigada, para que Louise precisava dela com tanta urgência.

O bispo ficou bastante surpreso ao constatar o reduzidíssimo número de acompanhantes que deveriam cuidar de sua filha durante a viagem a Alexanderburg.

Era apenas um casal, o Barão Von Graben e sua esposa. A baronesa era muito mais jovem que o marido, e extremamente atraente, como costumam ser as mulheres austríacas. Apreciava muito viajar em companhia do barão em suas missões diplomáticas, principalmente porque jamais deixava de atrair o interesse dos homens em qualquer país que visitasse. O que mais gostava era de comparecer aos bailes.

O barão dizia que era muito velho para dançar, mas tinha a reputação de ser um diplomata extremamente hábil. Além disso, dominava um grande número de idiomas, gabando-se de poder conversar com a maioria dos outros diplomatas na própria língua deles.

Além do barão e da baronesa, havia apenas uma aia, que deveria prestar assistência tanto à esposa do diplomata quanto a Nadine. A jovem percebeu que o pai ficara surpreso com uma tão pequena quantidade de acompanhantes, mas julgou de bom alvitre não fazer qualquer comentário sobre o assunto.

Na cabine, aonde o pai a acompanhou no momento das despedidas, ele olhou cuidadosamente em volta como quem temia ser ouvido.

— Não se esqueça de uma coisa, minha querida — disse o bispo: — seja extremamente cuidadosa. Como Sua Majestade a Rainha comentou comigo na semana passada, os russos estão criando sérios problemas nos Bálcãs; têm-se apossado de um número inquietante de pequenos principados. Na verdade, Sua Majestade anda profundamente preocupada com esse problema.

— Sei disso, papai — respondeu a moça. — Não se preocupe, que tomarei muito cuidado com tudo o que vou dizer. Imagino que Louise também deve estar angustiada com essa situação.

— Tenho certeza de que, enquanto ela permanecer no trono, Alexanderburg estará a salvo.

— Louise não mencionou nenhum problema desse tipo em suas cartas.

— Ela deve ter um bom motivo para pedir que você vá até lá — respondeu o pai; — não deixe de ajudá-la de todas as formas possíveis.

O Bispo de St. Albans interrompeu-se, pensando em como a Rainha Vitória se mostrara furiosa com o comportamento dos russos.

— Se eu não tivesse mandado meus navios de guerra para o Mar Egeu — dissera Sua Majestade, irada —, a esta altura os russos já teriam tomado Constantinopla. Deus sabe o quanto tive de me esforçar para convencer o Primeiro Ministro a dar atenção ao que estava acontecendo.

— Mas milady felizmente conseguiu salvar a cidade — respondera o bispo, lembrando-se de como o Grão-Duque Nicholas fora obrigado a bater em retirada quando seu exército já se encontrava a menos de dez quilômetros de Constantinopla. A ousadia custara ao Grão-Duque a perda de vinte e cinco mil homens, e dali por diante, evidentemente, os russos pensariam duas vezes antes de desafiar novamente a Inglaterra.

Pensando nesse assunto, ocorreu ao bispo a idéia de que em Alexanderburg a filha poderia correr perigo. Em seguida, porém, tratou de persuadir a si próprio de que aquilo era excesso de preocupação; enquanto a bandeira britânica tremulasse sobre o principado, os russos não ousariam tentar aproximar-se.

Envolvendo Nadine nos braços, ele disse:

— Boa viagem, minha querida. Sei que vai adorar reencontrar sua amiga Louise, e que vai ajudá-la em tudo o que puder. Mas enquanto estiver lá, não se esqueça de mim!

— Eu jamais seria capaz de esquecê-lo, papai — garantiu a jovem. — O senhor sabe que o amo mais do que tudo no mundo, e que sentirei muita falta de sua companhia e de nossas conversas — acrescentou, beijando-o afetuosamente.

— Eu a adoro, minha filha — respondeu ele, sorrindo e abraçando-a ainda com mais ternura. — Vou rezar para que Deus a abençoe e proteja durante sua viagem, e para que você possa ajudar a princesa, como tanto deseja.

— Sim, papai — disse Nadine, com carinho; — não se esqueça de mim em suas preces. E eu não me esquecerei do senhor nas minhas.

Os dois subiram para o tombadilho, e o bispo desembarcou; à medida que o navio ia se afastando, Nadine permaneceu à amurada, acenando para o pai até que ele saiu de seu campo de visão.

Em seguida, a jovem retornou à cabine, para ajudar a aia a desfazer as malas e guardar nos armários as roupas que usaria na viagem por mar. Depois, quando a embarcação adquiriu maior velocidade, Nadine foi reunir-se ao barão e à baronesa.

O casal ocupava a cabine contígua à do capitão, e a baronesa já começara a se queixar de que o mar estava agitado. Na verdade, as águas se mostravam tranqüilas; e Nadine teve certeza de que, quando chegassem à Baía de Bisciy, a esposa do diplomata fechar-se-ia na cabine e não apareceria novamente até o final da viagem.

E foi exatamente o que acabou acontecendo.

Enquanto isso, Nadine era obrigada a suportar os incessantes e embaraçosos galanteios do barão, liberdades masculinas a que não estava acostumada. Como era filha de um religioso, as pessoas costumavam dirigir-se a Nadine de forma extremamente educada, tratando-a de maneira diferente de como tratavam as outras moças. Imaginavam que ela ficaria chocada diante da menor inconveniência, e procuravam não elogiá-la

demais por causa de sua beleza ou das lindas roupas que usava. Nadine chegava a achar graça na atitude dos homens, que pareciam julgar sua beleza de certa forma imprópria para a filha de um homem da Igreja.

Na realidade, a moça encontrava sérias dificuldades para deixar de notar as pequenas fraquezas e inseguranças dos representantes do sexo masculino. Em toda a sua vida, jamais conhecera um homem que pudesse se comparar a seu pai, ou que parecesse capaz de oferecer a uma mulher todo o amor e a ternura que o bispo dedicara à esposa, a mãe de Nadine.

Era um amor como esse que a jovem desejava para si própria; temia, porém, jamais encontrá-lo, pois até aquele momento não conhecera um rapaz que não parecesse obtuso e sem graça em comparação à brilhante personalidade de seu pai.

Ao contrário da esposa, o bispo não se preocupava em casar a filha muito cedo. Na verdade, mais de uma vez comentara:

— Casamento é uma coisa muito séria, e não é uma decisão que deva ser tomada às pressas. Nós dois, minha filha, vivemos muito felizes juntos, e ainda não é hora de você começar a se considerar uma solteirona.

— É realmente muito cedo para isso — respondera Nadine, com uma risada. — A única coisa que me preocupa é que as outras moças que debutaram juntamente comigo estão se casando uma após a outra, mês após mês, e tenho a sensação de que estou ficando para trás.

— Não tenha pressa de encontrar o amor, minha querida — aconselhara-a o pai. — Ele virá para você quando chegar a hora, e será exatamente o tipo de amor que todos nós procuramos do fundo de nossos corações, e que alguns de nós temos o maravilhoso privilégio de conquistar.

— Como aconteceu com o senhor, papai — observara a moça.

— Isso mesmo — aquiescera o bispo. — Sei que sua mãe e eu nos encontraremos novamente no Céu, tenho certeza de que neste momento ela está nos escutando e sabe que estou dizendo a verdade. Se pudesse, sua mãe também lhe diria que não deve ter pressa nem ficar preocupada.

— Pois enquanto eu tiver o senhor, papai — dissera Nadine, beijando-o —, não precisarei de mais ninguém.

A jovem falara com sinceridade. Apesar disso, quando se encontrava sozinha, muitas vezes ansiava pela companhia de alguém com quem partilhar sua vida.

Naquele momento, enquanto o navio singrava as águas, Nadine pensava em como seria agradável aquela viagem se o pai a tivesse acompanhado. Como era seu costume, o bispo lhe narraria histórias que somente ele parecia conhecer, a respeito dos países pelos quais passassem, principalmente os do Mar Mediterrâneo.

A moça sentia um enorme interesse pela África, e mais ainda pela Grécia. Quando jovem, seu pai ficara absolutamente encantado pela maravilhosa beleza da Grécia, e ensinara o idioma à filha. Nadine sonhava em, um dia, conhecer Delfos e os cintilantes penhascos na companhia de alguém a quem amasse; ansiava também por conhecer as

famosas ilhas gregas, em especial a de Delos, onde, segundo a lenda, nascera o deus Apoio.

Já havia convencido a si própria de que não havia necessidade de rezar para que os céus lhe concedessem um marido parecido com Apoio; mas desejava ardentemente encontrar um homem que nutrisse por ela um grande amor, e que lutasse contra qualquer outro que tentasse afastá-la dele.

Até aquele momento, porém, Nadine não encontrara um rapaz por quem sentisse a menor afeição; além disso, não era de uma simples afeição que andava à procura, e sim daquele amor profundo e maravilhoso que era descrito nos livros. A jovem tinha certeza de que a maioria das mulheres do mundo havia encontrado aquele tipo de amor, e achava que talvez algumas, como ela própria, não tivessem contado com a mesma sorte.

Apesar disso, a moça não passava o tempo todo se preocupando com eventuais admiradores, e tinha certeza de que, no navio, não haveria ninguém que lhe fizesse galanteios.

Para sua surpresa, porém, enganara-se completamente. Como, de acordo com as expectativas, a baronesa se retirara definitivamente para sua cabine, com medo do mar, Nadine era obrigada a passar muito de seu tempo sozinha com o barão. E o homem, a despeito de sua idade avançada, cobria-a de elogios e de ousados galanteios, fitando-a de uma maneira que chegava, em certos momentos, a deixá-la irritada.

Se uma atitude como aquela, vinda de um homem daquela idade, não fosse risível, Nadine teria se sentido profundamente constrangida; diante das circunstâncias, entretanto, a jovem não se deixava intimidar e respondia altivamente ao barão, de uma forma que poderia até ser considerada rude.

Por outro lado, Nadine forçava-se a ser paciente, admitindo que aquilo devia fazer parte da personalidade do diplomata. Era evidente que, na juventude, o homem fora um grande don juan, e devia ser impossível para ele estar a sós com uma bela mulher sem tentar flertar com ela.

Quando, porém, o navio terminou de atravessar o Mar Mediterrâneo e entrou no Mar Egeu, Nadine já se cansara dos incessantes e enjoativos galanteios do barão. Além disso, percebera que, sempre que se encontrava perto dele, as mãos do velho se estendiam automaticamente em sua direção, na tentativa de tocá-la.

O esforço de evitá-lo acabara se transformando em um verdadeiro jogo; um jogo bastante difícil, levando-se em conta a exigüidade do espaço que os dois partilhavam. As refeições, eles se sentavam um em frente ao outro; e, mesmo impossibilitado de tocá-la com as mãos, o velho não deixava nem por um instante de fitá-la intensamente.

Os galanteios brotavam ininterruptamente de sua boca, em um grande número de idiomas diferentes; e isso acabou por se tornar interessante para Nadine, cuja mente aguda muito apreciava a oportunidade de aprender coisas novas ou de exercitar as que já sabia.

Para ter condições de responder à altura às inconvenientes observações do barão, a jovem acabou aprofundando seus conhecimentos do idioma falado em Alexanderburg, que ela percebeu constituir-se em um dialeto da língua austríaca, muito fácil de aprender.

Havia ocasiões em que, servindo-se desse idioma, Nadine dava ao velho respostas tão arrasadoras que acabavam por fazê-los a ambos caírem na risada.

— Se eu fosse mais jovem — dissera o barão certa vez —, tomá-la-ia nos braços e a apertaria com tanta força que a senhorita não poderia escapar; e haveria de beijá-la tão longamente que a faria perder o fôlego.

— E se eu fosse mais jovem — retorquira Nadine —, talvez gostasse disso por não ter ainda critérios de comparação. Mas agora, que já sou crescida, passei a ser muito exigente; e tenho certeza de que o senhor não gostaria de se arriscar a fracassar em um jogo em que já deve ter sido muito bom no passado, mas em que certamente já não é mais.

Apanhado de surpresa, o barão não tivera alternativa senão cair na gargalhada. Nem por isso, entretanto, deixara de incomodar a jovem com seus maçantes galanteios.

A situação chegou a tal ponto que, temerosa de que o velho tentasse invadir-lhe a cabine após a hora de dormir, Nadine passara a trancar cuidadosamente a porta antes de se deitar. Não acreditava realmente que aquilo fosse necessário, mas, como dizia a sabedoria popular, não valia a pena colocar a tranca depois da entrada do ladrão.

A essa altura, o navio já entrara no Estreito de Dardanelos, e Nadine ficou muito mais animada. Tinha certeza de que, assim que reencontrasse Louise, as duas passariam juntas dias tão felizes quanto os da adolescência.

A embarcação atravessou o Mar de Mármara e começou a subir o Bósforo; quando atingiu o Mar Negro, o sol brilhava e fazia muito calor. Nadine estranhou a mudança no ritmo de curso; o navio adquirira uma velocidade muito maior, singrando as águas com uma rapidez impressionante.

A jovem também se perguntava por que o capitão não fizera nenhuma parada nos portos pelos quais haviam passado durante toda a viagem. Bem que ela teria apreciado passar pelo menos algumas horas em Atenas, ou em Nápoles, ou talvez visitar uma das ilhas gregas. Os motores, porém, não haviam cessado de funcionar a todo vapor.

Finalmente, Nadine vislumbrou à distância a costa de Alexanderburg. E foi nesse momento que teve certeza de que havia um motivo especial para que Louise desejasse tê-la a seu lado o mais depressa possível. Quando, porém, a moça pensou que o navio ia atracar no Porto de Balchik, os motores inexplicavelmente reduziram a velocidade; e, para sua profunda surpresa, ainda bem antes de se aproximar de terra, a embarcação se deteve.

— O que terá acontecido? — perguntou-se ela, atônita.

— Qual será o problema? — Preocupada e inquieta, Nadine saiu correndo pelo tombadilho e subiu para a ponte de comando, onde se encontrava o capitão. — O que aconteceu? Por que paramos?

— Vamos nos aproximar da costa assim que escurecer — respondeu o homem. — Para dizer a verdade, Srta. Kenwin, chegamos mais cedo do que eu pretendia.

— Mas por que temos de esperar até escurecer? — insistiu a moça.

— Foram essas as ordens que recebi — disse o capitão.

— E a senhorita será conduzida à terra assim que o bote vier buscá-la.

— Buscar a mim? — exclamou Nadine, sem nada compreender. — E o barão e baronesa?

— Vou levá-los de volta a Constantinopla, onde o barão deve agora se estabelecer.

A jovem ficou profundamente intrigada; ninguém lhe dissera uma só palavra a respeito do dia nem da hora em que deveria chegar, e o barão em momento algum mencionara o fato de que seu destino final era Constantinopla, e não Alexanderburg. Nadine não estranhara que ele e a esposa houvesse recebido a incumbência de acompanhá-la na viagem, mas lhe parecia muito esquisito que nenhum dos dois tivesse mencionado aquela circunstância.

Em meio a todos aqueles impertinentes galanteios, o velho nem uma só vez dissera que sentiria a falta dela quando se separassem; dessa forma, Nadine imaginara que o casal a acompanharia até o palácio de Louise, e que os três continuariam a se encontrar todos os dias.

Era evidente, no entanto, que o capitão não se sentia disposto a responder a nenhuma outra pergunta; e parecia até ter ficado constrangido pelo espanto da moça.

Em suas cartas, Louise a informara de que a capital de Alexanderburg ficava junto à costa e que o palácio se localizava no centro da cidade, no alto de uma colina. Depois de uma viagem tão longa, Nadine finalmente se achava praticamente às portas da cidade, e achava simplesmente extraordinário que não lhe permitissem desembarcar de uma vez.

Finalmente, o sol se pôs e a escuridão tomou conta do horizonte. A bagagem de Nadine já fora arrumada e levada para o tombadilho, mas a espera continuava. Foi somente quando as estrelas já cintilavam no céu e a Lua já ia alta que o tal bote finalmente apareceu; era uma embarcação grande, com um toldo sobre a popa.

Nesse momento, o barão subiu para o tombadilho e se aproximou de Nadine.

— Vou sentir muito a sua falta, minha linda rosa da Inglaterra — disse ele.

— Pensei que vocês me acompanhariam até Alexanderburg — respondeu ela. — O senhor não me contou que iria para Constantinopla.

— Tudo o que sei é que ficarei morrendo de saudade — respondeu o velho, evitando habilmente o assunto. — Mas o dever me chama e, para dizer a verdade, já expirou a licença que recebi para acompanhá-la até aqui.

— Nesse caso, devo agradecer-lhe muito por sua companhia.

— Sou eu que lhe agradeço por ter-me feito sentir jovem novamente, diante da beleza e da perfeição desses seus lábios tentadores — replicou o barão. Como ele falava em francês, as palavras não pareciam tão embaraçosas como se fossem ditas em inglês; apesar disso, Nadine desviou o olhar, constrangida. — Um dia — prosseguiu o velho —, a senhorita será beijada como merece, e morro de inveja do homem que terá essa sorte. Garanto-lhe que o que mais lamentei, desde o início desta viagem, é não ter trinta anos a menos.

— O senhor foi muito atencioso comigo — disse Nadine, com a mesma habilidade de evitar o assunto —, e sou-lhe muito grata por sua gentileza. Tenho certeza de que sua missão em Constantinopla será um grande sucesso.

— Eu também tenho — respondeu ele. — Mas esta noite vou pensar muito na senhorita e sonhar em tê-la em meus braços.

Antes, porém, que Nadine tivesse tempo de dar a essa observação inconveniente uma resposta adequada, o capitão a interrompeu.

— O bote está à sua espera, Srta. Kenwin — disse ele; — espero que tenha gostado da viagem.

— Apreciei-a imensamente, capitão; foi uma viagem maravilhosa, e sou-lhe muito grata por toda a sua atenção.

Estendendo a mão para o barão, que a levou aos lábios e a beijou, Nadine acompanhou o capitão ao ponto da amurada onde era mais fácil descer do navio e entrar no bote. Para sua surpresa, além dos remadores não viera na embarcação ninguém para lhe dar as boas-vindas; levantando-se, a moça acenou para o velho diplomata, que permanecera junto à amurada.

Na escuridão e à distância, tudo o que pôde vislumbrar foi o braço do barão, erguido em um gesto de despedida. Voltando a sentar-se no banco da popa, Nadine tentou imaginar por que estaria sendo conduzida à terra daquela forma tão estranha. O que estaria à sua espera quando desembarcasse?

CAPÍTULO II

Quando o grande bote parou junto ao desembarcadouro, um vulto se adiantou das sombras para ajudar Nadine a subir à terra.

A jovem ia perguntar quem era ele, e se viera do palácio real; como, porém, o homem se mantivesse em silêncio, Nadine teve a sensação de que também deveria permanecer calada.

O desconhecido saiu caminhando à frente, e ela o seguiu até a extremidade do cais; ali, encontrava-se à sua espera uma carruagem que trazia o brasão real de armas e era tirada por dois magníficos cavalos. A porta já estava aberta, e ainda sem que nenhuma palavra fosse pronunciada por ninguém, Nadine entrou no veículo.

Quando os cavalos se puseram a caminho, a moça sentiu que a situação a cada minuto se tornava mais estranha e assustadora.

Embora não fosse possível enxergar muito bem pelas janelas da carruagem, Nadine viu que algumas pessoas transitavam pelas ruas iluminadas. Dali a cerca de vinte minutos, ela percebeu que o veículo começava a subir uma colina, e lembrou-se de que o palácio real ficava no alto de uma elevação de onde se podia enxergar toda a cidade.

A subida continuou até que a carruagem atravessou altos portões guardados por sentinelas, que apresentaram armas à sua passagem. Quando, finalmente, o palácio surgiu à sua frente, Nadine ainda não pôde enxergá-lo claramente, mesmo à claridade difusa do luar.

A carruagem afinal se deteve junto ao palácio; uma porta se abriu e apareceu um homem alto e de cabelos grisalhos. Assim que Nadine desceu, ele se adiantou e lhe estendeu a mão.

— Seja bem-vinda a Alexanderburg, Srta. Kenwin — disse o homem, em voz baixa; — sou-lhe extremamente grato por ter vindo. Faça o obséquio de me acompanhar; e é melhor que permaneçamos em silêncio até chegarmos a Sua Alteza Real.

Nadine achava aquilo tudo simplesmente extraordinário, e ao mesmo tempo assustador. Era evidente que não esperara que Louise, na posição de Princesa Real, viesse recebê-la à porta; por outro lado, porém, aquilo era algo que ela mesma, Nadine, teria feito instintivamente, sem levar em conta a importância de sua posição.

O homem que lhe dera as boas-vindas caminhava por um corredor estreito e aparentemente desimportante, subindo em seguida uma escadaria que também parecia discreta e semi-oculta. Nadine acompanhava-o de perto e, quando atingiram o primeiro patamar, ele abriu uma porta e a jovem, aliviada, finalmente encontrou luzes acesas. Encontrava-se a essa altura em um corredor muito mais largo e luxuoso, com as paredes repletas de quadros com molduras douradas.

Por alguns instantes, Nadine limitou-se a olhar em volta; em seguida, voltou-se para o homem que a levava até ali, e que tinha uma aparência das mais distintas.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, ele disse:

— Permita que me apresente, Srta. Kenwin. Sou o Conde Franz Klaud, Lorde Chamberlain de Sua Alteza Real o Príncipe Rudolf. — Sem saber o que responder, Nadine sorriu timidamente para ele. — Sou-lhe realmente muitíssimo grato por ter vindo com tanta presteza, e vou agora conduzi-la à presença de Sua Alteza a Princesa Louise, que a aguarda com impaciência.

Era justamente o que Nadine desejava, e ela o acompanhou ansiosamente enquanto ele seguia pelo corredor, virava para outra passagem semelhante e finalmente se detinha diante de portas duplas que também exibiam a Cota Real de Armas.

As portas pareciam firmemente trancadas, e Lorde Chamberlain bateu três vezes. Imediatamente, as portas foram abertas pelo lado de dentro e ele entrou, com Nadine em seus calcanhares.

Os dois se encontravam em um corredor brilhantemente iluminado, que foi se alargando até que Nadine pôde ver que várias outras portas se abriam para aquela passagem. Lorde Chamberlain aproximou-se da sala central, e quando abriu a porta Nadine deu um pequeno grito de alegria. Ali, diante dela, encontrava-se Louise.

A princesa abriu os braços, e Nadine correu para ela.

— Você veio! — exclamou Louise. — Você veio! Ah, Nadine, eu sabia que não me decepcionaria!

— É maravilhoso vê-la novamente — respondeu a jovem, com a voz embargada. — Como poderia deixar de atender a seu chamado?

— Eu sabia que você atenderia, e estou-lhe muito, muito grata. — A princesa beijou mais uma vez a amiga querida, e voltou-se para Lorde Chamberlain. — Houve alguma dificuldade?

— Tudo correu de acordo com seus planos, milady — respondeu ele. — Tenho certeza de que ninguém, à exceção de nós mesmos e do cocheiro, que é uma pessoa de absoluta confiança, sabe que a Srta. Kenwin está no palácio.

Surpresa, Nadine olhava de um para o outro.

— Por que todo esse mistério? — perguntou. — O que aconteceu?

— Calma, querida — respondeu Louise; — já vou-lhe dar todas as explicações.

— Vou deixá-las à vontade para conversarem — disse Lorde Chamberlain, dirigindo-se para a porta. Ao atingi-la, voltou-se e perguntou: — Há algo de que precise, milady?

— Eu havia até esquecido — respondeu Louise, olhando para ele. — Gostaria de comer ou beber alguma coisa.

— Eu adoraria um copo de limonada.....

— Quanto a comer, não estou com fome; fiz uma refeição antes de desembarcar.

— Tenho uma jarra de limonada em minha saleta — observou a princesa. — Então boa noite, Conde Franz, e mais uma vez obrigada por toda a sua ajuda.

Lorde Chamberlain fez uma respeitosa curvatura e retirou-se.

A princesa conduziu Nadine até sua luxuosa saleta particular; serviu-lhe um copo de limonada e sentou-se com ela no sofisticado sofá.

— E então, Louise? — perguntou a moça. — Estou curiosíssima!

— Compreendo, minha querida, que esteja surpresa e ansiosa para saber o que está ocorrendo.

— Confesso que sim — admitiu Nadine. — Por que somente me permitiram desembarcar depois de escurecer, e para que tanto segredo para me trazer até aqui?

— Sei que parece estranho — respondeu a princesa —, mas pedi que viesse porque você é a única pessoa no mundo que pode me ajudar neste momento.

— Sabe que farei tudo o que estiver a meu alcance — disse Nadine —, mas você precisa me contar o que devo fazer e por quê.

— Ah, Nadine, se pudesse imaginar o quanto senti sua falta e quanto desejei poder partilhar com você meus problemas e dificuldades!

— Não me diga que está tendo problemas com seu marido, o príncipe! — exclamou a jovem, de olhos arregalados.

— Não, querida — sorriu Louise —, pelo menos não da maneira como pensou. Mas na verdade é ele o motivo pelo qual preciso tão desesperadamente de você.

— Pois trate de me contar tudo desde o início; sou toda ouvidos.

Louise olhou em volta, como se para se certificar de que a porta se achava realmente fechada e que não havia mais ninguém na sala; e então começou a falar, em voz muito baixa.

— Estamos atravessando uma situação muito difícil; os russos nos vigiam o tempo todo.

— Mas o que estão eles fazendo? — apressou-se Nadine a perguntar. — Como podem atingir o Príncipe Rudolf, agora que você é esposa dele?

— Pois é justamente esse o problema — respondeu a princesa, deixando Nadine ainda mais intrigada. — Você sabe que, como tantas vezes repeti em minhas cartas, sou

imensamente feliz com Rudolf e que ele é um marido maravilhoso. Nós nos apaixonamos um pelo outro no exato momento em que nos conhecemos.

— E o que pode então haver de errado?

— É muito simples — disse Louise. — Já estamos casados há mais de dois anos e ainda não geramos um herdeiro para o trono.

— Mas é claro que isso é apenas uma questão de tempo — assegurou Nadine.

— Foi isso o que pensamos no início. Mas depois consultamos um de nossos médicos; ele garantiu não haver nada de errado comigo, mas disse que meu marido precisa se submeter a uma pequena intervenção cirúrgica.

— Quer dizer que se ele fizer essa operação...

— ...eu poderei ter filhos sem a menor dificuldade — completou Louise.

— Nesse caso — observou Nadine —, ele sem dúvida deve fazê-la!

— E é exatamente isso o que pretendemos — disse a princesa. — Mas é absolutamente essencial que os russos não fiquem sabendo de nada.

— Ora, por quê? O que têm eles a ver com isso?

— Os russos têm vigiado Alexanderburg atentamente — explicou Louise —, na esperança de que, por algum motivo, nosso casamento chegue ao fim; dessa forma, eles teriam a oportunidade de dominar nosso país. Seria muito fácil, então, fazer com que Rudolf sofresse um "acidente" fatal e, sem um herdeiro para sucedê-lo no trono, os russos teriam um pretexto para entrar em nosso território, alegando que viriam para manter a ordem.

— Ah, agora entendi — disse Nadine. — Nesse caso, é de um filho que vocês precisam.

— Por segurança, o melhor seria pelo menos uma dúzia deles — sorriu a princesa; — e você sabe que não há nada no mundo que eu mais deseje. Mas só posso consegui-lo, Nadine, com a sua ajuda. — Nadine parecia perplexa; não conseguia imaginar onde se encaixaria em tudo aquilo. — Agora que você chegou — prosseguiu Louise —, o que Rudolf e eu vamos fazer é partir imediatamente para Constantinopla, enquanto ainda está escuro.

— Partir? — exclamou Nadine, atônita. — Agora?

— Isso mesmo, querida; seria uma grande imprudência fazer a operação aqui, onde os russos podem subornar o médico ou atacar Rudolf enquanto ele ainda estiver excessivamente debilitado para resistir.

— Mal posso acreditar que vocês sejam obrigados a viver cercados de tamanho perigo — observou Nadine.

— Ah, já estamos acostumados — garantiu a princesa. — Mas nem por isso vou desistir de ter filhos; disseram-nos que a operação é muito simples, mas absolutamente essencial para a sobrevivência de Alexanderburg.

— E o que deseja que eu faça?

— Pensei que a esta altura você já teria adivinhado — sorriu Louise. — Nós duas sempre fomos muito parecidas e, como tão bem deve se lembrar, éramos chamadas de "As Gêmeas" na escola.

— Compreendo — disse Nadine, vagarosamente. — O que devo fazer é fingir ser você.

— Exatamente, minha querida. Não ficaremos ausentes por mais de duas semanas; mas a grande dificuldade, naturalmente, foi encontrar uma forma de sair do país sem que ninguém ficasse sabendo.

— E como pretendem fazer isso?

— Lorde Chamberlain anunciará amanhã que Rudolf sofreu um acidente enquanto cavalgava; como se feriu nos olhos, terá de ficar em repouso no escuro. — A princesa deu um profundo suspiro, e prosseguiu: — Minha querida Nadine, sei que vai ser muito difícil para você; sei o quanto detesta mentiras e fingimentos. Mas terá de entrar no quarto vazio do príncipe duas ou três vezes por dia, sob o pretexto de cuidar dele e de verificar seu restabelecimento; e terá também de dizer aos súditos que ele está se recuperando e que logo voltará à vida normal.

— E, ao mesmo tempo — observou a jovem —, tenho de fazê-los acreditar que eu sou você.

— Não será difícil enganá-los. Nós duas somos realmente muito parecidas e, caso tenha de ir à cidade, você poderá usar um chapéu de abas largas ou uma echarpe, impedindo que as pessoas lhe enxerguem claramente o rosto.

— E quanto aos habitantes do palácio? — quis Nadine saber.

— Não terão motivos para suspeita, pois os poucos que estarão em contato direto com você partilham de nosso segredo.

— E quem são esses?

— Em Lorde Chamberlain, por exemplo, você encontrará todo o apoio e ajuda — respondeu a princesa. — Poderá contar também com o criado particular de Rudolf, Paks; além do médico, ele será a única pessoa com permissão de entrar na alcova do enfermo. Quanto ao médico oficial de Sua Alteza Real, é um homem de idade avançada que também sabe do segredo.

— E quem mais?

— A aia que a assistirá, Nadine, é uma pessoa maravilhosa. Chama-se Maria; cuidou de Rudolf desde que ele era bebê, e antes disso cuidou da mãe dele. Apenas essas pessoas saberão que meu marido e eu estaremos ausentes do palácio. Embarcaremos em um navio que nos aguarda em uma parte mais oculta do cais, e retornaremos da mesma forma como você foi trazida até aqui. Tenho certeza de que conseguiremos passar totalmente despercebidos.

— Sem dúvida — disse Nadine —, foi uma recepção muito estranha, mas bastante eficiente em termos de discrição.

— Não há mais ninguém no mundo — prosseguiu Louise, tomando as mãos da amiga — que possa fazer isso por mim, a não ser você. E também não existe mais ninguém capaz de compreender o quanto isso significa para mim e para meu marido.

— Farei qualquer coisa que me pedir — sorriu a moça. — Mas tenho medo de cometer algum erro e estragar tudo.

— Não há com o que se preocupar. Quanto ao idioma, por exemplo, sei que você domina com perfeição nosso dialeto. Tudo o que terá de fazer é fingir preocupação com um marido convalescente; dessa forma, terá um pretexto para deixar de comparecer a festas ou oferecê-las no palácio.

— Naturalmente! — exclamou Nadine.

— A única coisa que me preocupa, querida — disse a princesa —, é que você terá de passar um longo tempo sozinha. Mas sei que gosta muito de ler e que, portanto, terá com o que se distrair. E uma coisa eu lhe prometo: assim que retornarmos, daremos uma recepção atrás da outra e você viverá em um turbilhão de movimento e alegria, sendo apresentada aos jovens mais encantadores de Alexanderburg!

— Não estou preocupada — riu Nadine — em ficar sozinha ou de conhecer ou não rapazes simpáticos; como você bem sabe, até hoje não conheci nenhum que realmente despertasse meu interesse. Tudo o que me inquieta é o temor de cometer um engano e despertar a suspeita de seus súditos.

— Basta procurar sempre a orientação de Lorde Chamberlain — aconselhou Louise. — Desde que vim para cá, ele tem sido de inestimável ajuda. Adora Rudolf e acredita de coração que meu marido é o melhor governante que este país já teve; dessa forma, apavora-o a simples idéia de permitir que os russos encontrem um pretexto para se apossarem de nosso território.

— Sei que isso deve ser evitado a todo custo — afirmou Nadine. — E, apesar de estar ainda com um pouco de medo, acho que esse seu plano é simplesmente brilhante.

— E a única forma de Rudolf se submeter a essa intervenção sem que os russos fiquem sabendo — confirmou a Princesa Louise. — Eles são tão inescrupulosos que, se descobrissem, tenho certeza de que encontrariam uma maneira de prejudicá-lo... e até mesmo... de matá-lo.

Essas últimas palavras foram pronunciadas com voz embargada, e Nadine imediatamente envolveu a amiga nos braços.

— Nem pense em uma coisa dessas, querida — disse. — Sua idéia é muito inteligente, e tenho certeza de que a operação será bem sucedida e de que seu marido logo se recuperará.

— Obrigada, Nadine; sei que posso contar com você. Não será assim tão difícil; basta que sorria para todos e lhes diga que são maravilhosos. Assim, ninguém a incomodará com perguntas indiscretas.

— Espero que tenha razão — observou a jovem. — E vocês vão realmente partir ainda esta noite?

— Vamos, sim — respondeu a princesa, levantando-se.

— E agora vou apresentá-la a meu maravilhoso e muito amado marido, que andava tão temeroso quanto eu de que você se recusasse a vir. Quando recebemos sua carta dizendo que aceitava o convite, nós dois saímos dançando pelo salão, de tanta alegria. — Louise abriu uma porta e disse: — Está tudo bem, Rudolf; venha conhecer Nadine. — O Príncipe Rudolf entrou na sala e, imediatamente, Nadine percebeu por que Louise o amava tanto. Ele era um jovem muito bonito, alto e de cabelos escuros, e poderia

tranqüilamente passar por um cidadão nascido na Inglaterra. Como se tivesse lido os pensamentos da amiga, a princesa esclareceu:

— A mãe de Rudolf era inglesa, e eu já disse muitas vezes a ele que, na Inglaterra, ele poderia ser facilmente confundido com um irmão meu.

O príncipe sorriu e estendeu a mão para Nadine.

— Estou-lhe extremamente grato — disse, falando um inglês perfeito — por ter vindo ajudar-nos. Como Louise lhe deve ter dito, a senhorita é a única pessoa capaz de fazê-lo.

A moça fez uma elegante mesura diante do príncipe e respondeu:

— E claro que farei tudo para ajudar Louise, Alteza, mas tenho muito medo de fracassar e decepcioná-la.

— Tenho certeza de que isso não acontecerá — afirmou o Príncipe Rudolf. — Tendo ouvido o que ouvi a seu respeito, estou certo de que a senhorita se sairá muito bem.

— Agora precisamos ir — interrompeu a princesa —; vou apenas vestir minha capa. Ah, Nadine, por falar nisso, você precisa usar minhas roupas, pois todos no palácio as reconhecerão.

— Imagino que minha esposa tenha lhe contado — disse o príncipe enquanto Louise se retirava da sala — que meu valete, Paks, não apenas partilha de nosso segredo como também ficou encarregado de ajudá-la de todas as maneiras possíveis. Ele e eu já enfrentamos situações difíceis e aterradoras no passado, e Paks sempre deu um jeito para que saíssemos ilesos.

— Espero que ele cuide de mim dessa mesma forma — disse Nadine. — Mas não acredito realmente que venha a correr algum perigo.

Pela expressão do rosto da moça, o príncipe percebeu que, apesar dessas palavras corajosas, ela se sentia bastante atemorizada.

— Vamos, não tenha medo — disse ele, baixinho. — Eu lhe asseguro de que, se confiar em Lorde Chamberlain e Paks, a senhorita ficará em total segurança e tranqüilidade até nossa volta.

A princesa entrou novamente na sala, apressada.

— O conde está à espera para nos levar até lá embaixo — disse ela. — Precisamos partir o mais rápido possível.

— Sim, sem dúvida — aquiesceu o Príncipe Rudolf.

— Obrigada, muito obrigada, querida Nadine — exclamou Louise, abraçando carinhosamente a amiga —, por ser tão maravilhosa conosco; eu tinha certeza de que você não se recusaria a nos auxiliar. É uma pena que eu não possa ficar até amanhã, para que tivéssemos tempo de conversar e recordar os velhos tempos.

— Podemos fazer isso quando vocês voltarem — respondeu a moça.

— Sim, é claro — concordou a princesa. — No momento, o mais importante é que Rudolf e eu não precisamos mais temer aqueles russos horrorosos.

Louise apertou a amiga nos braços e beijou-a novamente. Em seguida, quando Nadine se voltou para o príncipe e fez mais uma mesura, ele se inclinou e também a beijou no rosto.

— Eu lhe asseguro, Srta. Kenwin — disse —, de que não tenho palavras para expressar minha gratidão.

— Não há pelo que agradecer — respondeu ela. — Tudo o que desejo é que vocês retornem em segurança, e que eu tenha a engenhosidade suficiente para não deixar que ninguém se dê conta de sua ausência.

— Eis algo em que eu apostaria tudo o que possuo — afirmou o Príncipe Rudolf; e, dando o braço à esposa, retirou-se sorrindo da sala.

Lorde Chamberlain aguardava-os do lado de fora. Assim que a porta novamente se fechou, uma mulher já entrada em anos, usando um avental debruado de renda e uma touca sobre os cabelos grisalhos, entrou na sala, vinda de outro cômodo.

— Imagino que a senhora seja Maria — disse Nadine, sorrindo para ela.

— Exatamente, lady — respondeu a mulher em um inglês bastante passável. — Sua Alteza Real a Princesa Louise contou-me muitas coisas a seu respeito, e afirmou que a senhorita é a melhor amiga que ela já teve em toda a vida.

— Adoro Louise de todo o coração — afirmou a jovem —, e é por isso, Maria, que preciso tanto de sua ajuda. Tenho muito medo de cometer algum erro.

— Pelo bem de Sua Alteza Real o Príncipe Rudolf — disse Maria —, não podemos permitir que isso aconteça. Este país jamais conheceu um príncipe mais valoroso e cheio de bondade. — Fazendo sinal para que Nadine a seguisse pela porta por onde acabara de entrar, a aia prosseguiu: — Venha, lady, venha ver onde vai dormir; e vou mostrar-lhe também a alcova de Sua Alteza o Príncipe.

Havia dois enormes aposentos, ambos surpreendentemente elegantes e luxuosos. O quarto do príncipe ficava em uma das arestas do palácio, com janelas que davam tanto para os jardins da frente quanto para os dos fundos. O leito era o mais sofisticado que Nadine já vira; de madeira finamente entalhada, com acabamento em ouro, tinha um dossel de veludo escarlate. Na parte frontal do dossel, viam-se três cupidos de ouro que seguravam uma estrela; mais tarde, Nadine haveria de descobrir que a estrela era o emblema oficial de Alexanderburg, e aparecia em tudo o que se relacionasse à Família Real.

Contíguo ao do príncipe havia outro aposento, decorado com o mesmo bom-gosto e esmero. A cor predominante era um delicado tom de azul, e a cama, em vez de ser entalhada em ouro, era-o em prata.

— E a alcova mais linda que já vi em minha vida! — entusiasmou-se Nadine.

— Imaginei que a senhorita diria exatamente isso, lady — respondeu Maria, evidentemente considerando aquela observação um cumprimento. — Como deve saber, Sua Alteza a Princesa costuma dormir nos aposentos do esposo; e, para não levantar suspeitas, é lá que a senhorita deve dormir. Mas pode usar este quarto para se vestir.

— A senhora tem certeza de que ninguém no palácio sabe da partida de Suas Altezas Reais? Isto é, à exceção de Lorde Chamberlain, do valete de Sua Alteza o Príncipe e da senhora própria?

— Todos os comentários chegam a meus ouvidos — garantiu a aia —, e as pessoas andam dizendo que sentem muito por Sua Alteza o Príncipe ter ferido os olhos. Nem sequer desconfiam de que ele partiu às escondidas com a esposa.

— Precisamos então ser extremamente cautelosas — observou Nadine. — Vejo que minha bagagem foi trazida para cá; seria melhor que a senhora a escondesse o mais depressa possível.

Maria apanhou a mala e colocou-a no fundo de um grande guarda-roupa que ficava do outro lado do aposento.

— O melhor que tem a fazer agora, lady — disse, em seguida —, é deitar-se e ter uma boa noite de sono. Amanhã pela manhã tudo vai parecer bem melhor.

A aia ajudou Nadine a se despir e, quando fez menção de levá-la de volta para o quarto do príncipe, a moça se opôs.

— Eu gostaria muito mais de dormir aqui, neste aposento menor. Se alguém perceber, a senhora pode dizer que fiquei com medo de perturbar o repouso de meu marido.

— Pois faça como preferir, lady — sorriu Maria —; para dizer a verdade, sua beleza combina mais com a deste quarto.

— Muito obrigada — respondeu Nadine, sorrindo também. — Mas o que realmente desejo que a senhora diga é que sou tão bonita quanto Sua Alteza a Princesa. Acha que alguém vai reparar na diferença entre nós?

— Vou pentear seus cabelos como os dela — disse Maria —, e, de qualquer forma, a senhora verá muito pouca gente enquanto seu esposo estiver enfermo.

— Compreendo. Mas precisa contar-me, Maria, tudo o que puder a respeito de qualquer pessoa que vier visitar-me; deve impedir-me de cometer enganos que possam chamar a atenção.

— Pode contar comigo — afirmou a aia. — E quando o sol estiver forte, baixaremos as persianas das janelas para impedir que as pessoas a enxerguem claramente. — Nadine deitou-se na linda cama azul, que tinha um colchão macio e confortável. Maria colocou um copo d'água na mesinha de cabeceira e apagou todas as velas, menos o par que ardia ao lado do leito. — De agora em diante, lady — prosseguiu —, vou me dirigir à senhora como se fosse à princesa. Seria um grande erro tratá-la de forma diferente. — Fazendo uma rápida curvatura, Maria concluiu, em seu próprio idioma: — Boa noite, Alteza; durma bem e descanse bastante.

Antes de que Nadine tivesse tempo de pensar em uma resposta, a aia já se retirara.

A jovem apagou as duas últimas velas e, ainda muito agitada para pegar no sono, pôs-se a pensar. Na manhã seguinte, príncipe já deveria estar no hospital, à espera de sua cirurgia. Nadine compreendia perfeitamente o quanto aquela operação era importante para ele e Louise, e o quanto era essencial manter aquela viagem em segredo para os russos.

Em seguida, acomodando-se melhor contra os perfumados travesseiros, a moça perguntou-se como poderia tudo aquilo estar acontecendo com ela. Vivendo tranqüilamente com o pai em St. Albans, nem por um instante imaginara algo de tão

fantástico; àquela altura, porém, encontrava-se nos Bálcãs, no centro de uma intriga armada contra o poderio do Império Russo. Seria ela realmente capaz de fingir com sucesso ser a esposa de um príncipe governante?

Em seguida, Nadine pensou que aquela história era uma aventura digna de ser preservada para ser contada a seus filhos e netos; seu pai, por exemplo, seria o primeiro a achá-la deliciosa e a divertir-se muito com ela. Com esse agradável pensamento, a moça acabou por adormecer sorrindo.

Na manhã seguinte, Nadine despertou com a luz do sol, pois Maria já entrara na alcova e abrira as cortinas.

— Espero que Vossa Alteza Real tenha dormido bem — disse ela.

— Muito bem, Maria, obrigada. Acho que fiquei exausta depois de todas as emoções de ontem.

— Lá embaixo, todos estão esperando para saber se Vossa Alteza dormiu bem. E é a Paks que costumam pedir esse tipo de informação.

Nadine lembrou-se então do valete do Príncipe Rudolf, e concluiu que seria de bom alvitre conhecê-lo e conversar com ele.

Em seguida, percebendo que Maria se achava à espera de que ela se levantasse, a jovem saiu do leito e viu que seu banho já fora preparado, em uma grande e luxuosa banheira em frente à lareira. Pelo que parecia, dormia tão profundamente que não percebera a entrada de Maria e Paks, que haviam tomado juntos aquela providência.

Após o banho, a aia ajudou-a a se vestir, escolhendo um lindo vestido que viera de Paris. Já vestida, Nadine sentou-se diante da penteadeira, cujo espelho tinha uma moldura esculpida com cupidos dourados; em cima, havia uma estrela de ouro, idêntica à do leito.

Maria arrumou-lhe os cabelos de uma forma completamente diferente, fazendo o mesmo penteado usado por Louise; Nadine adorou o novo estilo, que a deixava extremamente elegante e com a aparência de um pouco mais velha. Na realidade, ficara tão parecida com a amiga que, ao se mirar no espelho, mal pôde reconhecer a si própria.

Embora a jovem não tivesse o hábito de usar maquilagem, Maria insistiu para que ela aplicasse no rosto um pouco de pó-de-arroz e usasse nos lábios uma leve camada de batom.

— Ficou muito bonita, lady — sorriu a aia. — Parece uma princesa de verdade!

Nadine deu risada, mas, fitando novamente o próprio reflexo no espelho, foi obrigada a admitir que em nada se parecia com a filha de um austero bispo.

O desjejum encontrava-se à sua espera na saleta particular; e foi ali que, ao terminar a refeição, Nadine finalmente conheceu Paks. O valete do príncipe era um homem que se aproximava da casa dos quarenta; tinha um rosto um tanto estranho, diferente do comum, e seus olhos eram brilhantes e cheios de vida. Ao entrar na sala, Paks curvou-se respeitosamente diante da moça, e dirigiu-se a ela da mesma forma como Maria fizera.

— Caso Vossa Alteza deseje dar uma volta pelo jardim, basta me dizer; irei imediatamente verificar se há alguém suspeito pelo caminho.

— O senhor acha que pode haver alguma pessoa hostil ou desconhecida no palácio?
— perguntou Nadine.

— Nunca se sabe — respondeu ele. — Nos tempos que correm, Alteza, até as paredes têm ouvidos. Temos de ser muito, muito cuidadosos, para que Sua Alteza o Príncipe continue a ser nosso protetor e o guardião da felicidade de nosso povo. — Aquelas palavras, ditas com forte sotaque, soavam tão irreais para Nadine quanto todo o restante. — Agora, milady — prosseguiu o valete —, Lorde Chamberlain solicita uma audiência com Vossa Alteza.

— Por favor — respondeu Nadine —, peça a ele que entre. O Conde Franz foi introduzido na sala e fez uma profunda reverência diante da moça; assim que Paks se retirou, ele se aproximou do sofá onde Nadine se achava sentada.

— Milady está bem? — perguntou.

— Tenho a sensação de estar flutuando nas nuvens — respondeu ela —, e que isso tudo não passa de um sonho. Por outro lado, é uma experiência das mais emocionantes.

— Lorde Chamberlain deu risada, mas permaneceu de pé.

— Por favor, sente-se — acrescentou Nadine.

— Eu estava esperando que milady me desse permissão para isso — observou ele. — Como sabe, na presença de uma princesa ninguém pode se sentar a não ser que para tanto receba uma ordem.

— Quer dizer que devo representar meu papel até mesmo quando estiver a sós com o senhor? — perguntou ela, surpresa.

— Para ser uma boa atriz — disse Lorde Chamberlain —, milady não deve agir apenas com o corpo, mas também com a mente. E preciso que realmente acredite ser a personagem que está representando, caso contrário não será difícil que os outros percebam que tudo não passa de fingimento.

— Entendo — sorriu Nadine. — Peço-lhe, então, que me conte mais sobre o que devo fazer, e prometo que tentarei representar meu papel de forma tão perfeita que o senhor nunca mais precisará chamar-me à atenção.

Dessa vez foi Lorde Chamberlain quem deu risada, acomodando-se em uma poltrona.

— Esta tarde, infelizmente — disse —, milady será obrigada a recepcionar um grupo de mulheres que vêm à capital todos os anos, a convite do prefeito.

— Mas pensei — observou ela — que teria apenas de ficar aqui lendo um livro até a volta de Suas Altezas Reais!

— Pois era apenas isso que esperávamos que milady tivesse de fazer — respondeu Lorde Chamberlain. — Mas esse compromisso já fora marcado por um de meus assistentes, que se esqueceu de me informar a respeito. Agora é tarde demais para cancelá-lo, pois muitas das mulheres, que são mães de alunos de nossas escolas, já devem ter partido de suas cidades e estão a caminho da capital.

— E se eu cometer algum engano? — perguntou Nadine, apreensiva.

— Tenho certeza de que, na casa de seu pai, milady já desempenhou muitas vezes o papel de anfitriã.

— Bem, se encararmos o caso por esse ângulo, é verdade.

— Dessa forma — observou Lorde Chamberlain —, milady sabe como agir. Terá apenas de ouvir as conversas, sorrir, ser simpática e, afinal de contas, na verdade não fazer nada. Sei que milady fala fluentemente o alemão, e assim o idioma também não será problema.

— Tem absoluta certeza — insistiu a moça — de que elas não perceberão que não sou quem estarei fingindo ser?

— E por que perceberiam? — replicou o lorde. — A maioria delas vem de fora da cidade e jamais viram a princesa pessoalmente. Tudo o que milady precisa fazer é se comportar como se estivesse em sua casa — acrescentou, fazendo uma curvatura e retirando-se.

Nadine voltou para o quarto e aproximou-se da janela, onde permaneceu por longo tempo contemplando o mar ao longe.

Como era fantástico tudo aquilo; em um piscar de olhos, ela fora retirada de seu lar sossegado em Hertfordshire e trazida para aquele país estranho. Ali, o povo lutava contra um ambicioso e agressivo vizinho, que tudo fazia para invadir-lhe o território e dominá-lo.

Erguendo o olhar para o céu, de onde desciam os raios de sol que transformavam aquela terra em um paraíso de beleza, Nadine fez uma prece para que Deus lhe concedesse a habilidade de representar seu papel com a maior perfeição possível. Que Ele lhe proporcionasse a força interior e a coragem de que tanto necessitava, e das quais dependiam a segurança e a felicidade de Alexanderburg.

CAPÍTULO III

Usando um dos vestidos de Louise e com o novo penteado protegido por um elegante chapéu da amiga, Nadine desceu para o salão de entrada do palácio.

Ali, aguardava-a o escudeiro que a escoltaria à Prefeitura, onde se realizaria a reunião anual das mães de alunos. Era um rapaz jovem e bonito, e ficou bastante impressionado com a "Princesa Louise", com quem jamais tivera antes um contato pessoal.

Sentando-se em frente a ele no interior da carruagem, Nadine pediu-lhe:

— Por favor, eu gostaria de que me falasse a respeito das pessoas com quem vou me encontrar. Esqueci-me de pedir a Lorde Chamberlain que me fornecesse a lista.

— Eu a trouxe comigo — respondeu o escudeiro —, para o caso de Vossa Alteza precisar.

— Foi muita atenção de sua parte! — exclamou Nadine. — E preciso também de que me recorde os diferentes lugares que visitei, para a eventualidade de alguém mencionar um deles. As participantes da reunião ficarão aborrecidas se eu não me lembrar de suas cidades.

— Isso será difícil — riu o rapaz — Já que existem tantas cidadezinhas e aldeias em Alexanderburg. Para dizer a verdade, eu, que sou de Viena, também tenho uma enorme dificuldade em me lembrar de todos esses lugares.

— Nesse caso — sorriu a moça —, vamos fazer tudo para não deixá-las perceberem nossa ignorância!

Apesar da situação difícil que se achava prestes a enfrentar, Nadine sentia-se muito contente pela oportunidade de conhecer a cidade; as árvores que cresciam ao longo das calçadas da maioria das ruas davam a Alexanderburg uma aparência das mais atraentes.

A Prefeitura era um edifício bonito e imponente. Nadine foi recebida pelo Lorde Prefeito e por vários membros do Conselho Municipal, todos com suas vestes de cerimônia; os homens curvavam-se diante de sua mão, e as mulheres faziam-lhes as medidas de praxe.

Em seguida, a jovem foi conduzida para um enorme salão, que já se achava literalmente apinhado de mulheres; à exceção dos que ocupavam a plataforma, não se via um único representante do sexo masculino.

O Lorde Prefeito fez um longo discurso, expressando a sua e a gratidão de todos os convidados pelo comparecimento de Sua Alteza Real àquela reunião anual de mães de alunos. Ao terminar suas boas-vindas, ele se voltou para Nadine e disse: — Talvez Vossa Alteza Real pudesse dizer algumas palavras às senhoras presentes. O que acha, milady?

— Será um imenso prazer — respondeu ela. Ao se levantar, Nadine agradeceu aos céus por ter tido a oportunidade de se exercitar no idioma, durante a viagem de navio com o barão. Lembrando-se de que devia personificar Louise, começou por falar da infância feliz que passara na Inglaterra, e da escola inglesa que freqüentara. — Sua Alteza Real, meu esposo, disse-me que já tem vários projetos para fazer melhoramentos nas escolas de Alexanderburg. Mas há uma coisa muito importante que as senhoras devem fazer em casa: é preciso que despertem em seus filhos o interesse por aprender, antes mesmo de que eles comecem a freqüentar a escola. — Nadine afirmou que era essencial que as crianças aprendessem a ler e escrever o mais cedo possível, e prosseguiu: — Até hoje, sinto-me muito grata por ser capaz de ler um livro após o outro e de passar com eles momentos muitíssimo agradáveis. A leitura é uma das melhores formas de educação, e toda criança, desde pequena, deve ser incentivada a ler pelo menos os mais simples dos contos de fadas. — A jovem percebeu que as convidadas a escutavam com toda a atenção, e que o Lorde Prefeito e os conselheiros pareciam simplesmente atônitos. Apesar disso, continuou por um longo tempo a falar sobre educação, chegando até mesmo a responder às perguntas das mulheres.

— Nós lhe agradecemos muito, Alteza — disse o Lorde Prefeito, quando Nadine esclareceu a última dúvida de uma das mães. A "princesa", porém, notara que muitas delas haviam trazido os filhos consigo; e ainda não terminara o que tinha a dizer.

— Agora, senhoras — anunciou ela —, vou descer desta plataforma para conhecer de perto essas lindas crianças que as acompanham. Elas se comportaram muito bem durante os discursos, e é evidente que estão sendo criadas de forma adequada.

As mulheres ficaram simplesmente encantadas. Nadine começou a andar pelo salão, sorrindo, brincando com as crianças e tomando nos braços os pequeninos de colo. As mães sussurravam umas ao ouvido das outras, expressando sua admiração por aquela princesa tão gentil e atenciosa.

Assim que Nadine completou sua volta pelo salão, o Lorde Prefeito anunciou que o chá estava servido, conduzindo a moça e os conselheiros para seus aposentos particulares.

— Tenho absoluta certeza, Alteza — disse ele —, de que as mulheres que compareceram a esta reunião terão o que comentar até o ano que vem.

Nadine deu risada, mas nesse momento lembrou-se de que Louise não era tão culta quanto ela, e que não tinha o mesmo hábito de ler tudo o que encontrava pela frente. Temerosa de ter-se excedido, tratou de mudar de assunto, perguntando a respeito da situação política em Alexanderburg.

O Lorde Prefeito hesitou por alguns instantes antes de responder.

— As coisas andam relativamente calmas, Alteza — disse ele afinal —, mas desconfio de que certos intrusos estrangeiros têm-se infiltrado na cidade, reunindo-se com os homens à noite, quando eles saem do trabalho. Pelo que ouvi falar, esses desconhecidos têm tentado provocar revoltas populares, usando de meios sutis que não temos condições de controlar.

— Mas o que devemos fazer, então?

— Em minha opinião — respondeu o homem —, o que Vossa Alteza Real fez durante a reunião foi extremamente importante. Aquelas mulheres ficaram absolutamente encantadas com milady; como eu já lhe disse, terão assunto para comentar por um longo tempo, e não darão tanta atenção ao que os maridos disserem.

— Está sugerindo, milorde Prefeito, que o povo deste país tem sido levado a acreditar que está sendo mal governado e oprimido?

— Somente em determinados distritos, pelo menos por enquanto — afirmou ele. — Mas temos muito medo de que a situação se agrave, como aconteceu em outros países.

— Acho que é muito importante — observou Nadine — que os habitantes de Alexanderburg passem a ver a meu marido e a mim com muito mais freqüência. É preciso que se convençam de que seus governantes sabem de seus problemas, que se preocupam com eles e estão dispostos a resolvê-los. — Com um sorriso, a jovem concluiu: — E agora, milorde Prefeito, antes de lhe apresentar meus agradecimentos por este delicioso chá e voltar para o palácio, eu gostaria de me despedir de nossas convidadas.

Deixando o pobre homem ainda mais espantado, Nadine voltou ao salão onde as mulheres terminavam de tomar seu chá. Algumas delas já se preparavam para partir, agasalhando os filhos menores.

Fingindo não ter percebido a surpresa que causara, Nadine despediu-se pessoalmente de cada uma delas; sorria, apertava-lhes as mãos e dizia que tivera grande prazer em comparecer à reunião, sentindo-se ansiosa para revê-las assim que fosse possível.

Quando se retirou do salão, foi sua a vez de ficar surpresa; as mulheres bateram palmas e a aclamaram entusiasmamente, seguindo-a para o exterior do edifício e

continuando a aplaudi-la até que ela entrou na carruagem. E ficaram acenando em despedida até perderem o veículo de vista. Novamente a sós com a "princesa", o escudeiro comentou:

— Se me permite dizê-lo, Alteza, sua atitude com aquelas senhoras foi das mais atenciosas e simpáticas. Em minha modesta opinião, as mulheres deste país têm sido negligenciadas, enquanto os homens sempre contam com oportunidades para se sentirem importantes e expressarem suas idéias.

— Pois espero — respondeu ela — que daqui por diante essa situação mude completamente.

Veio-lhe então à mente o pensamento de que aquelas mães podiam ter achado estranho que "sua princesa", que parecia tão interessada em crianças, ainda não tivesse filhos. E, quase que instintivamente, Nadine fez uma silenciosa prece para que a visita do Príncipe Rudolf a Constantinopla fosse bem sucedida; que logo surgisse um herdeiro para o trono de Alexanderburg, tornando muito mais difícil a interferência dos russos no país.

— Seria muita ousadia minha — perguntou o escudeiro, quando já iam se aproximando do palácio — expressar minha profunda admiração pela atitude que Vossa Alteza tomou esta tarde? Fiquei profundamente impressionado não só pela maneira como milady tratou as senhoras, mas também pela forma como se impôs ao Lorde Prefeito.

— Acha que me impus a ele? — riu Nadine.

— Sem dúvida alguma, Alteza. Nosso prefeito é um homem um tanto inflexível, que faz questão de que as coisas sejam feitas exatamente como sempre o foram. Vi como ele ficou surpreso quando milady insistiu em voltar para o salão.

— Pois então teremos de fazê-lo compreender — respondeu ela, rindo novamente — que os governantes deste país desejam que as coisas passem a ser novas e interessantes; não apenas para nós mesmos, mas também para aqueles a quem governamos.

— Vossa Alteza Real certamente desferiu o primeiro golpe esta tarde — afirmou o rapaz. — Tenho certeza de que, neste momento, a cidade inteira já não fala de outra coisa.

De volta ao palácio, Nadine recebeu também as congratulações de Lorde Chamberlain; ele fora informado do que acontecera e solicitou permissão para conversar com ela em sua saleta particular.

— Ouvi dizer que milady deixou o Lorde Prefeito absolutamente atônito — disse ele.

— Espero não ter feito nada de errado — respondeu Nadine, apreensiva.

— Não, milady — disse Lorde Chamberlain —; o que fez foi absolutamente correto. Foi algo em que nós, aqui do palácio, devíamos ter pensado antes, mas infelizmente não tivemos tanta presença de espírito. — Sorrindo, ele sacudiu a cabeça e prosseguiu: — Sou obrigado a confessar que me esqueci do quanto as mulheres são importantes. Mas, com essa brilhante idéia, milady criou uma nova defesa contra os russos, um recurso que jamais nos passara pela cabeça.

— É essa a sua opinião, milorde?

— Sem dúvida. Foi estupidez minha não ter percebido que as mulheres têm uma tremenda influência sobre os maridos. Esta noite, antes de dormir, cada homem casado de Alexanderburg terá de ouvir a esposa fazer entusiásticos elogios à sua princesa, e ficará

sabendo que ela é uma pessoa maravilhosa que dá atenção e se preocupa com as mulheres e crianças de seu reino.

— Se é assim, milorde — sorriu Nadine —, fico muitíssimo feliz.

— Sempre ouvi falar que seu pai, Alteza, é dono de uma extraordinária inteligência; e agora percebo que milady sem dúvida herdou essa qualidade.

— Espero realmente ter herdado pelo menos um pouco da presença de espírito de meu pai — disse a moça. — E uma pena que ele não tenha tido um filho homem; mas, por outro lado, isso me permitiu passar em sua companhia muito mais tempo do que teria passado se não fosse filha única.

— A única coisa de que tenho absoluta certeza — afirmou Lorde. Chamberlain — é que somos extremamente afortunados por tê-la aqui; e se milady continuar a nos surpreender como fez hoje, Suas Altezas Reais lhe agradecerão muitíssimo quando retornarem.

Naquela noite, ao se deitar, Nadine pensou longamente a respeito do que Lorde Chamberlain lhe dissera. Fora uma grande sorte que o compromisso da princesa com as mães não pudesse ser cancelado, e que ela tivesse sido obrigada a comparecer no lugar de Louise. E, com certeza, deveria haver outras maneiras de tornar ainda mais difícil a interferência dos russos em Alexanderburg. No momento, nenhuma outra idéia lhe ocorria, mas a jovem tinha certeza de que continuaria a ser inspirada, como fora naquela tarde, a dizer a coisa certa no momento adequado.

Depois de que o lorde se retirara, o jantar fora trazido para Nadine. Como precisava fingir que tomava as refeições juntamente com o marido, a moça jantara sozinha na saleta particular; Paks e Maria haviam recebido na porta as bandejas trazidas pelos criados.

Como seria de se esperar, os cozinheiros preparavam as refeições para duas pessoas; como os pratos tinham de voltar vazios para a cozinha, Maria e Paks começaram a reclamar de que estavam engordando.

— O que não conseguimos comer, Alteza — disse Paks — damos para os pássaros do jardim. Antes da partida de Sua Alteza Real a Princesa Louise, jamais havíamos visto tantos passarinhos esperando por nós.

Nadine recebeu a informação com boas risadas, e perguntou a Maria:

— Os súditos têm demonstrado muita curiosidade a respeito da enfermidade de Sua Alteza o Príncipe?

— Paks disse a eles que os olhos de Sua Alteza estão melhorando, mas que os médicos insistem em que a alcova permaneça no escuro, temerosos de que a luz lhe prejudique a visão. E disse também que Sua Alteza bateu a cabeça quando caiu da montaria, e assim necessita do maior silêncio possível.

Nadine sentiu-se mais tranqüila, percebendo que os dois criados haviam tornado impossível que alguém desconfiasse de que, na verdade, não havia ninguém na alcova real. Sabia que Paks trancava cuidadosamente a porta todas as noites, antes de se recolher. E, como o médico ordenara que o príncipe não fosse perturbado pelo menor ruído, nenhuma das outras criadas tinha permissão para entrar nos três aposentos particulares nos quais Nadine passava todo o seu tempo.

No dia seguinte, a jovem percebeu que não tinha coisa alguma para fazer. Assim, abriu a mala que Maria escondera e apanhou um dos livros que seu pai lhe dera; trancou-a novamente, com todo o cuidado, e guardou a chave em sua bolsa, onde ninguém a encontraria. Em seguida, comunicou a Maria que ia ao jardim particular de Louise, sentar-se um pouco ao sol.

— Milady verá que o jardim é agradável e sossegado, e ninguém irá perturbá-la — disse a aia. — Mas não vá ficar sob o sol sem um chapéu ou um guarda-sol; faz muito calor em Alexanderburg durante a tarde.

— Não se preocupe, Maria; não vou me descuidar. Mas como não estou acostumada a usar chapéu, prefiro sentar-me à sombra, sob a copa das árvores.

— Nesse caso, faça o obséquio de aguardar um pouco; vou mandar o jardineiro colocar embaixo das árvores uma cadeira confortável, com algumas almofadas. E vou também tomar providências para que ninguém entre no jardim pelo resto da tarde.

Nadine agradeceu e, dali a alguns minutos, desceu pela discreta escadaria que usara ao ser trazida para o palácio; soubera que aquele era um caminho utilizado exclusivamente por Suas Altezas Reais.

Qualquer passeio pelo jardim seria muito mais divertido se Louise se encontrasse em sua companhia. Com esse pensamento, de repente ocorreu a Nadine um problema que ainda não havia previsto: se permanecesse no palácio após a volta da princesa, seria um grande erro permitir que alguém as visse juntas. Era evidente que a extraordinária semelhança entre as duas despertaria suspeitas, e os comentários seriam inevitáveis.

Aquilo significava, concluiu Nadine, que ela teria de partir assim que Rudolf e Louise retornassem a Alexanderburg. Seria impossível permanecer ali sem causar sérios problemas, e no final ela não teria a oportunidade de passar um só momento a sós com a amiga. Embora aquele pensamento tivesse eliminado grande parte de sua, alegria, a moça convenceu a si própria de que não adiantava se preocupar com aquilo naquele momento. Ainda haveria, com certeza, muitas coisas úteis e importantes que poderia fazer enquanto representasse o papel de Louise.

A escada, que ela não pudera enxergar com clareza quando chegara, era guarnecida por um tapete muito bonito; das paredes, pendiam delicadas aquarelas que reproduziam recantos do jardim. Tentando imaginar quem as teria pintado, Nadine decidiu perguntar mais tarde a Lorde Chamberlain; já percebera que o conde era um homem gentil e bem-humorado, e seria muito interessante conversar longa e tranqüilamente com ele.

Ao entrar no jardim, entretanto, a jovem percebeu que, na verdade, ali não precisaria da companhia de ninguém. Os muros, cobertos de hera, garantiam a privacidade do príncipe e da princesa; no centro do gramado havia um lindo chafariz. Mais adiante, entre as árvores, via-se uma pequena e encantadora cascata; dela, originava-se um murmurejante regato, que serpenteava entre os arbustos e acabava por se perder de vista.

A beleza das flores, por sua vez, era de tirar o fôlego. Um confortável assento fora preparado para Nadine sob a sombra das árvores, que se achavam em pleno florescência; a cadeira encontrava-se circundada por uma profusão de lírios, que exalavam um delicioso perfume. Em resumo, o jardim parecia realmente saído de um conto de fadas.

Ao se sentar, Nadine descobriu que não podia ser vista das janelas do palácio. Lamentando ainda aquela necessidade de se esconder, perguntou-se como, em um lugar tão maravilhoso quanto Alexanderburg, podiam ocorrer fatos tão desagradáveis e perigosos. A julgar, porém, pela maneira como Louise e o marido haviam sido subrepticiamente retirados do palácio, ficara evidente que o perigo que ameaçava o país era real e muito grande.

Rezando para que toda aquela beleza jamais fosse maculada, Nadine finalmente abriu o livro que o pai lhe dera. Nele, encontrou interessantíssimas histórias e lendas dos Bálcãs, que relatavam a vida e os feitos de santos e heróis do passado.

A leitura, contudo, tornava-se difícil em meio a tantas coisas bonitas para as quais olhar. De repente, um casal de pombos brancos surgiu voando pelo céu; em seguida, eles desceram e pousaram no gramado que ficava bem em frente ao palácio e não muito distante do chafariz. Observando as duas amorosas avezinhas, Nadine mais uma vez lamentou não ter em sua companhia alguém com quem partilhar suas idéias e sentimentos.

Abrindo novamente o livro, Nadine percebeu que de repente os pássaros pousados nas árvores saíram voando, como que assustados. O que os teria perturbado? Devia ter sido algum animal maior, já que nenhum ser humano poderia ter entrado no jardim.

E então a jovem ouviu o ruído de passos apressados e pesados; alguém vinha correndo por entre as árvores. Apreensiva, com o coração disparado, Nadine viu finalmente que um homem surgia de entre os arbustos.

O primeiro olhar fê-la perder a respiração; o segundo fez com que ela se pusesse imediatamente de pé.

Ele era alto, e tinha os ombros largos. Sua camisa estava rasgada e suja de sangue, e também a testa e uma das faces mostravam-se ensangüentadas.

Nadine fitou-o, assustada e sem saber o que dizer; e então ouviu-lhe a voz grave e ofegante:

— Princesa Louise, ajude-me! Sou inglês, e... os russos estão... atrás de mim!

CAPÍTULO IV

Nadine soube imediatamente o que deveria fazer.

— Siga-me! — exclamou, e saiu correndo pelo gramado; passou pelo chafariz e tomou a direção do palácio. Ao chegar à porta que dava acesso à escadaria particular, com o desconhecido em seus calcanhares, abriu e entrou; apesar de não ter recebido instruções para isso, o rapaz trancou rapidamente a porta.

Ainda sem dizer uma só palavra, os dois subiram correndo as escadas. Ao atingir o corredor principal, por onde se entrava nos aposentos do príncipe, Nadine ficou indecisa; para seu alívio, porém, não havia ali viva alma,

Ouvindo o ruído, Paks abriu a porta intermediária e saiu.

— Mas o que está acontecendo, Alteza?

— Paks! — ofegou ela, com a voz entrecortada. — Este homem é inglês, e os russos estão em seu encalço! Por favor, coloque-o na cama de Sua Alteza o Príncipe; ali, ele estará a salvo.

O valete fitou rapidamente o homem que a seguira.

— Venha por aqui, Sir — disse, sem hesitar; e abriu a porta da alcova do príncipe. Assim que o desconhecido entrou, Paks voltou-se para a moça: — Vossa Alteza precisa informar a Lorde Chamberlain o que aconteceu.

Nadine assentiu; era justamente aquilo o que pretendia fazer. Antes de se afastar, porém, permaneceu à porta da alcova por mais alguns segundos, tentando recuperar o fôlego e o autocontrole; o inesperado acontecimento deixara-a profundamente abalada.

Em seguida, a jovem saiu vagarosamente pelo corredor, até alcançar a escadaria principal. Como ela previra, havia no salão lá embaixo um grande número de criados, além de dois ordenanças de Lorde Chamberlain. Lutando para não perder o sangue-frio, Nadine forçou-se a descer os degraus com a mesma atitude de aparente calma.

Quando ela chegou ao último degrau, um dos ordenanças aproximou-se correndo.

— Há algo de que Vossa Alteza Real esteja precisando?

— perguntou o homem, solícito.

— Desejo falar com Lorde Chamberlain — respondeu Nadine. — Diga-lhe que se trata de assunto de grande importância.

— Naturalmente, milady. Vou conduzi-la ao estúdio de Lorde Chamberlain.

— Muito obrigada.

O ordenança seguiu à frente e Nadine o acompanhou. Para seu alívio, outra sensata providência que tomara antes de partir fora dar folga às suas damas de companhia; dissera-lhes que não pretendia sair do palácio, e que nada faria a não ser cuidar do esposo enfermo.

Depois de caminhar por algum tempo até uma distante ala do palácio, o ordenança convidou a "princesa" a entrar em uma sala de espera. Ali, havia uma mesa central rodeada de desconfortáveis cadeiras de espaldar reto, encimada por uma pilha de jornais e revistas.

— Se Vossa Alteza Real fizer o obséquio de aguardar aqui por um instante — disse o rapaz —, vou avisar Lorde Chamberlain de que milady deseja vê-lo.

— Agradeço-lhe muito — forçou-se Nadine a responder;

— mas, por favor, seja rápido.

A jovem ainda trazia a respiração entrecortada, não somente por ter corrido com tanta rapidez, mas principalmente pelo susto que lhe causara o súbito aparecimento do inglês. Ele dissera que os russos o perseguiram, mas não esclarecera quantos eram os

perseguidores; podiam ser apenas alguns, ou talvez houvesse todo um exército de inimigos invadindo Alexanderburg sem que ninguém se tivesse dado conta.

O ordenança demorou muito pouco a retornar, e se aproximou sorrindo de Nadine.

— O visitante de Lorde Chamberlain acaba de se retirar — disse —, e ele se encontra à espera de Vossa Alteza Real.

O rapaz abriu a porta de uma sala contígua. A luz do sol entrava por duas grandes janelas que davam para o jardim; das paredes, pendiam magníficos quadros a óleo. Em qualquer outra ocasião, Nadine teria sido irresistivelmente atraída pelas pinturas, mas, naquele momento, tudo o que pôde fazer foi se aproximar rapidamente do lorde. Assim que ouviu a porta se fechar e teve certeza de que se achava a sós com ele, Nadine sussurrou, aflita:

— Os russos estão se aproximando do palácio! Acabo de levar para os aposentos do príncipe um inglês que eles estavam perseguindo!

Lorde Chamberlain fitava-a atônito; vendo como Nadine se achava pálida e agitada, disse, em voz baixa e controlada:

— Por favor, Alteza, sente-se e conte-me o que aconteceu. Seja o que for, vejo que a perturbou profundamente.

— E que estou com muito medo por todos vocês — respondeu ela. — Pode ser que ele tenha sido perseguido por apenas alguns inimigos; na verdade, não cheguei a ver ninguém.

— Acalme-se, milady — insistiu o lorde —, e tente começar do princípio. Conte-me exatamente o que ocorreu.

— Está bem — começou Nadine. — Fui ao jardim para ler um livro...

A despeito de seus esforços para se controlar, a jovem ainda tremia, e sua voz soava ainda mais entrecortada do que antes. Lorde Chamberlain permaneceu em silêncio, mas se levantou e foi até uma mesa lateral, onde havia algumas garrafas e jarras; depois de encher uma taça com um líquido cor de âmbar, aproximou-se de Nadine e colocou-a em suas mãos.

— Beba, bem devagar — disse ele. — Depois prossiga com seu relato.

A moça provou a bebida e percebeu que se tratava de conhaque. Como lhe fora sugerido, foi bebendo em pequenos goles, até que sentiu as batidas do coração se acalmarem um pouco.

Sinto muito por agir como uma garotinha apavorada desculpou-se —, mas, depois de ter visto o fugitivo, tive certeza de que seria necessário informar a milorde que há Inimigos russos aproximando-se do palácio.

— Não se aflija — tranquilizou-a o lorde —, vou conversar com o homem que milady resgatou. Mas primeiro termine sua história; Vossa alteza ainda não me contou o que exatamente aconteceu.

Já falando quase normalmente, Nadine contou-lhe de como ouvira o homem se aproximando por entre as árvores, e o que ele lhe dissera.

— Quando ele disse "os russos estão atrás de mim", percebi que não havia tempo a perder.

— Com sua inteligência — sorriu Lorde Chamberlain —, não é de admirar que tenha tido tanta presença de espírito. Qualquer outra mulher teria perdido tempo para fazer perguntas, e os russos poderiam ter aparecido e capturado o fugitivo.

— Não quero nem pensar nessa eventualidade!

— Vamos, acalme-se; vou agora conversar com esse seu amigo inglês e descobrir quem ele é, e por que os russos estão em seu encalço.

— Milorde não acha que todo um exército deles pode estar invadindo Alexanderburg neste momento? — perguntou a moça.

— Não, não acho — respondeu o lorde, sacudindo a cabeça. — Se tal coisa estivesse sucedendo, os guardas de nossas fronteiras já teriam dado o alarme. Posso estar enganado, mas essa parece ser uma batalha de um homem só.

— Espero que tenha razão — murmurou Nadine, com um suspiro de alívio.

Lorde Chamberlain viu que ela já havia esvaziado a taça de conhaque, e retirou-a de suas mãos.

— Agora vamos voltar para os aposentos reais bem devagar — disse —, como se nossa única preocupação fosse o estado de saúde de Sua Alteza o Príncipe; e vamos descobrir quem é esse fugitivo que milady salvou de forma tão rápida e inteligente.

— Jamais imaginei que uma coisa como essa pudesse acontecer tão perto do palácio — observou a jovem, ainda abalada.

— Quando se trata dos russos, milady, tudo pode acontecer.

— Então vamos, depressa! Não sabemos o que na realidade está ocorrendo, e milorde talvez tenha de enviar soldados para capturar esses tais russos que, obviamente, querem fazer do fugitivo um prisioneiro.

Lorde Chamberlain abriu a porta do estúdio e os dois tomaram o caminho dos aposentos reais. A todo momento, o lorde era obrigado a se deter para cumprimentar visitantes com quem ainda não conversara, dizendo-lhes que voltaria para sua companhia assim que se desincumbisse de uma providência urgente; e não os apresentou a Nadine.

Os dois subiram a escadaria bem devagar; somente quando chegaram ao topo foi que Nadine olhou para trás, e viu, lá embaixo no salão, os ordenanças cochichando um com o outro. Deviam estar especulando a respeito do motivo por que a princesa fora buscar Lorde Chamberlain; talvez pensassem que o estado de saúde do príncipe tivesse subitamente piorado. A jovem, porém, manteve-se em silêncio, e acompanhou o lorde pelos longos corredores que conduziam à alcova real.

Lá chegando, Lorde Chamberlain bateu três vezes à porta; era o sinal para que Paks soubesse que podia abrir sem problemas.

— Nosso visitante está decentemente vestido? — perguntou o lorde, assim que o valete abriu. — Sua Alteza a Princesa deseja entrar em minha companhia.

— Ele está deitado, milorde — sorriu Paks —, e muito satisfeito com tanto conforto.

Lorde Chamberlain e Nadine entraram na alcova envolta em penumbra. Ao se aproximarem do grande leito dourado, a moça viu que o rapaz se achava recostado nos travesseiros, já com um curativo na testa e outro na face.

— Fiquei sabendo — disse o lorde — que o senhor foi salvo por Sua Alteza a Princesa. Sou o Conde Franz, Lorde Chamberlain de Sua Alteza o Príncipe, e estou ansioso para ouvir sua história.

— Compreendo perfeitamente — respondeu o desconhecido. — • Mas, antes de mais nada, desejo expressar minha profunda gratidão a Sua Alteza por ter salvo minha vida, que se achava por um fio. Milady agiu com uma agudeza de espírito que jamais presenciei em minha vida.

Nadine fitou-o longamente; em seguida, ela e Lorde Chamberlain acomodaram-se em duas cadeiras que Paks puxara para junto do leito.

— Em primeiro lugar — prosseguiu Conde Franz —, eu gostaria de saber seu nome, caso isso não seja segredo.

— Para milorde não tenho segredos — afirmou prontamente o fugitivo. — Meu nome é Michael Ward.

Para sua surpresa, Nadine percebeu que Lorde Chamberlain ficara atônito. Confirmando a impressão da moça, ele exclamou, em tom de grande admiração:

— Michael Ward! Mas é claro que já ouvi falar do senhor! O que está fazendo tão longe da Índia?

— Se já ouviu falar de mim — replicou o rapaz — isso significa que não tenho me ocultado tão eficientemente quanto deveria, e explica por que quase fui capturado pelos russos.

— Isso faz sentido — concordou o lorde. — Mas fico muitíssimo surpreso por vê-lo aqui. Quando estive na Índia, o vice-rei falou-me a respeito de algumas das missões das quais o senhor se encarregara; e também da maneira brilhante como o exército havia logrado os russos, graças apenas às informações que o senhor forneceu aos comandantes indianos.

— Como milorde deve compreender — disse Michael Ward —, quanto menos se comentar a meu respeito, melhor. Tenho seguido um determinado russo durante os últimos dois meses, mas, junto à fronteira de Alexanderburg, tive a má sorte de ser reconhecido por um homem que venci em uma luta há quase dois anos atrás. Como meu disfarce já não servia para mais nada, minha única alternativa foi fugir para salvar a vida. Sinto informar que os russos que estão tentando capturar-me atravessaram a fronteira em meu encalço e já sabem que me encontro aqui no palácio.

— E são muitos, esses seus perseguidores? — quis saber Lorde Chamberlain.

— Não tangos a ponto de causar preocupações a milorde neste momento — respondeu Michael Ward. — Mas, em seu lugar, eu redobraria imediatamente as defesas de Alexanderburg. Na verdade, assim que me tivesse desincumbido da missão da qual fui encarregado, minha primeira providência seria informar a milorde que os russos estão à espreita, com a intenção de dar início às costumeiras manobras para tentar conquistar Alexanderburg.

— Eu já sabia disso — afirmou o lorde. — Para dizer a verdade, o senhor apareceu no momento exato. Como já deve ter percebido, Sua Alteza Real o Príncipe Rudolf está ausente, em uma viagem da qual ninguém tem conhecimento, à exceção de minha própria

pessoa, do criado que prestou assistência ao senhor e de... Sua Alteza a Princesa. — Antes de pronunciar essas últimas palavras, Lorde Chamberlain hesitara por alguns segundos; Nadine sabia que ele estava em dúvida se devia revelar a Michael Ward que a Princesa Louise se encontrava em companhia do marido, ou deixar que ele continuasse pensando que ela, Nadine, era a princesa. Como sinal de que se decidira pela última hipótese, o lorde voltou-se para ela e disse: — E minha obrigação e grande satisfação, Alteza, explicar-lhe que o cavalheiro que milady salvou de forma tão rápida e inteligente é, na verdade, membro de um grupo muito secreto de oficiais britânicos que se esforça para neutralizar as investidas dos russos contra a Índia.

— Se não estou enganada — sorriu a moça —, milorde se refere ao Grande Jogo.

— Já ouviu falar desse grupo, Alteza? — perguntou Michael Ward.

— Meu pai é muito amigo do vice-rei, o Marquês de Ripon — respondeu Nadine —, que lhe revelou em confiança que as informações conseguidas pelos membros do Grande Jogo haviam significado a salvação dos fortes da fronteira a noroeste. O marquês contou também a meu pai que o grupo forneceu relatórios do que ocorria na Ásia, onde os cossacos cada vez mais se aproximam da vitória.

— Sempre pensamos — riu Michael Ward — que ninguém, à exceção das autoridades, sabia de nossas ações; e sempre nos gabamos de sairmos ilesos de todas as dificuldades. Apesar disso, Vossa Alteza Real conhece nosso segredo.

— Até este momento — respondeu Nadine —, apenas de ouvir falar.

— Se foi esse o motivo de sua presença de espírito em me salvar com tanta rapidez — disse o rapaz —, tudo o que me resta a fazer é agradecer-lhe novamente, de todo o coração, por me proporcionar a oportunidade de assistir ao amanhecer de um novo dia.

— Não há pelo que agradecer — respondeu ela. — Mas o senhor compreende que ainda está vulnerável, e já que seus inimigos sabem onde se encontra, podem fazer uma nova tentativa.

— Agora que conheço sua identidade — disse Lorde Chamberlain — e o motivo de sua presença aqui, vou mandar imediatamente intensificar as defesas em torno do palácio. E nem é preciso dizer que ninguém, além de nós, pode ficar sabendo do motivo.

— Isso é mais do que evidente — concordou Nadine. — Mas será que o Sr. Ward está realmente a salvo, ou seria melhor mandá-lo para um lugar mais seguro?

— Aqui ele não apenas estará completamente a salvo — respondeu o lorde —, como também talvez possa ser de grande utilidade para nós. — Tanto a moça quanto o fugitivo fitaram-no com uma expressão de surpresa. — Imagino, Sr. Ward — prosseguiu Lorde Chamberlain —, que Paks, o criado que o assistiu, não lhe revelou que o senhor se encontra no leito de Sua Alteza o Príncipe porque esse leito está desocupado. Apesar disso, todos no palácio estão pensando que o príncipe se encontra aqui, recuperando-se de uma queda, ocorrida durante um passeio a cavalo, que lhe afetou os olhos.

— Para dizer a verdade — respondeu o rapaz —, imaginei que deveria haver um motivo para a penumbra em que se encontra esta linda alcova.

— O motivo é muito simples, mas deve permanecer em absoluto segredo. Sua Alteza o Príncipe viajou a Constantinopla, para se submeter a uma pequena cirurgia; e seria uma grande imprudência permitir que os russos soubessem de sua ausência.

— Compreendo perfeitamente. E tenho certeza de que todas as precauções foram tomadas.

— Achávamos que já havíamos feito tudo o que podíamos

— sorriu o lorde —, até que um membro do Grande Jogo surgiu para ficar no lugar de nosso príncipe.

— Dou-lhe minha palavra de que pode confiar em mim

— garantiu Michael Ward.

— Não somente confio plenamente no senhor, como faço questão absoluta de sua permanência no castelo até a volta de Sua Alteza Real. — O rapaz fitou-o, surpreso, e Lorde Chamberlain explicou: — Aqui estará muito mais seguro do que em qualquer outro lugar. Como sabe, se puderem evitá-lo, os russos jamais procuram abertamente por suas presas; geralmente, a única maneira de fazê-los desistirem é a notícia da morte do indivíduo a quem perseguiam.

— Que horror! — exclamou Nadine.

— O Sr. Ward sabe que não estou exagerando — prosseguiu o lorde. — Por outro lado, a presença dele no palácio tornará as coisas muito mais fáceis para nós; não precisaremos mais temer que, por um golpe de má sorte, alguém descubra que o leito de Sua Alteza o Príncipe se encontra desocupado, e que ele se encontra ausente do país.

— Milorde tem toda a razão — afirmou o rapaz. — Na verdade, essa é uma oportunidade que os russos jamais deixariam de aproveitar. De minha parte, exausto e ferido como estou, tenho a maior satisfação em aceitar tão generoso convite.

— Ninguém fica mais satisfeito do que eu — observou Lorde Chamberlain. — De agora em diante, poderei dormir mais sossegado.

— Há apenas uma coisa que eu gostaria muitíssimo de saber — disse Michael Ward.

— Quem é, na realidade, essa linda lady que com tanto brilhantismo se faz passar pela princesa?

— Eu sabia que não poderíamos enganá-lo por muito tempo, Sr. Ward — afirmou Lorde Chamberlain, com uma grande risada. — Permita então que eu lhe apresente a Srta. Nadine Kenwin, que, igualmente em segredo, fez-nos o obséquio de tomar o lugar de Sua Alteza Real a Princesa Louise.

— Pois torno a lhe agradecer do fundo do coração, senhorita — disse Michael Ward, fitando Nadine diretamente nos olhos. — Jamais imaginei encontrar uma mulher que tivesse um discernimento tão rápido e profundo de minha situação; qualquer outra ficaria com medo de mim e fugiria.

— Quando o senhor esteve na Índia — observou o lorde —, deve ter ouvido falar do pai da Srta. Kenwin, o Bispo de St. Albans.

— Mas é claro que ouvi! — exclamou Michael Ward. — Cheguei mesmo a conhecê-lo pessoalmente, e sei que o bispo é um homem absolutamente brilhante.

— Nesse caso, já não lhe deve causar surpresa a atitude inteligente da filha desse homem.

— Os senhores estão me deixando constrangida — interferiu Nadine. — Não se esqueçam de que, embora já tenhamos vencido um obstáculo, é evidente que existem muitos outros a nossa frente.

— Sim, sem dúvida — aquiesceu Michael Ward; — mas aposto minha própria vida, senhorita, que com sua inestimável ajuda haveremos de ultrapassá-los a todos!

Os três se entreolharam, sorrindo, e o lorde afirmou:

— Vou dar instruções ao general que comanda nossas tropas para que a guarda do palácio seja redobrada, e para que ninguém, absolutamente ninguém, receba permissão para passar. Seria para os russos uma grande vitória, Sr. Ward, eliminar ao mesmo tempo o senhor e Sua Alteza o Príncipe.

— E uma pena — observou o rapaz, em tom pesaroso —, mas ultimamente eles têm conseguido várias vitórias dessa natureza. Como milorde bem sabe, há algum tempo o Império Russo ficava a mais de três mil quilômetros da Índia, mas os russos vêm diminuindo essa distância em mais de trinta quilômetros por dia.

— O senhor está me deixando ainda mais apreensiva — queixou-se Nadine. — Eu pensava que estávamos totalmente a salvo aqui em Alexanderburg, já que a princesa que ocupa o trono conta com a proteção pessoal de Sua Majestade, a Rainha Vitória.

— Era isso o que todos nós esperávamos — interferiu Lorde Chamberlain. — Mas se a princesa ou seu esposo, o príncipe governante, estiverem ausentes, os russos não pensarão duas vezes para alegar que isso lhes dá o direito de se apossarem de nosso país.

— Eu lhes asseguro — disse Michael Ward — de que o governo da Índia está disposto a não permitir de forma alguma que a Rússia a domine. E os Bálcãs, se forem inteligentes e firmes, também podem ser salvos.

— Infelizmente, nem todos os principados podem ser considerados assim — observou o lorde.

— Mas o principado de Alexanderburg pode — sorriu o rapaz. — Dessa forma, milorde, apresse-se a redobrar suas defesas; quanto a mim, assim que tiver uma boa noite de sono, estarei pronto para relatar-lhe fatos de que, tenho certeza, milorde ainda não tem conhecimento.

— Esperarei ansioso por esse momento — respondeu Lorde Chamberlain, pondo-se de pé. Nadine fez também menção de se levantar, mas ele colocou a mão em seu ombro. —

Antes de que o Sr. Ward adormeça, seria conveniente que a senhorita conversasse com ele. E preciso que lhe forneça todas as informações necessárias para que ele possa representar com maestria o papel que lhe solicitamos.

— Estou às suas ordens, milorde — respondeu ela.

— Espero que ele concorde em permanecer no palácio até a volta de Suas Altezas Reais. Mas imprevistos acontecem; a senhorita mesma não foi apanhada de surpresa ontem? Pois o mesmo pode suceder ao Sr. Ward, e é preciso que ele tenha condições de se sair igualmente bem de uma situação inesperada.

Nadine olhou para Michael Ward, para ver se ele pretendia fazer alguma objeção; mesmo na penumbra do aposento, porém, a jovem viu que os olhos do fugitivo brilhavam.

— Muito bem, milorde — disse o rapaz —; seja para representar o papel de um príncipe governante ou o de uma mula empacada, pode contar comigo.

— Ótimo — respondeu o lorde, rindo. — Lembre-se apenas de que, no que diz respeito aos habitantes do palácio e de toda a cidade, o senhor é Sua Alteza Real o Príncipe Rudolf, que se recupera de um acidente que lhe afetou a visão.

— Não me esquecerei — garantiu Michael Ward. — Com todo este conforto, é um papel muito agradável de representar.

— Voltarei para vê-lo mais tarde, e lhe direi que ordens dei aos comandantes — despediu-se Lorde Chamberlain, encaminhando-se para a porta.

Depois de sua saída, Nadine ouviu-lhe a voz conversando com Paks, que montava guarda à porta do aposento. Voltando-se para Michael Ward, a jovem notou que ele parecia extremamente cansado, recostado contra os travesseiros.

— Se eu o deixar sozinho — observou ela —, tenho certeza de que o senhor adormecerá imediatamente. Não é de admirar, depois de tudo pelo que passou hoje.

— E que faz três noites que não durmo; era mais seguro andar à noite, protegido pela escuridão.

— Nesse caso, vou deixá-lo repousar à vontade. Deseja que o acordemos para o jantar, ou prefere dormir sem interrupções?

— Como faz também bastante tempo que não me alimento, prefiro jantar com a senhorita — respondeu ele; — não apenas para matar a fome, mas principalmente pelo prazer de sua companhia.

— Muito bem — disse Nadine; — então feche os olhos e fique tranqüilo, pois aqui nada pode ameaçá-lo. Caso precise de alguma coisa, Paks estará à sua disposição.

Michael Ward sorriu para ela, mas seus olhos já iam se fechando. Nadine encaminhou-se para a porta e, ao atingi-la, viu que o fugitivo já fora vencido pelo sono.

No corredor, a moça disse a Paks que Sua Alteza Real o Príncipe, como o Sr. Ward deveria ser chamado dali em diante, repousaria até a hora do jantar.

— Esse cavaleiro passou por um mau pedaço — comentou o valete. — Suas costas estão cobertas de profundos cortes e arranhões; vou tratar dos ferimentos assim que ele acordar.

— Como ele vai permanecer acamado — observou Nadine —, haverá muito tempo para isso. — Se começar a andar por aí alguém poderá vê-lo e pensar que já se recuperou o suficiente para descer ao salão principal, e então todos verão que ele não é o Príncipe Rudolf.

— Tem toda a razão, Alteza; eu já havia pensado nisso. Foi uma verdadeira bênção divina o Sr. Ward ter aparecido quando eu já começava a achar perigoso aquele leito vazio.

Nadine foi para sua saleta particular, e ao chegar lembrou-se do livro que esquecera no jardim; temerosa de voltar lá, decidiu pedir a Maria que fosse buscá-lo mais tarde.

Sentando-se à escrivaninha diante da janela, pensou no novo e súbito rumo que os acontecimentos haviam tomado; era muito emocionante saber que, dali por diante, teria Michael Ward com quem conversar. Se o rapaz havia tido uma participação tão brilhante no Grande Jogo como Lorde Chamberlain descrevera, com certeza seria capaz de imaginar novas formas para que, em caso de ameaça, Alexanderburg pudesse se salvar.

Com essa agradável perspectiva em mente, Nadine olhou para o relógio. Ansiava para que as horas passassem depressa e chegasse logo a hora do jantar; mal podia esperar para conversar com o recém-chegado.

As horas, porém, pareceram escoar-se mais lentamente do que nunca. Finalmente, Maria veio dizer-lhe que seu banho estava pronto, na confortável banheira colocada diante da lareira.

Dessa vez, foi a própria Nadine quem escolheu as vestes que iria usar; decidiu-se por um vestido muito bonito mas não excessivamente pomposo, mais apropriado para um jantar a dois. Mais uma vez, Maria fez-lhe um penteado semelhante ao de Louise.

Paks recebeu ordens para acordar o fugitivo, mas apresentou objeções.

— Acho mais conveniente não permitir que o cavalheiro se levante para o jantar, Alteza. E melhor que ele permaneça em repouso até que eu possa tratar dos ferimentos em suas costas; e, mesmo depois disso, não será conveniente deixar que se movimente muito, pois os cortes podem se reabrir e recomeçar a sangrar.

— Tem toda a razão — assentiu a moça. — Se ele preferir continuar dormindo, vou compreender perfeitamente. Caso contrário, sugiro que o senhor coloque uma mesa ao lado do leito, para que eu possa fazer companhia ao Sr. Ward durante a refeição.

Nadine esperou até que Paks retornasse e anunciasse, em tom pomposo, que o jantar estava servido. Levantando-se ansiosa, ela entrou na alcova, onde as cortinas se achavam fechadas; algumas poucas velas haviam sido acesas, e sobre a mesa encontrava-se um pequeno castiçal. A toalha era de uma renda extremamente delicada; sobre ela, Paks colocara um lindo arranjo de flores, colhidas no jardim do palácio.

Com os cabelos cuidadosamente penteados e uma echarpe de seda em torno do pescoço, Michael Ward achava-se sentado no leito, recostado nos travesseiros. Tinha uma aparência muito melhor e, ao ver Nadine, deu-lhe um grande sorriso.

— Permita que lhe diga — pediu ele assim que a moça se sentou — que a senhorita está muito bonita e elegante. Como esta é a primeira refeição decente que tenho há meses, sei que vou apreciá-la muitíssimo; mas minha maior satisfação será partilhá-la com uma lady tão linda.

— Será um grande prazer também para mim — respondeu Nadine. — Tenho achado muito triste fazer as refeições sozinha, sem ninguém com quem conversar, a não ser, naturalmente, Paks.

— Ele é exatamente o tipo de criado que merece estar a serviço de um príncipe real — disse Michael Ward. — E extremamente eficiente e atencioso, e me fez rir mesmo quando me provocava dor, ao cuidar de meus arranhões.

— Seus ferimentos estão doendo muito?

— Não vou me preocupar com isso enquanto tenho o prazer de sua companhia — afirmou o rapaz. — Quero que me conte tudo a seu respeito; desejo saber como foi aparecer de forma tão inesperada, ao invés de estar em casa ajudando seu pai a ensinar catecismo às criancinhas.

— Essa tarefa não me compete — riu a moça —, mas passo a maior parte do tempo sozinha com papai. Quando não está demasiadamente ocupado para me dar atenção, ele é um maravilhoso companheiro de conversa.

— Imagino então que a senhorita se viu envolvida nesta dramática aventura por ser amiga da Princesa Louise, e muito parecida com ela.

— O senhor é muito observador — respondeu Nadine. — Embora não tenhamos nenhum laço de parentesco, Louise e eu éramos chamadas de gêmeas na escola. Quando ela me escreveu pedindo que viesse imediatamente para cá, fiquei felicíssima em aceitar o convite, apesar de não saber o que se esperava de mim.

— Pois fique sabendo que é muito corajosa — disse Michael Ward. — Para mim, a senhorita pareceu um anjo caído do céu, que veio proteger-me entre suas asas e salvar-me de meus inimigos.

— Em minha opinião — observou ela, rindo —, o senhor não pode deixar de escrever um livro relatando essa e outras de suas aventuras.

— Já pensei nisso — respondeu Michael. — Mas não terei muitas outras aventuras; na verdade, creio que logo serei obrigado a me aposentar.

— Ora, mas por quê?

— Em primeiro lugar, por razões de família; em segundo, como a senhorita deve ter percebido hoje, porque já sou reconhecido por um número muito grande de pessoas. Por melhores que sejam meus disfarces daqui por diante, não conseguirei enganar os russos por muito mais tempo.

— Que disfarce usava em seu caminho para cá?

— Quando saí da Índia pela fronteira noroeste — disse ele —, vim disfarçado de monge. Depois, tornei-me um nativo que vendia cavalos; os dois animais que tinha comigo, eu os apanhara em um campo de batalha.

— E o senhor ainda diz que eu sou corajosa!

— E uma vida muito emocionante, mas que às vezes se torna aterradora — afirmou Michael. — Principalmente quando me pergunto quantos minutos de vida ainda me restam.

— Como pode ser tão valoroso — perguntou Nadine, reprimindo um gemido de horror —, a ponto de prosseguir com uma luta que pode tão facilmente terminar em derrota?

— Tenho plena consciência dessa possibilidade — respondeu ele. — Por outro lado, é um constante e excitante desafio contrapor minha inteligência e criatividade às dos russos, e se torna um grande prazer descobrir que sou mais inteligente e criativo do que eles.

Os dois caíram na risada, e em seguida Nadine observou:

— Esta noite o senhor deve estar muito contente com a oportunidade de dormir sossegado, sabendo que nada tem a temer.

— Sinto-me ainda mais contente por tê-la conhecido — afirmou Michael. - Ainda acho que a senhorita é um anjo que me foi enviado pelo Céu.

Diante de tais palavras, ditas em tom absolutamente sério, Nadine sentiu-se enrubescer. E não fazia idéia de como ficava linda com as faces delicadas tingidas pelo rubor.

CAPÍTULO V

Na manhã seguinte, Paks bateu à porta de Nadine, dizendo a Maria que precisava falar com a moça.

— O Sr. Ward não está muito bem — disse, quando ela lhe deu licença para entrar. — Parece que, depois de tudo pelo que passou, foi dominado pela exaustão.

— Ele está doente? — perguntou Nadine, aflita.

— Não exatamente — respondeu o valete. — Na verdade, o que precisa é de dormir, dormir muito; o sono será um medicamento muito melhor do que o de qualquer médico.

— Sem dúvida.

— E isso, Alteza, é justamente o que nosso paciente está fazendo. Se o deixarmos repousar bastante, milady verá que ele não demora a se recuperar.

— E os ferimentos, estão sarando?

— Já começaram a cicatrizar, mas ainda parecem doer bastante.

Em seguida, Paks apanhou a bandeja do desjejum de Nadine e levou-a embora.

A jovem se sentia cansada de ficar sozinha, mas ainda tinha medo de se aventurar no jardim. Embora tentasse rir de si própria pelo que considerava um temor infundado, a imagem do rosto ensangüentado de Michael não lhe abandonava a mente.

Lorde Chamberlain lhe havia assegurado de que a guarda do palácio fora redobrada; à noite, o número de sentinelas aumentara, e os soldados vigiavam os arredores atentamente, em busca de algum russo que pudesse estar à espreita. Apesar disso, Nadine não conseguia reprimir seus sentimentos de apreensão.

Em sua opinião, Michael Ward tomara uma decisão sensata, dispondo-se a eliminar seus temores e preocupações por meio do sono; tal situação, porém, deixava-a sem nada para fazer.

Nadine lia seu livro junto à janela aberta da saleta, quando Lorde Chamberlain apareceu.

— Fico muito contente em vê-lo, milorde — sorriu a moça.

— Nosso paciente está dormindo, e não tenho com quem conversar.

— Infelizmente — respondeu o lorde —, o que venho transmitir-lhe são más notícias.

— Más notícias? — repetiu ela, já apreensiva. — Mas do que se trata?

— Acaba de chegar ao palácio um visitante indesejável — esclareceu Lorde Chamberlain, acomodando-se em uma poltrona. — A senhorita não deve ter ouvido falar dele, mas esse sujeito é famoso por ser um hábil provocador de discórdias; e a última coisa de que precisamos em um momento como este é um bisbilhoteiro esgueirando-se pelo palácio e tentando descobrir o que está realmente ocorrendo.

— E quem é ele?

— É o Príncipe Hans Von Vechtel — respondeu o lorde.

— Parece um nome alemão — observou a moça.

— De certa forma, ele é mesmo de origem germânica; mas costuma mudar de nacionalidade de acordo com o país onde se encontra. Temos de redobrar de cautela; não podemos permitir de forma alguma que ele descubra que Suas Altezas Reais estão ausentes.

— Quer dizer que devo recusar-me a recebê-lo? — perguntou Nadine.

— Não, isso não terá importância. Ele não conhece pessoalmente a Princesa Louise, pois, na última vez em que se hospedou aqui, Suas Altezas Reais se encontravam em lua-de-mel no Palácio de Verão.

— Nesse caso, por que agora milorde está tão preocupado com a presença do Príncipe Hans no palácio? Afinal de contas, ele não poderá ver Sua Alteza o Príncipe Rudolf.

— Não poderá, mas tentará de todas as maneiras possíveis — explicou Lorde Chamberlain. — Se bem que isso também não seria assim tão preocupante; faz muitos anos que os dois não se vêem, e nosso visitante não suspeitaria de que Michael Ward está representando o papel de nosso príncipe.

— Continuo não compreendendo sua preocupação, milorde.

— É que, como eu já lhe disse, o Príncipe Hans é um criador de confusões; sua vida é ir de um país a outro, identificando os pontos fracos de cada um e revelando-os aos outros. É uma atividade que, ao ser relatada, pode parecer divertida; mas que, na realidade, é muito perigosa.

— E para que ele faz isso? — quis Nadine saber.

— Para ser considerado importante — respondeu o lorde. — Seu principado fica na fronteira entre a Rússia e a Alemanha; quando Bismarck criou o Império Germânico, os dois países entraram em disputa pela posse desse principado. Pelo que sei, estão discutindo até hoje.

— Que coisa extraordinária!

— O que a senhorita achará ainda mais extraordinária é a própria pessoa do príncipe — afirmou Lorde Chamberlain. — Ou, como a maioria das mulheres, haverá de considerá-lo muito atraente.

— Por favor — pediu a moça —, fale-me a respeito dele.

— Bem, em primeiro lugar, o Príncipe Hans é muito bem apossado e costuma ser um hóspede muito envolvente e divertido. Mas estou plenamente convencido de que ele veio a Alexanderburg apenas para transmitir aos russos o motivo de ainda não haver um

herdeiro para o trono. Caso chegue à conclusão de que esse motivo não é natural, com certeza irá correndo passar a informação ao czar, tirando disso alguma vantagem pessoal.

Nadine começou a perceber que Lorde Chamberlain não exagerava ao afirmar que o Príncipe Hans era perigoso.

— Mas ele já deve ter sido informado — observou ela — de que o Príncipe Rudolf não pode recebê-lo e de que eu estou cuidando de meu marido. Dessa forma, também não deve esperar que eu o receba.

— E o que eu gostaria de poder dizer a ele — respondeu o lorde; — mas seria um grande erro.

— Por quê?

— Porque isso lhe daria a confirmação de que algo fora do comum está ocorrendo. É conveniente dizer apenas, como já foi dito, que o Príncipe Rudolf sofreu um acidente que colocou em risco sua visão; mas que a princesa se acha com ótima disposição, e que não se recusará a receber um hóspede tão importante quanto o Príncipe Hans.

— Mas é que...

— A senhorita — interrompeu-a Lorde Chamberlain — é a única pessoa capaz de convencê-lo de que nada fora do normal se passa no palácio.

— E se o príncipe não acreditar em mim? — perguntou Nadine, com voz sumida.

— Ora, Srta. Kenwin — sorriu ele —, sabe que é muito bonita, e o Príncipe Hans tem uma irresistível queda por belas mulheres. Tudo o que terá de fazer é ser gentil e dizer-lhe que está encantada em conhecê-lo, e ele estará a seus pés.

— Mas e se ele insistir em ver o Príncipe Rudolf?

— Se não tivermos alternativa — respondeu o lorde —, levaremos o Príncipe Hans aos aposentos de Sua Alteza. Mas a alcova estará escura e nosso príncipe estará dormindo; dessa forma, nosso importuno hóspede não terá motivos para suspeitas.

— Compreendo — disse Nadine. — Mas milorde tem certeza de que devo receber o Príncipe Hans?

— Absoluta. Já tomei providências para o jantar desta noite, para o qual convidei o Primeiro Ministro e a esposa, e também um jovem estadista recém-casado com uma jovem muito bonita. Eu não quis reunir um número muito grande de pessoas, pois alguém poderia fazer alguma observação que levasse o novo hóspede a desconfiar de que, em nosso país, as coisas não andam tão calmas como queremos fazer parecer.

Nadine fitou-o com uma expressão de surpresa e temor.

— Está querendo dizer que os russos estão criando problemas?

— Não abertamente — explicou Lorde Chamberlain. — Mas existem boatos de que, nos povoados mais próximos da fronteira, eles têm tentado provocar revoltas populares.

— E milorde acha que o Príncipe Hans vai informar aos russos que seus agentes têm sido bem sucedidos?

— Sem a menor dúvida — garantiu o lorde. — Como a senhorita bem sabe, a Rússia há muito deseja que nosso principado seja incorporado a seu território.

— E uma grande falta de sorte o fato de Alexanderburg fazer divisa com o país russo — observou a moça.

— E verdade; mas nada podemos fazer, a não ser lutar com todos os recursos de que dispomos para conservar nossa independência.

Pelo tom de voz com que o lorde pronunciara essas palavras, ficara mais do que evidente o quanto aquilo significava para ele. Nadine tinha certeza de que, se havia alguém disposto a sacrificar a própria vida em defesa de Alexanderburg, essa pessoa era Lorde Chamberlain.

— Pode contar comigo para tudo o que for necessário — afirmou ela. — Mas, por favor, ajude-me a não cometer nenhum erro; será terrível se eu for responsável por tornar seu país vulnerável ao inimigo.

— Se é assim, peço-lhe apenas que trate o Príncipe Hans da maneira mais encantadora possível. E fique preparada, pois ele com certeza flertará com a senhorita, como costuma fazer com todas as mulheres bonitas que encontra.

— Que idade tem ele? — perguntou Nadine.

— Está para completar trinta e cinco anos. Não passa de um provocador de discórdias, mas nem por isso sua influência deve ser subestimada.

— E o que é que ganha esse príncipe, comportando-se dessa maneira?

— Poder e importância — respondeu prontamente Lorde Chamberlain. — São as duas coisas que mais adora e, à sua maneira, ele se tornou bastante importante em um grande número de países europeus. Dizem que a czarina o tem em alta conta, e que não sabe o que fazer para agradá-lo quando ele vai a St. Petersburg.

— E milorde realmente acredita que o Príncipe Hans tenha um motivo especial para vir a Alexanderburg neste momento?

O lorde demorou alguns instantes para formular sua resposta.

— Talvez seja excesso de imaginação de minha parte — disse ele afinal —, ou quem sabe eu esteja reagindo de forma demasiadamente sensível; a verdade é que o Príncipe Hans Von Vechtel é a última pessoa do mundo que eu gostaria de ver no palácio a esta altura dos acontecimentos. Apesar disso, é absolutamente impossível livrarmo-nos dele.

— Prometo-lhe, milorde, que farei tudo o que puder para ajudá-lo. Basta dizer-me o que espera de mim; serei extremamente cautelosa.

— Evidentemente — respondeu Lorde Chamberlain —, a coisa mais importante que ele não pode ficar sabendo é que a senhorita está se fazendo passar pela Princesa Louise, e que, de todas as pessoas do mundo, justamente Michael Ward é quem finge ser o Príncipe Rudolf. — Com uma risada sem humor, o lorde prosseguiu: — Seria uma história que, como um relâmpago, correria de boca em boca pela Europa inteira; e os russos não hesitariam em usá-la como pretexto para invadir Alexanderburg o mais depressa possível.

— Pois trataremos de evitar essa eventualidade a qualquer custo — declarou a moça. — O que deseja que eu faça, milorde?

— Em primeiro lugar, que desça para almoçar com o Príncipe Hans no salão principal. Como não haverá outros convidados, poderá conversar com ele sem interrupções.

— Milorde tem certeza de que ele não conhece Louise?

— Que eu saiba, os dois jamais se encontraram; mas ele sabe que Sua Alteza é inglesa, e assim não desconfiará de nada. O que o Príncipe Hans Von Vechtel realmente deseja saber é o motivo de ainda não ter surgido um herdeiro para o trono; e também se nosso exército é tão pequeno e ineficiente quanto se comenta em alguns dos outros estados dos Bálcãs, aqueles que têm inveja de nós.

— Mas com certeza Alexanderburg poderia facilmente aumentar seu contingente de soldados — comentou Nadine.

— Já faz algum tempo — disse Lorde Chamberlain — que venho defendendo a tese de que todos os jovens de nosso país devem ser incentivados a servir ao Exército, pelo menos por alguns anos. Aprenderiam a lutar, o que a qualquer momento poderia ser-nos de grande utilidade.

— E por que não põe era prática essa idéia?

— Antes de mais nada, em razão das objeções do Primeiro Ministro — respondeu o lorde. — Ele vem tentando persuadir ao Gabinete e aos Membros do Parlamento de que, se tivéssemos um exército muito grande, pareceríamos mais agressivos, e nossos vizinhos pensariam que os estaríamos ameaçando.

— Mas será que eles não percebem que a verdadeira ameaça vem da Rússia? — admirou-se a jovem.

— A verdade é que eles acreditam naquilo em que desejam acreditar; e crêem piamente em que, já que agora somos governados por uma princesa inglesa, estamos completamente a salvo.

— Compreendo como milorde se sente — disse Nadine, com um profundo suspiro. — Segundo o que me contou meu pai, foi exatamente isso o que aconteceu na Índia; lá, por muito tempo, eles simplesmente se recusaram a acreditar que a Rússia podia significar qualquer tipo de ameaça.

— Exatamente — concordou Lorde Chamberlain. — E até agora as defesas indianas ainda não estão completas.

— Se estivessem, não haveria necessidade de que homens como Michael Ward arriscassem a vida no Grande Jogo.

— Tem toda a razão; e é pena que não tenhamos em nosso país nada que se pareça com esse grupo de heróis. Em sua maior parte, nosso povo é complacente e acha que nada há a temer.

— E é justamente desse fato que o Príncipe Hans não pode ficar sabendo — disse Nadine.

— O que a senhorita deve fazer — prosseguiu o lorde — é mantê-lo distraído com um assunto bem mais atraente, ou seja, a sua própria pessoa.

— Farei o melhor que puder — prometeu a moça. Depois de Lorde Chamberlain ter-se retirado, o primeiro impulso de Nadine foi correr para os aposentos do Príncipe Rudolf; ansiava por contar a Michael Ward o que estava acontecendo. Quando perguntou a Paks se podia entrar, o valete informou que o fugitivo ainda dormia profundamente e que, sob circunstância alguma, deveria ser perturbado.

A falta de alternativa, a moça decidiu trocar de roupa para o almoço. Escolheu o vestido mais bonito e luxuoso do guarda-roupa de Louise, complementando-o com algumas das riquíssimas jóias da princesa.

Em seguida, muito apreensiva de se trair e cometer algum erro, Nadine desceu a escadaria.

Ao chegar à sala onde deveria ser apresentada ao príncipe, foi informada por um dos ordenanças que Lorde Chamberlain e o general comandante das tropas haviam levado o hóspede aos estábulos da Cavalaria, para mostrar-lhe os cavalos. A moça percebeu que aquela fora uma sutil manobra para exibir ao famoso bisbilhoteiro um pouco do poder do próprio exército de Alexanderburg. Limitando-se, porém, a sorrir, a jovem perguntou ao ordenança:

- E os cavalos que Sua Alteza Real trouxe com ele, são muito bonitos?
- Magníficos, Alteza — respondeu o rapaz, incapaz de disfarçar um tom de inveja.
- Sua Alteza o Príncipe chegou cavalcando em grande estilo, trazendo animais extras para o caso de algum deles se cansar; e trouxe também uma comitiva de oito criados.

Nadine deu risada; não podia imaginar um cidadão inglês viajando com tamanha pompa. Pela forma como o ordenança se expressara, ficara evidente que o príncipe, aos olhos de outras pessoas, se fazia passar por um personagem muito mais importante do que realmente era.

Dali a alguns minutos, o rapaz retornou, acompanhado pelo Príncipe Hans Von Vechtel.

— Peço-lhe que nos perdoe, Alteza — disse o ordenança —, por estarmos atrasados; mas Sua Alteza Real esteve examinando nossas montarias, às quais não poupou elogios.

— Sinto-me encantada por conhecer Vossa Alteza Real, e dou-lhe as boas-vindas ao palácio — declarou Nadine, estendendo a mão para o recém-chegado.

O Príncipe Hans levou-lhe a mão aos lábios, respondendo:

- Vossa Alteza Real é ainda mais bonita do que me disseram.
- Fico feliz por não ter decepcionado Vossa Alteza.

Ao se encaminharem para o salão principal, ela e o príncipe foram acompanhados por dois escudeiros. Assim que a refeição teve início, o hóspede começou a falar, e Nadine pôde compreender o porquê de sua fama; ele era divertido, inteligente e, quase sempre, tinha algo de ferino e mordaz a dizer de todas as pessoas a quem se referia.

Era impossível deixar de considerá-lo fascinante. Nos intervalos das observações pouco elogiosas que fazia a respeito de outros governantes, e até mesmo do próprio czar, o Príncipe Hans dirigia a Nadine irresistíveis galanteios.

Alexander III já começava a angariar a fama de ser um dos mais impiedosos czares que a Rússia já tivera.

Embora os Bálcãs tivessem nutrido um grande temor por Alexander II, ele tivera muitas das qualidades de um grande estadista; na própria manhã de sua morte, estivera trabalhando em um projeto de reforma que, inevitavelmente, teria lançado a Rússia em direção à modernidade. No dia em que fora assassinado, de cada uma das casas, de cada

um dos terraços, janelas e postes de luz do país pendera uma bandeira negra, em sinal de profundo luto.

O primeiro ato oficial de seu filho, o novo czar Alexander III, fora, porém, rasgar em tiras o manifesto que jazia inacabado sobre a escrivaninha do pai. Alexander III já era mais temido do que jamais o fora nenhum dos outros czares da Rússia; se antes os russos já inspiravam pavor a suas vítimas, a essa altura haviam passado a ser duplamente assustadores.

Apesar de tudo isso, aquele príncipe bem apessoado estava, naquele momento, zombando do czar que já começava a aterrorizar toda a Europa Oriental.

A certa altura, entretanto, o hóspede mudou de assunto.

— Eu gostaria de saber tudo a seu respeito, linda princesa — disse ele. — Na verdade, de tão extasiado diante de sua beleza, não me sinto capaz de pensar em qualquer outra coisa, muito menos nos problemas da Rússia.

— Mas Vossa Alteza sabe que nos interessamos muito por esse assunto — observou Lorde Chamberlain.

— Vocês aqui de Alexanderburg descobrirão o que está para acontecer sem que eu tenha de lhes contar — replicou o príncipe, em tom jovial. — Agora, como as flores de seu país são famosas em todos os outros estados dos Bálcãs, eu gostaria de que Sua Alteza Real me conduzisse ao jardim, para que eu possa ter a satisfação de admirá-las.

Era mais do que evidente que ele não desejava a companhia de mais ninguém, e Nadine dirigiu ao lorde um olhar de desespero. Não havia, porém, alternativa, e ela foi obrigada a acompanhar o importuno hóspede, assim que um dos escudeiros abriu a porta que dava acesso ao jardim.

Esse não era o jardim particular, exclusivo do Príncipe Rudolf e da Princesa Louise, que Nadine já conhecia; era um outro, de maiores dimensões mas de semelhante beleza.

As flores eram simplesmente magníficas, e ali havia também uma profusão dos lírios brancos de que a jovem tanto gostava.

— E este o cenário adequado para milady — declarou o príncipe. Nadine permaneceu calada, e ele perguntou: — Aprecia realmente o tipo de vida que leva neste fim-de-mundo? De minha parte, acho que aqui milady está desperdiçando sua juventude e beleza.

— Estou plenamente satisfeita com minha vida — riu a moça; — além do mais, não poderia viver mais feliz com meu esposo, Rudolf.

— Lorde Chamberlain disse-me que não posso vê-lo — respondeu o príncipe. — Mas, como vim a Alexanderburg especialmente para isso, tenho certeza de que milady encontrará uma forma de me introduzir secretamente nos aposentos dele.

— Não, Alteza — objetou Nadine, sacudindo a cabeça —, essa seria uma grande imprudência. Os médicos dizem que Rudolf precisa de absoluto repouso, e sempre no escuro; caso contrário, sua visão pode ficar arruinada para o resto da vida.

Ao pronunciar essas palavras, a moça sentiu que estava representando admiravelmente o papel de esposa dedicada.

— Não tenho a intenção de perturbá-la — afirmou o príncipe; — e se não for possível ver Rudolf agora, posso voltar em outra ocasião.

— Sem dúvida — aquiesceu ela; — e pode ter certeza de que será muito bem-vindo.

Os dois haviam chegado à margem de um pequeno lago, junto ao qual, sob as árvores, havia um banco de madeira. Sentaram-se, e o príncipe logo apoiou o braço no encosto do assento, aproximando-se mais de Nadine.

— Agora conte-me tudo a seu respeito — pediu ele. — Fiquei absolutamente atônito ao encontrar uma mulher tão linda aqui em Alexanderburg, que sempre considerei um lugar dos mais enfadonhos.

— Ah, Vossa Alteza não deve dizer uma coisa dessas — objetou a moça. — Nossa gente é encantadora e, como ama profundamente a Rudolf, sente-se muito contente por sabê-lo tão feliz.

— Ouvi falar que é milady a causa de tanta felicidade. Ouvi também dizer que milady agiu de forma muito inteligente, dando atenção às crianças e, com isso, conquistando a admiração das mulheres.

— Mas como pôde ficar sabendo disso? — admirou-se Nadine.

— Tudo o que acontece chega ao meu conhecimento — gabou-se ele. — Sou uma verdadeira mina de informações sobre todos os assuntos, e fico sabendo de coisas que vão acontecer muito antes de que os jornais as publiquem em suas manchetes.

— Estará milorde querendo fazer-me acreditar que é sobre-humano?

— Claro que não — respondeu o príncipe. — Sou humano o suficiente para me sentir encantado com sua beleza, e para desejar ardentemente sentir nos meus o calor de seus lábios.

— Vossa Alteza sabe tão bem quanto eu — disse Nadine prontamente, voltando o rosto para o outro lado — que não deveria falar comigo dessa maneira.

— Quem pode me impedir de admirar a mulher mais linda em quem já tive a ventura de pôr os olhos? — riu ele. — E qual a bela mulher que não aprecia ouvir a verdade a seu próprio respeito?

— Talvez eu seja uma exceção a essa regra — retorquiu a jovem —, e milorde está me deixando profundamente constrangida.

— Pois saiba que fica ainda mais adorável quando se sente embaraçada — afirmou o príncipe. — Pelo que vejo, minha visita a Alexanderburg está sendo muito diferente do que eu esperava.

— E o que é que milorde esperava?

— Passar momentos agradáveis conversando com Rudolf. E também ser obrigado a suportar sua enfadonha esposa inglesa, que eu imaginava tão destituída de atrativos quanto a Rainha Vitória.

Dessa vez Nadine não pode reprimir o riso.

— Naturalmente, Rudolf não desposaria uma criatura com essas características.

— Sem dúvida, mas ele pode se considerar extremamente afortunado por ter encontrado milady — disse o príncipe. — Vocês dois jamais teriam se conhecido se não fosse a pesada mão do Império Britânico, que os empurrou um em direção ao outro. Não

foi isso o que aconteceu com muitas outras jovens inglesas, obrigadas a desposar ocupantes de tronos nos Bálcãs?

— Pois é em um desses tronos que me sinto muito feliz em estar — declarou Nadine, em tom cheio de dignidade.

— Deve ficar maravilhosa nesse trono — riu o Príncipe Hans —, e, a não ser que sejam cegos, os homens deste país vão todos se apaixonar por milady. O que pretende fazer para mantê-los à distância?

— Nada; Rudolf fará isso por mim.

— Mas, neste exato momento, milady está a sós comigo

— provocou-a o príncipe. Embora não fizesse nenhum movimento, Nadine teve a sensação de que ele se achava prestes a beijá-la.

— Venha observar o lago mais de perto — sugeriu ela, levantando-se depressa. — Verá que é muito bonito.

Durante alguns instantes, o príncipe não se moveu, limitando-se a rir.

— Milady está tentando fugir de mim — disse, afinal.

— Mas eu lhe asseguro, minha linda e adorável deusa, de que, quanto se trata de amor, estou acostumado a conseguir o que desejo; e que jamais aceito um "não" como resposta.

Incapaz de responder à altura a tal desplante, Nadine fingiu não ter escutado, e caminhou mais um pouco em direção à margem do lago. O Príncipe Hans a seguiu, e quando já fazia algum tempo que os dois contemplavam a água batida de sol, ela sugeriu:

— Creio, Alteza, que já é tempo de retornarmos ao palácio; tenho certeza de que Lorde Chamberlain tem muitas coisas a lhe mostrar.

— Caso se trate de mais cavalos — respondeu ele —, não terei alternativa senão fingir interesse. Mas ainda é cedo e, se jantarmos juntos, como espero que aconteça, terei muito a dizer a milady após a refeição.

— Se pretende me assustar — retorquiu Nadine —, vou acabar me escondendo nos aposentos de Rudolf, apesar de não desejar perturbá-lo.

— Desde que era criança, sempre apreciei um desafio. E devo declarar, modéstia à parte, que jamais deixei de ganhar, conquistar ou me apossar daquilo que desejava.

A essa altura, os dois já haviam chegado ao palácio; Lorde Chamberlain encontrava-se à espera.

— Estamos todos prontos para a inspeção de Vossa Alteza Real — disse ele ao Príncipe Hans. — E, como é de sua preferência, mandei preparar-lhe um de seus próprios cavalos.

— Foi muita consideração de sua parte — respondeu o príncipe. Em seguida, quando Nadine se afastou para lhe dar passagem, ele lhe tomou uma das mãos e levou-a ousadamente aos lábios, dizendo em voz baixa: — Au revoir, minha linda deusa.

E então, enquanto ele se afastava em companhia do lorde, a moça subiu correndo a escadaria. Esperava que, àquela altura, Michael Ward já estivesse acordado e que pudesse conversar com ela.

Paks achava-se à sua espera.

— Sua Alteza Real ainda está dormindo — disse ele, antes mesmo de que Nadine fizesse a pergunta —; e acho que vai continuar dormindo por mais, no mínimo, vinte e quatro horas.

A moça sentiu-se desanimar; esperara que Michael Ward a orientasse a respeito de como se comportar em face do atrevimento do príncipe.

O Príncipe Hans Von Vechtel era diferente de qualquer outra pessoa que ela já conhecesse, e Nadine pudera compreender por que era bem recebido em todos os países que visitava. Sua indiscreta presença significava um perigo palpável, mas seria muito interessante ouvi-lo falar mais sobre aquele novo czar, que já suscitava comentários plenos de susto e horror. Apesar disso, a jovem tinha a forte impressão de que o jantar seria uma refeição das mais penosas.

Nadine passou o restante da tarde sozinha em sua saleta particular, tentando ler o livro que seu pai lhe dera. A todo momento, surpreendia-se a pensar no Príncipe Hans. Jamais imaginara que, mesmo nos livros, pudesse existir alguém como ele; com certeza, aquele não era um homem que se esperaria conhecer na vida real.

Quando se aproximou a hora do jantar, ela escolheu um dos vestidos mais bonitos e sofisticados de Louise; e, como a ocasião era importante, fez questão de usar as jóias mais magníficas da amiga.

Tudo isso não era porque pretendia causar impressão ao Príncipe Hans; devia-se, na realidade, a seu desejo de que ele se conscientizasse de que ela era a esposa de um príncipe governante, e que, assim, passasse a tratá-la de maneira menos informal. A forma como se vestira não somente lhe conferia uma aparência regia, mas também fazia-a parecer mais velha, ou seja, uma pessoa que devia ser tratada com respeito.

Ao descer para o salão principal, Nadine subitamente lembrou-se de que iria encontrar o Primeiro Ministro pela primeira vez; e, se fosse observador, ele poderia perceber que ela não era Louise.

Ao entrar no salão, porém, a primeira coisa que atraiu a atenção da moça foi o fato de o Ministro estar usando óculos escuros; aquele, obviamente, fora o motivo de Lorde Chamberlain ter convidado a ele, e não a um homem mais jovem e de melhor saúde. A esposa do Primeiro Ministro também parecia ter problemas de visão; ao receber as boas-vindas de Nadine, a mulher fez diante dela uma profunda reverência.

O outro casal de convidados nada tinha de particularmente interessante; a jovem esposa do estadista era bonita, mas tinha uma beleza muito pouco original. Era evidente que vinha da zona rural, e parecia absolutamente encantada por se encontrar no palácio, na presença de pessoas tão ilustres.

Diante das circunstâncias, ficou evidente que o Príncipe Hans somente teria olhos para Nadine. Ele não parecia ter a intenção de desperdiçar sua conversa e seu charme com ninguém mais, e seria inútil tentar forçá-lo a fazer algo que não desejava. Dessa forma, o príncipe conversou com Nadine durante toda a refeição; os outros convidados não passaram de expectadores de seu desempenho.

A moça foi obrigada a ouvir pacientemente seus relatos a respeito das festas a que ele comparecera por toda a Europa, e a seus escandalosos comentários a respeito de quase

todas as pessoas de alguma importância. Até mesmo da Rainha Vitória e do governo britânico o príncipe fez sarcásticas e pesadas críticas. Era óbvio que o que dizia era injusto e, em sua maior parte, falso; mas a maneira como falava e suas observações bem-humoradas eram tão divertidas que se tornava impossível repreendê-lo.

Afinal de contas, o jantar acabou por passar bastante depressa. Nadine mal pôde disfarçar um suspiro de alívio quando o Primeiro Ministro declarou que era demasiadamente idoso para ficar acordado até tão tarde, e lhes desejou boa noite. O outro casal, que mal pronunciara uma palavra durante toda a refeição, seguiu-lhe rapidamente o exemplo.

Quando o escudeiro acompanhou os dois casais até a porta, Lorde Chamberlain dirigiu-se ao príncipe, dizendo:

— Imagino, Alteza, que após um dia tão longo milorde deseje uma boa noite de repouso.

— Com efeito — respondeu o hóspede. — E já que me foi designado o mesmo aposento que ocupei na última vez em que estive aqui, não há necessidade de que ninguém me escolte até lá. Se não estou enganado, a alcova de Sua Alteza Real fica no mesmo andar.

Diante disso, Lorde Chamberlain não teve alternativa senão desejar-lhes boa noite e deixar que ele e Nadine subissem as escadas desacompanhados.

— Agora, finalmente — sussurrou o príncipe —, posso conversar à vontade com milady, como tanto desejava. Agora posso dizer-lhe que, assim que a vi, meu coração deu um salto dentro do peito. Tenho certeza de que me apaixonei perdidamente.

— Se assim é — respondeu Nadine —, milorde cometeu uma grande insensatez.

— Como poderia eu evitá-lo? Quem pode resistir ao amor, quando ele chega tão inesperadamente e toma conta de nossa vida?

— Quanto a isso milorde tem toda a razão; foi exatamente assim que me senti em relação a Rudolf. E uma pena que ele não esteja em condições de receber Vossa Alteza.

— Estou perfeitamente satisfeito com sua companhia, linda princesa — replicou o príncipe. — Mas, minha adorada, deve consolar-me por ter sido privado do prazer de rever meu velho amigo; neste momento, milady é a única pessoa capaz de devolver-me a alegria.

— Tudo o que posso fazer — disse Nadine — é desejar que milorde durma muito bem, e que pela manhã se sinta disposto a ver tudo o que, tenho certeza, Lorde Chamberlain tem para lhe mostrar.

— Pouco me interessa a manhã — objetou ele; — tudo o que me importa é esta noite.

A essa altura, os dois haviam atingido o topo da escadaria principal e já caminhavam pelo corredor que dava acesso aos aposentos reais. E foi então que, com imenso alívio, Nadine viu que Paks a aguardava; como se fosse um sentinela, o valete se encontrava de pé diante da porta da alcova do Príncipe Rudolf.

O aposento do Príncipe Hans ficava vários metros adiante; a porta achava-se aberta e, no interior da alcova, um valete o aguardava.

— Boa noite, Alteza — disse a moça, detendo-se. — Espero que durma tranqüilamente e repouse com muito conforto.

Com os olhos brilhando, o Príncipe Hans fitava-a intensamente; tomara-lhe uma das mãos e a apertava com tanta força que quase a machucava.

— Au revoir, minha belíssima deusa. E pode acreditar em mim, isto não passa de um au revoir.

Ditas essas palavras, ele se voltou e se encaminhou para seus aposentos, sem olhar para trás.

Ao ver a porta se fechar, Nadine deu um grande suspiro de alívio; aquela batalha estava ganha.

— Sua Alteza Real está dormindo? — perguntou, aproximando-se de Paks.

— Sim, Alteza, mas creio que não demora a despertar; tanto que deixei uma jarra de limonada e uma travessa de biscoitos ao lado de seu leito. Caso Vossa Alteza o ouça movimentando-se pela alcova, será melhor verificar se não são seus ferimentos que o estão incomodando; se precisar de mim, basta tocar a sineta.

— Espero que isso não seja necessário — respondeu a moça. — Se ele precisar de alguma coisa, eu mesma posso atendê-lo.

— Se eu fosse Vossa Alteza — disse Paks, olhando na direção dos aposentos do Príncipe Hans —, em circunstância alguma sairia no corredor; milady sabe que há uma porta de comunicação entre as alcovas de Vossas Altezas Reais. Não deixe de trancar cuidadosamente a porta antes de se deitar e, caso deseje ver Sua Alteza o Príncipe Rudolf, use a porta de comunicação.

— Não esquecerei, Paks — garantiu Nadine; — e muito obrigada por me prevenir.

No interior da alcova azul, Maria esperava por ela.

— Vossa Alteza Real está lindíssima — disse a aia; — lá embaixo, estão todos comentando que jamais a viram com melhor aparência. Dizem que deve ser porque talvez milady esteja esperando um bebê.

— Ah, Maria — suspirou a moça —, como eu gostaria de que isso fosse verdade! Não para mim, é claro, mas para a Princesa Louise.

— Lá no fundo de meu coração, algo me diz que tudo acabará perfeitamente bem; o Senhor Deus não costuma ignorar minhas preces. — Nadine recolocou o lindo vestido no guarda-roupa e devolveu as jóias ao estojo forrado de veludo. Assim que ficou pronta para dormir, Maria disse: — Virei chamá-la amanhã às oito horas, para que possa tomar o desjejum em companhia de Sua Alteza Real.

De início, Nadine pensou que a aia se referia ao Príncipe Hans; em seguida, percebeu que ela falava de Michael Ward.

— Sim, claro — respondeu —, eu adoraria. Só espero que, a essa hora, ele já tenha despertado.

— Caso contrário, Vossa Alteza poderá descer e fazer a refeição com o Príncipe Hans — disse Maria; — pelo que ouvi falar, ele ficou absolutamente maravilhado com milady.

— Tomara que ele vá embora amanhã — foi a resposta de Nadine. Seria ótimo se o importuno visitante partisse o mais breve possível, mas, para ser honesta consigo mesma, a moça não poderia negar que o achara muito divertido.

Assim que Maria se retirou, Nadine foi até a janela, como costumava fazer quase todas as noites. Afastando as cortinas, contemplou por alguns instantes o jardim banhado de luar, e em seguida encaminhou-se para o leito.

Maria apagara todas as velas, à exceção das duas que ficavam no pequeno castiçal dourado ao lado da cama. Prestes a se deitar, Nadine lembrou-se de que deveria trancar a porta; ao colocar a mão na maçaneta, porém, surpreendeu-se por ver que a chave desaparecera. Como podia ter ocorrido aquilo? Desde que ela chegara ao palácio, a chave ficara na fechadura todas as noites.

De repente, uma súbita e assustadora idéia lhe ocorreu; era muito pouco provável que Maria tivesse levado a chave e, assim, restava apenas uma outra pessoa que poderia tê-lo feito.

Lembrando-se de como o Príncipe Hans dissera "au revoir" e não "boa noite", Nadine voltou-se e correu para a porta de comunicação que, muito bem disfarçada por um grande espelho, ficava junto à janela. Ao abri-la e entrar na alcova do Príncipe Rudolf, a jovem descobriu que Michael Ward se achava acordado.

— Veio desejar-me boa noite? — perguntou ele, sorrindo. Ela se aproximou do leito, aflita.

— Vim para lhe dizer... que preciso... passar a noite aqui! — exclamou Nadine, ofegante. — A chave de minha porta sumiu! — Michael fitou-a, surpreso, e ela prosseguiu: — Vou dormir no sofá. Tenho medo de que alguém venha nos espionar; e não é aos criados do palácio que me refiro, e sim ao Príncipe Hans.

— Está me dizendo que ele se encontra no palácio? — perguntou Michael, atônito.

— Sim — disse ela; — chegou hoje de manhã. E, agora há pouco, despediu-se de mim com um "au revoir" muito significativo, em vez de me desejar boa noite.

— Não me admira — observou Michael. — Ele não pode ver uma mulher bonita sem tentar conquistá-la a qualquer custo; e, como milady já deve ter percebido, faz tudo para persuadi-la de que está perdidamente apaixonado.

— A mim o Príncipe Hans não engana — garantiu Nadine. — Fez-me galanteios dos mais exagerados, mas Lorde Chamberlain me pediu que não poupasse esforços para agradá-lo, afirmando que seria uma grande imprudência entrar em conflito com ele.

— Infelizmente, Lorde Chamberlain tem toda a razão. Nadine voltou o olhar para a porta pela qual acabara de passar.

— Devo voltar para apanhar um cobertor — perguntou —, ou o senhor pode emprestar-me um dos seus?

— Este leito é bastante amplo — sorriu Michael Ward; — e se milady pretende representar um papel, deve fazê-lo de forma adequada.

— Não estou entendendo.

— Dou-lhe minha palavra de que nada farei para perturbá-la ou constrangê-la — declarou ele. — Mas se, como parece evidente, o Príncipe Hans está à sua procura, ou se

alguém do palácio decidiu descobrir qual é exatamente o tipo de relacionamento que nós dois mantemos, milady não tem alternativa a não ser confiar em mim.

— Tenho m-medo — gaguejou Nadine — de incomodá-lo, ou de provocar dor em seus ferimentos.

— Fique tranqüila, que isso não vai acontecer. E se, como eu, milady tem certeza de que a qualquer momento alguém vai se esgueirar para dentro de sua alcova, sugiro que paremos de discutir o assunto, e que milady se deite e apague as velas.

— Está bem — murmurou ela.

Michael afastou-se o mais que pôde em direção a uma das beiradas do enorme leito; sem pensar em mais nada, Nadine introduziu-se embaixo das cobertas e ficou imóvel, cônica de que, entre seu corpo e o dele, havia um amplo espaço. Para ela, nada poderia ser mais embaraçoso; partilhava, da mesma cama com um homem que mal conhecia.

— Apague as velas — sussurrou Michael; — acho que ouvi passos em seu aposento.

— Está bem — disse Nadine, na voz mais baixa possível, obedecendo imediatamente. Voltando a recostar-se contra os travesseiros, tentou aguçar os ouvidos, mas não pôde distinguir nenhum ruído; Michael Ward devia realmente ter uma audição das mais apuradas.

Logo, porém, enquanto os dois se mantinham imóveis e atentos, perceberam que muito, muito devagar, a porta de comunicação começava a se abrir. Nadine não tivera tempo de apagar as velas do castiçal ao lado de seu próprio leito e, embora a luminosidade fosse difusa, era perfeitamente possível distingui-la pela fenda que aos poucos ia se alargando.

Ela e Michael permaneciam absolutamente imóveis; a certa altura, entretanto, ele se voltou para Nadine e disse, em voz baixa mas audível:

— Ah, minha querida... Como pude dormir o dia inteiro e não lhe dar atenção, meu amor? Sabe que tudo o que desejo é tê-la a meu lado...

Por alguns instantes, Nadine ficou sem entender o que estava acontecendo; quando, porém, sentiu que a mão de Michael lhe apertava significativamente o braço, percebeu o que deveria responder.

— Eu não quis acordá-lo, querido — murmurou; — mas se soubesse o quanto senti a sua falta...

— Agora, finalmente — prosseguiu ele —, poderei demonstrar-lhe o que sente um homem apaixonado quando reencontra a mulher amada...

— Sim, meu amor...

Ambos perceberam que, por alguns segundos, a faixa de luz que vinha pela porta entreaberta era interrompida pela sombra fugidia de um vulto; alguém espreitava furtivamente para o interior da alcova. Em seguida, tão silenciosamente como se abrisse, a porta voltou a se fechar.

Michael e Nadine ainda permaneceram em silêncio por alguns instantes. Em seguida, com um toque de humor na voz, ele observou:

— Mais uma vez, derrotamos o inimigo; e, como sempre, de uma forma brilhante!

CAPÍTULO VI

Fez-se um longo silêncio; em seguida, Nadine perguntou, em tom assustado:

— E agora... devo voltar... para minha alcova?

— Não, é claro que não — disse Michael Ward. — Se a chave desapareceu, ele pode muito bem voltar mais tarde, para se certificar de que o que acaba de ouvir não foi sua imaginação.

— Mas não posso ficar aqui incomodando o senhor — objetou ela.

— Ora, não me incomoda absolutamente. Embora o sofá não seja a alternativa mais confortável, se milady insiste em que não deve partilhar o leito comigo, é lá que terei de dormir.

— Ora, mas o senhor realmente não deseja que eu passe a noite em sua cama, deseja?

— Bem, esta é uma pergunta a que é melhor não responder — riu Michael. — O que acho é que não deveríamos deixar de aproveitar o conforto deste amplo leito; se milady ainda se sente embaraçada, posso colocar um travesseiro entre nós. — Unindo a ação às palavras, ele disse, em seguida: — Agora durma e descanse; depois de ter aturado aquele príncipe importuno o dia inteiro, bem que milady merece.

— O senhor é... muito gentil e compreensivo. Michael Ward nada respondeu, limitando-se a virar-se de costas para ela; sem outra opção, Nadine também se voltou para o outro lado e fechou os olhos. Não tinha a esperança de dormir, mas aquele fora realmente um longo dia, cheio de ansiedade e aflição.

Para sua surpresa, despertou somente quando Michael a sacudiu delicadamente pelo ombro.

— Já passa das seis e meia — disse ele; — acho melhor que a senhorita volte para seu aposento. Paks e Maria podem aparecer e fazer perguntas embaraçosas.

— Sim, naturalmente — assentiu Nadine, deslizando depressa para fora do leito. Parecia-lhe extraordinário ter dormido tranqüilamente a noite toda ao lado de um homem a quem pouco conhecia, e, apesar disso, não ter sentido medo. Encaminhando-se para a porta de comunicação, ela se deteve e acrescentou: — Muito, muito obrigada, por sua atitude tão cavalheiresca. Tudo o que eu desejaria agora é não ter de encarar o Príncipe Hans de novo.

— Ora, comporte-se como se nada tivesse acontecido — sorriu Michael. — Lembre-se de que, afinal de contas, é ele quem deve estar muito frustrado, tendo visto os portões do Paraíso se fecharem bem diante de seu rosto.

Nadine não pôde reprimir uma risadinha; em seguida, passou pela porta de comunicação e foi para o aposento contíguo. Maria veio acordá-la às oito horas em ponto.

— Paks acaba de me transmitir um recado, milady — disse a aia. — Lorde Chamberlain deseja vê-la com a maior urgência.

— A mim? — exclamou a moça. Ansiosa para saber do que se tratava, tratou de se vestir com a maior presteza possível.

As oito e meia, foi para a saleta particular, onde a aguardava o desjejum. Logo, a porta se abriu e Lorde Chamberlain pediu licença para entrar.

— Bom dia, Alteza — disse ele.

— Bom dia, milorde — sorriu ela. — O que aconteceu?

— Um imprevisto muito grave; desejo saber sua opinião antes de conversar com nosso paciente do quarto ao lado. — Nadine fitou-o com expressão de grande surpresa, e ele prosseguiu: — Logo cedo, o Príncipe Hans mandou-me um recado, dizendo que gostaria de assistir a um desfile de nossas tropas.

— Ele teve o deslante de pedir uma coisa dessas? — exclamou a moça. — Milorde sabe que tudo o que ele vir aqui não demorará a chegar ao conhecimento de nossos inimigos!

— Mas uma recusa — respondeu o lorde —, além de parecer rude, serviria apenas para fazê-lo julgar a situação ainda pior do que realmente é.

— Nesse caso, milorde, o que pretende fazer?

— Eu gostaria, se possível, de que Michael Ward representasse o papel do Príncipe Rudolf na saudação e revista das tropas.

— Mas o povo perceberá imediatamente que se trata de um impostor! — observou Nadine, em tom aflito.

— E por isso que vim consultá-la — respondeu Lorde Chamberlain —, embora milady tenha visto o Príncipe Rudolf apenas por alguns instantes. Acha que, se Michael Ward sair de óculos escuros e com a cabeça envolvida por uma bandagem, os súditos vão perceber que o homem vestido com o uniforme de general e o tradicional quepe emplumado não é o príncipe a quem pensarão estar prestando homenagem?

Nadine ficou de respiração suspensa; compreendera a gravidade do problema, mas tinha de admitir que havia entre os dois homens uma certa semelhança. Tal característica poderia muito bem enganar os expectadores, cuja atenção estaria voltada para o desde dos soldados. Rudolf e Michael eram da mesma estatura; além dos olhos, que estariam ocultos pelos óculos escuros, a única diferença entre eles era a cor dos cabelos. Rudolf tinha-os castanhos, enquanto que os de Michael eram louros.

— Acho que se aplicarmos uma substância que escureça os cabelos de Michael Ward — disse, finalmente —, e se ele usar óculos escuros e o uniforme do Príncipe Rudolf, ninguém vai desconfiar de nada.

— E essa também a minha opinião. Vamos, então, conversar com o homem que se tornou famoso como verdadeiro mestre do disfarce.

Os dois entraram na alcova de Michael; recostado nos travesseiros, o rapaz tomava o desjejum.

— Bom dia — saudou-os ele. — A que devo o prazer de sua visita?

— Tenho uma tarefa para o senhor — respondeu o lorde —, e tenho certeza de que mais ninguém seria capaz de realizá-la.

— Diante de palavras tão elogiosas — sorriu Michael —, imagino que seja uma tarefa bastante difícil.

Lorde Chamberlain repetiu o que acabara de relatar a Nadine; em seguida, acrescentou:

— O Príncipe Hans afirmou que vai partir logo após o desfile. Quanto mais cedo nos livrarmos dele, melhor; assim, ordenei que a parada se realize à uma e meia da tarde. — Nadine fitou-o com uma expressão de surpresa, mas ele prosseguiu: — Teremos de almoçar mais cedo, mas valerá a pena; quanto mais depressa o Príncipe Hans Von Vechtel desaparecer de nossa presença, mais tranqüilo ficarei.

— Eu também — aquiesceu Michael. — Mas é evidente que terei de conquistar essa tranqüilidade a duras penas.

— Tenho certeza absoluta de que o senhor desempenhará seu papel de forma soberba — observou Nadine.

— Só espero que o uniforme do Príncipe Rudolf me sirva — brincou ele. — Detesto andar deselegante quando me encarrego de missões oficiais.

— Sua única preocupação será a de usar óculos escuros; estou segura de que Paks cuidará com esmero de sua aparência.

— Disso não tenho a menor dúvida — respondeu Michael.

— Fico profundamente grato a vocês dois — afirmou Lorde Chamberlain, encaminhando-se para a porta. — Espero apenas que o Príncipe Hans tenha uma boa impressão de nossas tropas; caso contrário, todos sabemos quais serão as conseqüências.

Assim que ele se retirou, Nadine voltou-se novamente para Michael:

— Sei que o senhor desempenhará brilhantemente seu papel. Somente o senhor será capaz de fazer aquele bisbilhoteiro pensar que o exército é maior do que realmente é, e que no futuro vai aumentar mais ainda.

— E isso é verdade?

— Esse é o desejo de Lorde Chamberlain — esclareceu ela. — Mas o Primeiro Ministro e muitos outros membros do governo preferem que as coisas permaneçam como estão, e se recusam a admitir que os tempos são outros.

— Pois era isso o que eu queria saber — disse Michael. — Agora, milady, trate de representar seu papel com eficiência; fique o mais linda e elegante possível, para que o Príncipe Hans tenha algo de interessante em que concentrar sua atenção. Não podemos deixá-lo perceber que nosso contingente de soldados é demasiadamente pequeno para impedir os russos de invadirem o principado.

— Ah, não! — exclamou Nadine, aflita. — O senhor precisa evitar que isso aconteça!

— Somente eu? — perguntou ele, em tom de zombaria.

— E por que não? Se já foi capaz de enganar os russos tantas vezes, por que não' poderia fazê-lo novamente? Principalmente para ajudar este país tão pequeno, e que precisa tanto de seu auxílio.

Encaminhando-se para a porta, Nadine percebeu que Michael Ward se sentia extremamente preocupado. O Príncipe Rudolf e a Princesa Louise haviam partido confiantes em que nada fora do comum aconteceria durante sua ausência; àquela altura, porém, a situação se transformara em uma verdadeira confusão. Não apenas Michael e ela, mas também Lorde Chamberlain achava-se em estado de extrema aflição.

Antes de mesmo de chegar à saleta particular, a moça viu Paks dirigir-se correndo para os aposentos reais; era evidente que Michael havia tocado a sineta para chamá-lo.

A ela, não restara alternativa a não ser voltar para sua alcova e começar a se preparar. Escolheu um dos vestidos mais espetaculares do guarda-roupa de Louise, reservando, para complementá-lo, um lindo chapéu enfeitado com plumas de avestruz.

Ao entrar no aposento, Maria exclamou:

— Mas por que não me chamou, milady? Acabo de ouvir falar que o exército vai passar por uma revista.

— Eu estava escolhendo com cuidado o que vestir — disse Nadine —, pois sei que haverá uma grande multidão assistindo à parada.

— Pode ter certeza disso — concordou Maria; — hoje a cidade vai ficar deserta. Todos irão para o campo onde os soldados vão desfilar.

Em seguida, a aia trouxe para a moça o grande estojo de veludo que continha as jóias de Louise. Ao abri-lo, a jovem teve a surpresa de descobrir que, em seu interior, encontrava-se também uma pequena pistola.

— De onde veio isto, Maria?

— E um presente que nosso príncipe deu à esposa logo após o casamento. Sua Alteza a Princesa sempre leva essa arma quando sai dos limites da cidade; Sua Alteza o Príncipe faz absoluta questão disso. Embora a Princesa Louise até hoje não tenha precisado usá-la, sempre a deixo preparada para ela, como me ordenou o Príncipe Rudolf.

— Nesse caso, não deixarei de levá-la comigo — disse a moça.

Seu pai a ensinara a atirar quando ela era ainda adolescente; Nadine se acostumara a levar uma pistola ou um revólver a toda vez em que viajava em companhia do bispo. Aquela pequena arma, porém, era bem menor, e lindamente trabalhada; e no cabo de madrepérola viam-se as iniciais de Louise, formadas por pequenos diamantes.

A jovem colocou a pistola no bolso do vestido e, embora a sentisse um pouco pesada, ela lhe proporcionava uma certa sensação de segurança.

Lá embaixo, no salão principal, o almoço foi servido pontualmente ao meio-dia e meia; quando, porém, Nadine acomodou-se à mesa, viu que Michael Ward não aparecera.

— Sua Alteza Real irá diretamente para o local do desfile — esclareceu Lorde Chamberlain. — Será bem melhor assim; não convém que ele se esforce demasiadamente em seu primeiro dia fora do leito, e é essencial que force os olhos o menos possível.

Príncipe Hans não pareceu dar muita importância ao fato, ocupado, como sempre, em fazer galanteios a Nadine. Dessa vez, entretanto, ela sentiu que as palavras do importuno já não soavam tão veementes quanto na noite anterior; e ainda mal podia acreditar que ele tivera a ousadia de roubar a chave de sua porta e esgueirar-se furtivamente para o interior de sua alcova.

Quando Nadine contara a Maria do desaparecimento da chave, a aia dera um pequeno grito de horror.

— Como ter acontecido tal coisa? — perguntara ela. — Está insinuando, Alteza, que alguém a levou de propósito?

— Não posso ter certeza — respondera a moça. — Tudo o que sei é que a chave sumiu da fechadura onde se achava na noite anterior.

Após o desjejum, quando Nadine fora trocar de roupa, Maria anunciara, em tom de triunfo, que havia encontrado o objeto desaparecido.

— Estava caída no tapete, do lado de fora da porta — explicara ela. — Não faço de idéia de como pode ter ido parar lá; mas ninguém notou, porque o tapete é espesso e a chave é muito pequena.

Nadine não fizera nenhum comentário, mas tinha certeza de que fora o Príncipe Hans que; propositalmente, a deixara cair onde Maria a encontrara. Consolava-a, no entanto, a certeza de que ele nada teria de desagradável a comentar a respeito do casamento de Rudolf e Louise; pelo menos, não poderia dizer que eles não dormiam juntos!

A refeição terminou pouco antes da uma da tarde. Lá fora, uma carruagem escoltada por cavalários aguardava para conduzir Nadine, o Príncipe Hans e Lorde Chamberlain ao local onde se realizaria a inspeção das tropas.

Ao atravessar a cidade, a moça concluiu que Maria tinha razão; as ruas achavam-se praticamente desertas, pois os habitantes haviam acorrido em massa ao campo do desfile.

Ao chegarem, viram que a Banda do Regimento tocava junto a um palanque que fora, sem bem que às pressas, lindamente enfeitado com flores. No que pareceu a Nadine o maior gramado que já vira na vida, um grande número de soldados já ia assumindo suas posições; tanto os membros da Cavalaria quanto os da Infantaria movimentavam-se de um lado para outro, formando as filas que deveriam ser percorridas pelos príncipes.

Assim que a carruagem se deteve, um escudeiro avançou com a montaria que fora preparada para o Príncipe Hans; no momento em que o hóspede se acomodou na sela, Michael Ward apareceu.

Parecia tão diferente que, por alguns instantes, Nadine mal pôde acreditar que se tratava realmente dele. Usava o quepe de general, e a jaqueta de seu uniforme escarlate mostrava-se coberta de condecorações; de seu pescoço, pendia uma corrente com a estrela de ouro que era o emblema de Alexanderburg. Montado em um magnífico cavalo branco, tinha a aparência imponente que se espera do líder de um Exército Real.

Quando ele entrou no campo, a multidão ergueu os braços e começou a acenar; as mulheres da primeira fila fizeram elegantes medidas, e os homens aclamaram seu príncipe em altos brados.

Michael respondeu às saudações com a mão enluvada de branco; em seguida, dirigiu sua montaria para junto da do visitante, e os dois príncipes começaram a passar as tropas em revista, percorrendo uma a uma as alas de soldados.

A banda continuava a tocar; o Primeiro Ministro e todos os membros do Gabinete já se encontravam no palanque. Nadine e Lorde Chamberlain sentaram-se na primeira fila; a

seu lado, duas cadeiras vazias aguardavam que o Príncipe Rudolf e seu convidado terminassem a inspeção do contingente do exército de Alexanderburg.

Como, infelizmente, esse contingente não era dos maiores, a revista não demorou a terminar; e logo os dois príncipes voltaram, apearam dos cavalos e subiram no palanque. Todos se levantaram e, quando eles se encaminharam para seus assentos, as mulheres fizeram reverências e os homens inclinaram as cabeças.

Foi então que a banda parou de tocar e, personificando o Príncipe Rudolf, Michael avançou para a parte frontal do palanque. As trombetas soaram, exigindo silêncio e, para a profunda surpresa de Nadine, ele disse, em voz alta e vibrante:

— Peço que todos se aproximem o mais possível, para que possam ouvir o que tenho a dizer. — Michael já devia ter dado suas ordens aos soldados, que marcharam para diante e, ao mesmo tempo, orientaram a multidão para que se aglomerasse o mais próximo possível do palanque. Enquanto isso, o suposto Príncipe Rudolf observava e aguardava; achava-se de costas para o Primeiro Ministro e os componentes do Gabinete, que, era evidente, conheciam o verdadeiro príncipe pessoalmente. Quando todos já se haviam acomodado e se achavam prontos para ouvir, ele ergueu a voz e, com palavras pausadas e claras, iniciou seu discurso: — Vocês foram hoje convidados a vir até aqui para dar as boas-vindas ao Príncipe Hans Von Vechtel, que manifestou o desejo de conhecer nossas tropas; tenho certeza de que ele teve uma ótima impressão da disciplina e da excelente ordem-unida que acaba de presenciar. — Ouvindo essas palavras, os expectadores gritaram e aplaudiram. — Desejo também aproveitar este ensejo para lhes falar a respeito do futuro — prosseguiu Michael. — Antes, porém, quero lhes dizer o quanto lamentei ter ficado, durante vários dias, impossibilitado de ter qualquer contato com vocês.

— Veja, milorde — sussurrou Nadine a Lorde Chamberlain —, como as pessoas o escutam atentamente!

— Vocês foram informados — continuou o "príncipe" — de que me feri em uma queda da montaria, mas somente ordenei que lhes dissessem tal coisa para lhes evitar preocupações. A verdade é que fui atacado por dois desconhecidos que, com certeza, vieram de fora de Alexanderburg; se eu não tivesse conseguido vencê-los na luta, com certeza eles teriam me seqüestrado ou assassinado. — A multidão emitiu um murmúrio de horror, e Nadine tentou imaginar por que motivo estaria Michael dizendo aquilo. — Esse episódio convenceu-me — prosseguiu ele — de que precisamos aumentar imediatamente o contingente de nosso exército. Neste momento, portanto, convoco cada homem e rapaz capacitado de nosso país a que se aliste, e faça o serviço militar pelo tempo suficiente para ser muito bem treinado; e para que, no futuro, esteja habilitado a lutar para defender a liberdade de Alexanderburg, caso isso venha a ser necessário.

— Está ouvindo, milady? — murmurou Lorde Chamberlain, com um grande sorriso. — E extraordinário!

— Além disso — acrescentou Michael — pretendo equipar meu exército com os mais modernos armamentos. Existem algumas novas armas extremamente interessantes, principalmente rifles com um poder de alcance muito maior e muito mais acurado do que quaisquer outros que conhecemos. — Mais uma vez, a multidão gritou e aplaudiu; de

onde estava, Nadine podia ver o rosto dos jovens iluminando-se de interesse e júbilo, demonstrando que há muito desejavam uma oportunidade como aquela. — Imagino que vocês devem estar-se perguntando como conseguiremos a verba necessária para aumentar o número de soldados e equipá-los com armas mais modernas. As damas devem estar pensando que terão de desistir dos lindos vestidos que pretendiam comprar, ou, pior ainda, de baixar a qualidade da alimentação de suas famílias. Eu lhes asseguro, porém, de que não haverá necessidade de sacrifício algum por parte do povo de Alexanderburg; e vou explicar-lhes por quê.

— Que idéia será essa? — perguntou o Primeiro Ministro, em voz baixa, para um dos membros do Gabinete.

— Na verdade — continuou Michael, assim que voltou a reinar absoluto silêncio — a idéia é de minha esposa, e tenho certeza de que não somente ela, mas todos vocês irão apreciar muitíssimo pô-la em prática. Exatamente neste local onde nos encontramos neste momento, e até onde nossa vista alcança, vamos criar um parque nacional, ou caso prefiram, um imenso jardim, a que chamaremos "Portões do Paraíso"; as atrações desse parque e a beleza das flores que nele cultivaremos atrairão visitantes de todo o mundo. — Da legião de expectadores elevou-se um suspiro uníssono de surpresa e interesse. — Junto a esse parque haverá um local especial de treinamento onde todos, desde os adolescentes até os mais velhos, aprenderão a atirar com armas de fogo; e será nesse local que trabalharão aqueles que, por qualquer motivo, não puderem se alistar no Exército. Quanto às atrações dos "Portões do Paraíso", além dos jardins, haverá pistas de boliche, escoregadores e balanços para as crianças, viveiros de pássaros e muitas outras diversões. E agora ouçam o que é ainda mais importante.

A multidão pareceu ficar de respiração suspensa, e Nadine sussurrou para o Príncipe Hans:

— Mal posso esperar para iniciar esse projeto!

— Esse parque não será o único — prosseguiu Michael. — Cada cidade e aldeia de nosso principado terá o seu próprio jardim público. Elas competirão umas com as outras, no esforço de ganhar medalhas e outros prêmios pelo melhor ou mais bonito canteiro de flores; para isso, importaremos plantas dos Himalaias, da China, do Nepal e de muitos outros países. — A essa altura, a multidão já tinha os olhos arregalados, e ele exclamou, em tom de triunfo: — Eu lhes asseguro de que Alexanderburg vai se transformar em uma atração turística para a Europa inteira, e de que teremos de ampliar o porto, de tantos que serão os navios que chegarão lotados de visitantes!

Durante alguns segundos, fez-se completo silêncio. Depois, ouviu-se um grito:

— Viva o Príncipe Rudolf! Viva a Princesa Louise!

— Viva! Viva o maravilhoso futuro de Alexanderburg! — bradou outra voz.

E, em uma fração de segundo, elevou-se no ar o clamor de mil vozes, que homenageavam calorosamente seus governantes, e o estrépito de centenas de mãos que pareciam nunca mais terminar de aplaudir.

Quando os gritos começaram a diminuir, mas ainda antes de se calarem, Michael levantou os braços, perguntando, em alta voz:

— Vocês querem fazê-lo? Podem fazê-lo? Consideram-se suficientemente criativos para desafiar o restante da Europa com nossos exóticos jardins e nossos parques chamados "Portões do Paraíso"?

A resposta foi um verdadeiro ulular, tão ensurdecedor e frenético que parecia atingir os céus; todos aplaudiam e gritavam, desde as crianças até os soldados.

Voltando-se para Nadine, Michael tomou-a pela mão e ajudou-a a se levantar; era impossível para qualquer um deles, porém, tentar elevar a voz acima dos brados de aclamação dos súditos. Dessa forma, o "príncipe" se limitou a permanecer de pé, com o braço passado pelos ombros da "princesa"; e os dois agradeciam aos aplausos acenando para a multidão.

Finalmente, a um sinal de Michael, a banda começou a tocar o Hino Nacional de Alexanderburg e, no palanque, todos se puseram de pé. A multidão parou de gritar e imediatamente se pôs a cantar, e o som de suas vozes demonstrava claramente o orgulho e o amor que sentiam por seu país.

Somente quando a banda terminou de tocar e as aclamações recomeçaram, é que Michael conduziu Nadine para a carruagem que os aguardava não muito longe do palanque. Assim que ele a ajudou a subir, o Príncipe Hans e Lorde Chamberlain reuniram-se a ela; e quando a moça ergueu o olhar, viu que Michael já se afastava, montado em seu lindo cavalo branco e acompanhado pelo general e os outros oficiais do Exército.

Quando entraram novamente na cidade, o Príncipe Hans se dirigiu a Nadine:

— Sou obrigado a admitir, Alteza, que não imaginava que seu marido tivesse tanta habilidade para fazer discursos, e muito menos que ele haveria de surpreender-nos com tamanhas novidades.

— Rudolf vive me proporcionando motivos de orgulho — respondeu ela. — E tenho certeza de que nosso projeto será um absoluto sucesso; as flores de Alexanderburg são tão lindas que atrairão turistas de muitos outros países.

— Sem dúvida — concordou Lorde Chamberlain. — Só não entendo é como não pensamos nisso antes. Na realidade, acho que devemos ser muito gratos ao Príncipe Hans Von Vechtel; foi sua visita que desencadeou o que, tenho certeza, significará uma grande transformação para nosso país, e lhe proporcionará uma prosperidade jamais conhecida.

— Apesar da surpresa — respondeu o príncipe —, fico extremamente feliz por ter desempenhado um papel tão significativo nessa futura transformação. Se fui responsável por despertar os líderes políticos de Alexanderburg para os novos tempos, sinto que tenho a obrigação de fazer o mesmo em favor de outros países.

Sorrindo para si mesma, Nadine percebeu que aquele homem cheio de empáfia reclamaria para si próprio todo o crédito pelo que ocorrera. Não havia dúvida de que o Príncipe Hans relataria a todos, em suas viagens por outros países, aquele seu "papel tão significativo" no desenvolvimento de Alexanderburg; e com certeza, se esqueceria de citar que, pelo menos por enquanto, o exército do principado era demasiadamente pequeno para resistir a invasores.

A carruagem chegou ao palácio, mas ainda não se via sinal de Michael; intrigada, Nadine perguntava-se quanto tempo ele demoraria para chegar. A moça temia que o

rapaz tivesse se excedido; Michael devia estar se sentindo tão exausto e debilitado quanto no dia em que chegara.

Em dos salões de recepção, os criados faziam os preparativos para o chá. Enquanto esperava, Nadine decidiu dar uma volta pelo jardim, na intenção de verificar se o cavalo de Michael já se encontrava no estábulo.

Ao se aproximar do lago, ela viu que, por entre as árvores, vinha um vulto que usava um quepe emplumado. Alguns segundos antes de que Michael a alcançasse, porém, Nadine percebeu que um homem se levantava de trás de um espesso arbusto, apontando uma arma para as costas do "príncipe".

Michael caminhava despreocupado, sorrindo para ela e inconsciente do perigo. Antes, contudo, de que o assassino tivesse tempo de apertar o gatilho, Nadine tirou a pequena pistola do bolso do vestido e, com uma destreza e rapidez que teriam enchido seu pai de orgulho, atingiu o desconhecido no ombro.

Atônito, Michael deteve-se, voltou-se rapidamente e percebeu o que acontecera. Em seguida, enquanto os sentinelas acorriam às pressas, ele tirou a arma das mãos de Nadine, dizendo:

— Volte para dentro, minha querida! Não quero vê-la envolvida neste tumulto.

Por alguns instantes, ela ficou indecisa; depois, vendo que os guardas já haviam capturado o desconhecido, que gritava de dor, Nadine fez o que lhe fora sugerido.

Ao chegar à entrada principal, encontrou um escudeiro fazendo companhia ao Primeiro Ministro, que viera para o chá e não fazia idéia do que ocorrera. Sem falar com nenhum dos dois, ela subiu correndo a escadaria e foi para seus aposentos.

Sentada diante da penteadeira, tudo em que podia pensar era que salvara a vida de Michael; se não tivesse dado ouvidos a Maria, àquela altura o rapaz poderia estar morto. Se Nadine não tivesse levado consigo a pistola de cabo de madrepérola, teria com certeza perdido uma pessoa que, por mais estranho que parecesse, significava muitíssimo para ela.

A moça não havia tocado a sineta chamando Maria, mas mesmo assim, dali a pouco, a aia entrou esbaforida na alcova.

— O que aconteceu, Alteza? O que é toda aquela agitação lá embaixo? Estão dizendo que alguém tentou atirar em Sua Alteza o Príncipe Rudolf, e que milady o salvou!

— Na verdade, Maria — respondeu Nadine — quem o salvou foi você. Foi você quem me deu a pistola de Louise; se eu não a tivesse levado comigo, o intruso sem dúvida teria alvejado Michael.

— Graças a Deus isso não aconteceu — disse Maria. — Eu temia que alguém lá embaixo tivesse percebido que o Príncipe Rudolf não é quem parece ser.

Nesse momento, a porta se abriu e Michael Ward entrou. Nadine levantou-se de um salto, perguntando, aflita:

— Você está bem? Não está ferido?

— Estou bem, mas somente porque você foi suficientemente rápida e corajosa para me salvar. O mais importante agora é que aquela gente que está lá embaixo, comentando e bisbilhotando, não tenha a chance de olhar para mim mais de perto.

— Vá para seu quarto, vamos — riu ela. — Paks se encarregará dos bisbilhoteiros.

Michael atravessou o aposento e passou pela porta de comunicação; Nadine ouviu-lhe a voz e concluiu que o valete já se encontrava lá, esperando por ele.

— Não se preocupe — observou Maria —, ele vai ficar bem. E, lá embaixo, pode ter certeza que o susto que as pessoas tomaram não lhes deu tempo para notar qualquer diferença entre o Sr. Ward e Sua Alteza o Príncipe.

— Espero que tenha razão. Foi uma grande falta de sorte que o criminoso estivesse de tocaia tão próximo do palácio.

— Pelo que parece — comentou a aia —, aqueles sentinelas não andam cumprindo suas obrigações como deviam.

Nadine pensava da mesma forma, mas preferiu não fazer comentários. Limitou-se a tirar o chapéu de plumas de avestruz, ajeitar rapidamente os cabelos e bater à porta de comunicação.

Michael gritou-lhe que entrasse e, ao fazê-lo, ela encontrou a alcova envolta na mesma penumbra de antes, e viu que ele já se deitara.

— Não se preocupe — disse —, sou apenas eu.

— Pois era você mesma a única pessoa que eu desejava ver — respondeu ele. Voltando-se para o valete, acrescentou: — Quanto aos outros, Paks, mantenha-os à distância.

Conseguirão a atenção do povo de Alexanderburg. A não ser que, ao retornar, o Príncipe Rudolf deixe de pôr minhas idéias em prática, tenho certeza de que Alexanderburg vai conhecer uma verdadeira explosão de prosperidade. De início, o povo pode até se dedicar à construção dos parques apenas por curiosidade; mas, depois, será pelo prazer e pelo lucro que eles vão proporcionar. Ano após ano, os turistas não cessarão de acorrer a Alexanderburg.

— Adorei o nome que você sugeriu para os parques — disse Nadine; — "Portões do Paraíso"! Que maravilha!

— Foi em homenagem a você e em comemoração à maneira como enganamos o bisbilhoteiro a noite passada.

— Foi algo realmente memorável. Por outro lado, espero sinceramente que o Príncipe Rudolf ponha em prática o seu projeto da forma brilhante como você o idealizou.

— Infelizmente — respondeu ele —, não poderei permanecer aqui para ajudar na organização do projeto. — Na verdade, tenho muitas outras coisas importantes a fazer, e quero discuti-las com você.

Nadine sentiu um arrepio de emoção, mas naquele preciso momento a porta se abriu.

— Lorde Chamberlain deseja ver Vossa Alteza Real — anunciou Paks a Michael.

O lorde entrou no aposento e se aproximou do leito.

— O senhor está bem? — perguntou.

— Sobrevivi a uma experiência bastante perturbadora — respondeu o rapaz. — Mas, graças a Nadine, não sofri sequer um arranhão.

— Pois eu também não sei como agradecer a ela — afirmou Lorde Chamberlain. — Mas vim até aqui porque tenho importantes novidades para vocês dois — acrescentou,

baixando o olhar para uma folha de papel que tinha nas mãos. Em seguida, como se temeroso de ser ouvido por estranhos, o lorde olhou cuidadosamente à sua volta; depois, puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se. — Acabo de receber uma mensagem codificada vinda de Constantinopla.

— Fique tranqüilo, milorde — disse o homem. — Não permitirei que ninguém se aproxime nem sequer do corredor.

— Se alguém perguntar, diga que não estou me sentindo bem, e que a única pessoa que deve ficar a meu lado é Sua Alteza a Princesa.

— Pode deixar comigo — sorriu Paks, encaminhando-se para a porta. — Garanto-lhe que sou um guarda muito melhor do que aqueles soldados, que se dão tamanhos ares de importância.

Nadine deu risada e, assim que o valete se retirou, perguntou a Michael:

— Quem é o sujeito que tentou matá-lo?

— Acho que faz parte de um grupo separado de russos que, assassinando o Príncipe Rudolf, criariam em Alexanderburg um vácuo que lhes possibilitaria a entrada. Mas isso agora não vem ao caso; o que quero lhe dizer é que pessoa maravilhosa você é, e que nem tenho palavras para lhe agradecer pela maneira extraordinária como salvou minha vida. Quem a ensinou a atirar tão bem?

— Meu pai — disse Nadine; — e sei que ele ficará felicíssimo ao saber que fui capaz de proteger você da maneira como ele me ensinou a proteger a mim mesma.

— Como pode ser tão linda e ainda assim tão hábil com uma arma? —.- perguntou Michael.

— Essa é uma pergunta engraçada — riu ela. — Acontece que sempre achei muito importante estar preparada para qualquer eventualidade; e, apesar de jamais ter imaginado as surpresas que teria aqui em Alexanderburg, acabei tendo de provar que minha maneira de pensar é correta.

— E o que achou de meu discurso?

— Ora, Michael, sabe muito bem que foi uma idéia magnífica, justamente o que se fazia necessário no momento. — Acima de tudo, você conseguiu desviar completamente a atenção do Príncipe Hans do problema do exército.

— Sei muito bem quais eram as intenções dele — observou Michael —, e as conseqüências seriam desastrosas. Mas agora, quando tentarem provocar revoltas, os russos já não.

— Foi enviada por Louise? — perguntou Nadine, já aflita. — Aconteceu alguma coisa?

— Não — respondeu Lorde Chamberlain, sacudindo a cabeça —, não aconteceu nada de errado. Na verdade, a cirurgia do Príncipe Rudolf foi um completo sucesso, e Suas Altezas Reais retornam a Alexanderburg ainda esta noite.

— Esta noite... — murmurou a moça, com voz sumida.

— A mensagem que eles me enviaram — prosseguiu o lorde — está em um código que somente eu conheço. Dizem que chegam esta noite e vão diretamente para o Palácio de Verão, aonde você, Nadine, deve ir recebê-los. Naturalmente, Suas Altezas não fazem

idéia de que Michael Ward se encontra aqui; mas é necessário que ele a acompanhe e que, ainda em sua companhia, embarque no mesmo navio de guerra que a trouxe de Londres.

Fez-se um longo silêncio; desolada, Nadine concluiu que tudo chegara ao fim. Por conta própria, há muito compreendera que não poderia permanecer em Alexanderburg após a volta de Louise; e, naturalmente, aquilo passara a dizer respeito também a Michael Ward, que representara o papel do Príncipe Rudolf. Mais um pensamento surgiu em sua mente já atormentada: e se Michael preferisse voltar para a Índia?

— Quer dizer que temos de partir esta noite — disse Michael, em voz baixa e controlada.

— Infelizmente, sim — respondeu Lorde Chamberlain. — Não podemos correr o risco de que alguém os veja todos juntos; foi uma boa idéia de Sua Alteza o Príncipe lembrar-se do Palácio de Verão. Vou anunciar que, depois do choque de ter sido quase assassinado, ele decidiu ir para lá descansar por alguns dias. E que, naturalmente, sua esposa o acompanhou.

— Acha realmente que devo partir assim de repente? — insistiu Nadine. — Eu desejava tanto passar algum tempo com Louise!

— Diante das circunstâncias — afirmou o lorde —, esse seria um gravíssimo erro. Mal acabamos de nos livrar do importuno Príncipe Hans, começa a chegar ao palácio uma legião de curiosos que deseja discutir com Sua Alteza o Príncipe Rudolf o projeto dos parques. Por falar nisso, Michael, suas idéias deixaram-me absolutamente maravilhado.

— Pois foi justamente por vê-lo tão deprimido com a situação de Alexanderburg, milorde, que tive essas idéias. Isso sem falar, naturalmente, no interesse de Nadine pelas flores.

— O senhor é exatamente a espécie de homem de quem todo país necessita neste momento — disse Lorde Chamberlain; — principalmente os países dos Bálcãs. — Como eu gostaria de poder mantê-lo em Alexanderburg! Acho, porém, que posso conseguir de vocês dois a promessa de retornarem no ano que vem, ou talvez daqui a dois anos. E também seria muito justo que a Princesa Louise os convidasse para padrinhos do herdeiro que, tenho certeza, será o resultado da viagem a Constantinopla.

— A que hora deseja que partamos? — perguntou Michael.

— Assim que escurecer. Resta decidir se preferem ir a cavalo ou em uma carruagem conduzida por Paks; devem compreender que as únicas pessoas que podem acompanhá-los são Paks e Maria.

— De minha parte — disse Michael —, prefiro ir a cavalo. E sei onde fica o Palácio de Verão, pois passei junto a ele quando voltava do desfile.

— Também prefiro cavalgar — concordou Nadine. — E uma das atividades de que mais tenho sentido falta.

— E um trajeto bastante curto — observou o lorde —, que levará pouco tempo. Mas, antes de partirem, sugiro que façam uma ligeira refeição; quando chegarem ao palácio, os criados que tiverem preparado a ceia de Suas Altezas Reais lhes oferecerão algo de mais substancial.

— Esses criados sabem que Suas Altezas estiveram em Constantinopla? — perguntou Nadine.

— Não, de forma alguma — disse Lorde Chamberlain. — Eles pensarão que o Príncipe Rudolf e a Princesa Louise foram apenas inspecionar o novo navio de guerra. E não lhes chamará a atenção o fato de dois hóspedes do Palácio Real partirem de Alexanderburg nesse mesmo navio, já que a embarcação está disponível.

— Vejo que milorde já planejou tudo com absoluta precisão — sorriu Nadine. — E não posso deixar de parabenizá-lo por sua habilidade em conservar em segredo a viagem de Suas Altezas.

— Sinto-me lisonjeado — respondeu ele —, mas tratem de permanecer de dedos cruzados até o momento em que se acharem a caminho da Inglaterra. Tudo o que me resta, embora eu não tenha palavras para tanto, é agradecer-lhes do fundo de meu coração pelo que fizeram; não foi apenas um magnífico esforço, mas uma estrondosa vitória.

— Nós também estamos muitíssimo satisfeitos — garantiu Michael. — Mas deixe-me preveni-lo de que pretendo realmente retornar a Alexanderburg no ano que vem, para ver se minhas idéias foram ou não postas em prática. Se não tiverem sido, ficarei profundamente decepcionado.

— Essa é uma eventualidade das mais remotas — afirmou Lorde Chamberlain. — Suas sugestões vieram justamente ao encontro daquilo que eu mais desejava; e como o Primeiro Ministro pensa que foi o próprio Príncipe Rudolf quem as idealizou, será praticamente impossível que elas deixem de ser levadas a efeito.

— Fico tão feliz com isso! — exclamou Nadine.

— Vou mandar trazer-lhes uma garrafa de nosso melhor champanhe — declarou o lorde, levantando-se —, e, naturalmente, virei despedir-me de vocês antes da partida. Mas agora preciso descer e garantir a todos que Sua Alteza o Príncipe está perfeitamente bem, mas ainda chocado com a assustadora experiência por que passou. E que o mesmo se aplica à Princesa Louise. — Antes de fechar a porta, Lorde Chamberlain ainda se voltou e disse: — Muito, muitíssimo obrigado a vocês dois. São ambos simplesmente maravilhosos.

— Pelo menos fizemos uma pessoa feliz — sorriu Nadine, assim que ele se retirou. — Pude perceber como Lorde Chamberlain vivia frustrado, vendo todas as suas sugestões serem recusadas ou ignoradas.

— Em minha opinião — respondeu Michael —, o que vai tornar realidade o desenvolvimento de Alexanderburg será a vontade do povo. As pessoas ficaram encantadas com a idéia dos parques, e os jovens deviam estar há muito tempo esperando pela oportunidade de entrar para o Exército.

— O local para treinamento de tiro também foi uma ótima idéia — observou ela; — por si só, esse treinamento já tornará os novos soldados muito hábeis com as armas.

— Espero que eles se tornem tão hábeis quanto você — sorriu Michael.

— Eu preferiria nem sequer pensar mais nesse assunto; mas, se não fosse por Maria, talvez não estivéssemos aqui conversando neste momento.

— E isso a deixaria triste? — perguntou ele, baixinho. E Nadine sentiu que a resposta àquela pergunta soava, alta, vibrante e impossível de ignorar, bem no fundo de seu coração.

CAPÍTULO VII

Os cavalos aguardavam junto a uma porta lateral, aonde Paks os levara. Dessa forma, ninguém viu quando Nadine e Michael saíram.

A moça se sentia desolada por ter de partir. Tivera tantos momentos felizes naquele palácio, e seu coração se confrangia ao imaginar que ia abandoná-lo e talvez jamais voltasse a entrar ali novamente.

Tentou consolar-se, convencendo a si própria de que estava exagerando, e de que, naturalmente, haveria de voltar um dia. O que realmente a entristecia, porém, era saber que, se voltasse, Michael não se encontraria ali.

Quando ele apareceu, usando roupas de montaria do Príncipe Rudolf, parecia mais bonito do que nunca. Contemplando-o, Nadine sentiu-se dominada por uma verdadeira agonia; como poderia separar-se de Michael? E se ele voltasse para a Índia e lá alguém o matasse? Ela não estaria a seu lado para protegê-lo, como já acontecera por duas vezes. Sua vontade era implorar-lhe que a acompanhasse à Inglaterra, onde estaria seguro; mas Nadine tinha certeza de que Michael se limitaria a rir e dizer que gostava da vida aventureira de membro do Grande Jogo.

Ele a ergueu nos braços e a depôs na sela, provocando-lhe, novamente, a estranha sensação que a moça já experimentara antes, e que era um misto de agonia e êxtase.

— Vemo-nos daqui a pouco, Paks — disse Michael, montando e esporeando o cavalo.

A noite se aproximava e as primeiras estrelas surgiam no firmamento. Quando os dois já haviam cavalgado por algum tempo, Nadine subitamente lembrou-se de que não se despedira de Lorde Chamberlain. Refreando sua montaria, ela disse a Michael:

— Parece incrível, mas não dissemos adeus a Lorde Chamberlain!

— Eu sei, mas é que ele mudou de idéia no último momento. Decidiu seguir também para o Palácio de Verão, na carruagem com Paks e Maria.

Nadine deu um suspiro de alívio; de forma alguma, desejaria parecer rude a um homem que a tratara com tanta gentileza desde o dia de sua chegada.

Os dois continuaram a cavalgar, em silêncio. A essa altura, a Lua iniciava sua ascensão no céu, e as estrelas cintilavam com maior intensidade.

— Como é maravilhoso este lugar! — exclamou Nadine. — Não sinto o menor desejo de partir.

— A Inglaterra também é maravilhosa — observou Michael. Era verdade, pensou ela; nada poderia ser mais adorável do que o jardim de sua casa. Por outro lado, voltaria a cavalgar solitária pelo bosque, a não ser quando seu pai tivesse tempo para lhe fazer companhia; e não teria ninguém, muito menos Michael, com quem conversar.

A cavalgada prosseguiu por mais algum tempo; eles já se aproximavam da praia, e já podiam entrever as ondas batidas de luar. De repente, para a surpresa de Nadine, Michael rompeu o silêncio:

— Vou seguir à esquerda para entrar nesse bosque, e quero que você venha comigo.

— Mas o Palácio de Verão fica na direção do mar — objetou ela.

— E que desejo levá-la primeiro a um outro lugar. Vamos. Apesar da surpresa, Nadine sabia que não havia pressa.

Paks conduzia uma carruagem tirada por dois cavalos, e teria de mantê-la na estrada que bordejava os penhascos; como ela e Michael seguiam a cavalo, seria até melhor retardar o passo para que Lorde Chamberlain chegasse ao destino antes deles.

Por entre as árvores do bosque, a escuridão era muito maior; como de costume, porém, Nadine sentia que aquele era um lugar encantado.

— Na Inglaterra, eu tinha o hábito de cavalgar pelo bosque todos os dias — disse ela; — e sempre senti falta de alguém que, a meu lado, partilhasse do sentimento de magia que lugares como esse provocam em minha alma.

— Pois eu lhe asseguro de que sinto exatamente a mesma coisa — respondeu Michael. — Foi por isso que a trouxe aqui.

— Sempre tive certeza de que há ninfas aquáticas nos pequenos lagos das florestas, e costumava ficar horas e horas parada, na esperança de conseguir ver uma delas.

— Pois uma dessas ninfas apareceu para mim — disse ele. — Mas quando a observei melhor à luz do sol, achei-a bem mais parecida com um anjo.

Cônsua de que Michael se referia às duas ocasiões em que ela lhe salvara a vida, Nadine apressou-se a responder:

— Depois que você partir e eu não estiver mais a seu lado, trate de ser muito cauteloso. Afinal de contas, foi por pura sorte, ou talvez por inspiração divina, que saí para procurá-lo no jardim quando aquele homem...

— Não pense mais nisso! — interrompeu-a Michael. — Não quero que se aflija mais com esse assunto. A verdade é que, nessa ocasião, você me salvou a vida pela segunda vez; e não vou permitir que haja uma terceira.

— Pois é justamente isso que estou tentando fazê-lo compreender — replicou ela. — Se eu não estiver a seu lado, aqueles homens horríveis que o têm perseguido podem acabar conseguindo matá-lo.

Em vez de responder, Michael fez a montaria acelerar a marcha, tomando a frente. Era estranho que ele tivesse preferido cavalgar em meio à floresta, sendo que poderia enxergar com muito mais clareza em campo aberto.

Nadine já ia chamá-lo, pedindo que tomasse cuidado e a deixasse seguir à frente; e se houvesse alguém espreitando em meio aos arbustos? De repente, porém, surgiu diante deles uma clareira; e, lá do outro lado, havia uma capelinha.

Michael diminuíra o passo do cavalo, permitindo que ela voltasse a cavalgar a seu lado.

— Mas que coisa fascinante — exclamou Nadine, assim que se aproximou — essa capela bem no meio da floresta!

— Eu sabia que ia gostar, e por isso fiz questão de mostrá-la a você. Ela foi construída por um velho sacerdote que decidiu vir morar aqui porque, como você e eu, se sente muito bem entre as plantas e os animais. Ele dá comida aos coelhinhos e esquilos; os cervos vêm visitá-lo todos os dias, pois o ancião os domesticou e os acostumou assim.

Nadine escutava, maravilhada, quando, de repente, Michael desmontou.

— O que foi? — perguntou, surpresa. — Nós vamos entrar?

— Vamos, sim — disse ele. — Quero apresentá-la ao padre, que foi muito gentil comigo quando passei por aqui fugindo de meus perseguidores.

— Ah, eu adoraria conhecê-lo — disse Nadine, enquanto ele a ajudava a descer da sela e, em seguida, prendia as rédeas das montarias à cerquinha branca que circundava a capela.

— Eu a trouxe aqui, anjo de meu coração — disse Michael, em voz baixa e emocionada —, para que se case comigo.

Durante alguns segundos, Nadine pensou que seus ouvidos lhe haviam pregado uma peça.

— Casar-me c-com v-você? — gaguejou ela, completamente atônita.

— Você salvou minha vida duas vezes — sorriu ele. — Dessa forma, como reza a antiga lenda, tornou-se responsável por mim para sempre. De agora em diante, terá de cuidar de mim e proteger-me, e não há nada no mundo que eu mais deseje. — Nadine ergueu os olhos para o rosto dele e se sentiu incapaz de falar; a única coisa em que conseguia pensar era que aquilo devia fazer parte de um sonho. E então Michael prosseguiu, com voz ainda mais suave: — Eu a amo, e sei que você me ama. Podemos conversar a respeito disso mais tarde; mas agora vamos nos casar depressa, para que eu nunca mais corra o risco de perdê-la.

Tomando-a pela mão, ele a conduziu para o interior da capelinha, cuja porta se achava entreaberta. Por toda parte, viam-se animaizinhos, coelhos, passarinhos, esquilos, mas nenhum deles parecia assustado; limitavam-se a observar com curiosidade os recém-chegados, como se desejosos de saber quem eram.

Usando suas vestes sagradas, o sacerdote encontrava-se de joelhos diante do altar, sobre o qual algumas velas ardiam alegremente.

Quando Nadine e Michael se aproximaram, o velho padre levantou-se; virando-se para eles, deu um grande sorriso.

— Vejo que cumpriu sua promessa de voltar para me ver, meu filho — disse. — Tenho rezado muito para que tudo corresse bem para você.

— Suas preces me salvaram, padre — respondeu Michael. — Graças a elas, os céus me enviaram um anjo que não apenas uma, mas duas vezes, salvou-me a vida.

Ainda sorrindo, o sacerdote voltou-se para Nadine.

— Seja bem-vinda a esta capela, minha filha. Sentirá que a mão de Deus está aqui para ajudá-la, caso o necessite.

— Neste momento — interferiu Michael antes de que ela pudesse responder — o que precisamos é que o senhor celebre nosso casamento.

— Nada me daria maior felicidade — respondeu o padre, sem demonstrar a menor surpresa. — Tenho absoluta certeza de que vocês dois têm, para oferecer um ao outro, o amor puro e verdadeiro que só pode ser inspirado por Deus.

Michael tomou Nadine pela mão. O sacerdote virou-se primeiro para o altar, diante do qual orou e persignou-se; em seguida, voltou-se novamente para eles e deu início à cerimônia. Dizia as palavras com muita simplicidade, mas com uma sinceridade que, por si própria, era mais sagrada do que qualquer outra coisa que Nadine já ouvira em sua vida.

Quando a cerimônia atingiu o ponto em que a noiva deveria receber a aliança, Nadine perguntou-se o que Michael faria. Mais uma vez, entretanto, ele a surpreendeu, retirando do bolso da jaqueta um anel simples e despojado, mas todo de ouro. O padre abençoou a aliança, e Michael colocou-a no dedo anular de Nadine.

O sacerdote declarou-os marido e mulher, e eles se ajoelharam para receber a bênção final. Nadine sentia como se os anjos cantassem nas alturas; sabia que sua mãe, que fora tão amada, a contemplava naquele momento, muito feliz porque a filha também encontrara o amor verdadeiro.

Finalmente, o velho padre aspergiu-os com água benta, e voltou a se pôr de joelhos diante do altar. Nadine orava para que os céus lhe permitissem fazer Michael feliz, e para que ele jamais se arrependesse de tê-la desposado de forma tão insólita.

Ele lhe estendeu a mão e ajudou-a a se levantar; em seguida, conduziu-a à porta da capela, que fechou silenciosamente antes de descer os pequenos degraus da entrada.

Somente quando Michael tomou as rédeas dos cavalos foi que Nadine perguntou:

— Não devíamos despedir-nos do padre e agradecer?

— Não — respondeu ele, sacudindo a cabeça. — Ele está orando, como costuma fazer à noite, e não devemos perturbá-lo. E, como você mesma viu, os animaizinhos do bosque ficam na capela orando com ele.

— Foi uma coisa tão maravilhosa que ainda parece um sonho — disse Nadine. — Sou realmente sua esposa?

— Dê-me um pouco de tempo — sorriu Michael —, e eu a convencerei de que sou seu marido de verdade.

Em vez de beijá-la, como Nadine imaginara que ele faria, Michael ergueu-a e acomodou-a na sela; em seguida, montou e recomeçou a cavalgar vagarosamente pelo bosque.

Quando saíram do abrigo das árvores, o luar já brilhava com toda a intensidade, permitindo-lhes ver o mar prateado; e Nadine, mais uma vez, perguntou-se se o que acabava de vivenciar fora mesmo real. Tinha quase certeza de estar sonhando, e temia que, ao despertar, descobrisse que tudo não passara de uma fantasia, provocada pelo mais profundo desejo de seu coração.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Michael disse: — Responderei a todas as suas perguntas, minha querida, mais tarde, quando estivermos a sós. Mas primeiro temos de saudar as duas pessoas que estivemos personificando, e depois disso poderemos finalmente voltar a ser nós mesmos.

Dali por diante, pensou Nadine, ela nunca mais teria de imaginar ou fingir ser outra pessoa; poderia ser ela própria, ao lado do homem que amava e que também a amava. Os dois seriam parte um do outro; pelo que acontecera naquela noite, ela acabara de se convencer de que Michael era realmente o companheiro que tanto desejava, pelo qual tanto esperara e que temia jamais encontrar.

Logo adiante, erguia-se o Palácio de Verão. Não era tão grande quanto o Palácio Real, mas fora lindamente projetado e, à distância, fazia lembrar um templo grego.

Ao se aproximar, Nadine viu o jardim repleto de flores, de uma beleza quase inacreditável. O luar cintilava nos pilares brancos, e o estandarte real de Alexanderburg tremulava no topo do telhado.

Assim que os recém-chegados atravessaram os portões, dois cavaleiros avançaram para tomar as rédeas das montarias. Nadine sabia que a carruagem já chegara há algum tempo e que Lorde Chamberlain avisara ao príncipe e à princesa que eles vinham vindo logo atrás.

A porta principal achava-se aberta e os criados aguardavam para recepcioná-los; os dois foram conduzidos para um grande e belíssimo salão, cujas janelas davam para o mar.

Assim que os viu, Louise deu um gritinho de alegria; saltou do sofá onde se encontrava sentada ao lado do Príncipe Rudolf e de Lorde Chamberlain, e correu para Nadine.

— Minha querida, minha querida Nadine! — exclamou. — Estou tão feliz por vê-la novamente! Estávamos começando a ficar preocupados com sua demora, pensando na possibilidade de um acidente.

— É que paramos por alguns minutos em uma capelinha no meio do bosque — disse a moça.

— Ah, eu a conheço; é simplesmente encantadora. Mas eu não podia imaginar que iria até lá.

— O que importa agora é que você chegou — interferiu o Príncipe Rudolf —, e posso finalmente dizer o quanto estou grato, não somente à senhorita mas também ao Sr. Ward. Lorde Chamberlain contou-me da maneira soberba como ele representou meu papel.

— Espero apenas, Alteza — riu Michael —, não lhe ter proporcionado um excesso de trabalho no futuro.

— Lorde Chamberlain contou-nos de sua brilhante estratégia para desviar a atenção do Príncipe Hans das reduzidas dimensões de nosso Exército. Além disso, ficamos entusiasmadíssimos com a idéia dos "Portões do Paraíso"; e lamentamos apenas não termos sido suficientemente inteligentes para pensar nisso por nossa conta.

— E verdade que o projeto vai dar trabalho, mas será muito divertido e vantajoso para Alexanderburg — observou Nadine.

— Como eu gostaria de que você pudesse ficar aqui para me ajudar! — suspirou Louise. — Mas infelizmente, querida, é preciso que parta esta noite; dessa maneira, assim que tivermos tomado uma taça de champanhe, teremos de dizer até-breve.

— Pelo menos não terei de partir para a Inglaterra sozinha — sorriu a moça, olhando de soslaio para Michael.

— E verdade — disse ele. — Tenho o dever e a satisfação de comunicar a Vossas Altezas Reais que tivemos um bom motivo para ir à capela; Nadine agora é minha esposa.

A Princesa Louise deu mais um grito de alegria.

— Ah, querida, mas que coisa maravilhosa! Seu pai ficará felicíssimo!

— Talvez meu pai não saiba com detalhes da vida de Michael — respondeu Nadine —, mas eu lhe contarei de seus atos de bravura como membro do Grande Jogo.

— Talvez eu devesse ter-lhes contado assim que chegaram — observou o Príncipe Rudolf —, mas não queria estragar a alegria de nosso reencontro. — Nadine e Michael fitaram-no, curiosos, e ele prosseguiu: — Enquanto estávamos em Constantinopla, consegui comprar alguns jornais ingleses. O Morning Post, de quase uma semana atrás, trouxe a notícia da morte do Conde de Hereward, que imagino, Sr. Ward, ser seu parente próximo.

— O conde era meu pai — respondeu Michael.

— Seu pai! — exclamou Lorde Chamberlain. — Mas o jornal diz que o herdeiro do título é o Visconde de Here, ajudante-de-campo do Vice-rei da Índia!

— Quando parti para a Índia — sorriu Michael —, assumi a função de ajudante-de-campo do vice-rei. Mas depois, quando me envolvi com o Grande Jogo, abri mão temporariamente do título, por motivos óbvios.

— Sinto muitíssimo pelo falecimento de seu pai — disse Nadine. — Deve ter sido um grande choque para você.

— Na verdade, não — respondeu ele. — Meu pai estava enfermo há muito tempo, acometido de intenso sofrimento; devo confessar que sinto grande alívio por saber que Deus teve a misericórdia de levá-lo e pôr fim à sua longa agonia. Eu sabia que teria de voltar para casa a qualquer momento; mas sei que, em minha ausência, meu irmão se encarregou do funeral e tomou todas as providências necessárias.

Fez-se um longo silêncio, finalmente rompido pelo príncipe:

— Bem, como vocês acabam de se casar, é melhor deixarmos os pensamentos tristes para depois. Neste momento, o melhor é brindarmos à sua saúde e para que sejam tão felizes quanto Louise e eu.

Após o brinde, realizado com champanhe, Michael percebeu que o Príncipe Rudolf consultava o relógio.

— Creio que está na hora de partirmos — disse Michael.

— Sinto muitíssimo por parecer pouco hospitaleiro — respondeu Rudolf —, mas Lorde Chamberlain nos fez ver como é importante que ninguém venha a suspeitar de que não fui eu quem fez aquele brilhante discurso durante a revista das tropas. Nosso navio de guerra vai levá-los para casa, mas, assim que se afastarem de Alexanderburg, já não

haverá motivo para pressa. Caso desejem desembarcar em algum lugar durante o caminho de volta, basta comunicar ao capitão.

— Aceitamos sua oferta, Alteza — disse Michael —, e ficamos profundamente gratos.

Louise abraçou Nadine e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Fico muito feliz por saber que se tornou condessa, querida. Esse título tornará as coisas mais fáceis quando vocês vierem visitar-nos no ano que vem, e ninguém jamais desconfiará de que, um dia, você tomou o meu lugar.

— Nessa ocasião — sorriu Nadine —, farei tudo o que puder para parecer completamente diferente de você!

— E espero que, a essa altura, eu também esteja com uma aparência muito diferente da atual — respondeu a princesa.

— Tenho certeza de que, daqui a um ano, você já terá tido um lindo bebê; e não se esqueça de nos convidar para a cerimônia do batizado!

— E claro que não me esquecerei! Esperaremos para realizar essa cerimônia somente depois de que vocês voltarem.

Tanto o Príncipe Rudolf quanto Lorde Chamberlain despediram-se de Nadine com um afetuoso beijo no rosto.

— Sentirei muito a falta de vocês dois — disse o lorde; — mas me deixaram com tantas coisas para fazer que não terei tempo para tristezas.

A moça voltou-se novamente para a princesa.

— Não deixe de escrever regularmente — pediu —, contando-nos tudo o que estiver acontecendo.

— Você vai receber pilhas de cartas minhas! — exclamou Louise.

Em seguida, os recém-casados foram se despedir de Paks e Maria, que aguardavam lá fora.

— Já levei sua bagagem para bordo, milady — disse o valete a Nadine; — e preparei também uma grande quantidade de roupas de Sua Alteza o. Príncipe, para que Lorde Hereward possa ficar tranqüilo até chegar em casa.

— Parece que, por minha causa, Vossa Alteza acaba de ser assaltado — riu Michael.

— Pois eu lhe garanto que valeu a pena — respondeu Rudolf —, e espero somente que faça bom proveito dessas vestes.

Nadine e Michael agradeceram a Paks e Maria por toda a dedicação que lhes haviam demonstrado, e presentearam a ambos com uma tão significativa quantia em dinheiro que os deixaram simplesmente atônitos; os dois criados mal podiam encontrar palavras para expressar sua gratidão.

Em seguida, o casal desceu correndo a escadaria dos fundos do palácio em direção ao embarcadouro, onde os aguardava um bote. Assim que eles se acomodaram na embarcação, os marinheiros saíram remando velozmente, a caminho do navio; Nadine e Michael acenaram para os que haviam permanecido em terra, até perdê-los de vista.

— Um dia voltaremos, não é verdade? — perguntou Nadine, entrelaçando os dedos com os do marido.

— E claro que sim — garantiu ele. — Mas quero preveni-la de que teremos muito o que fazer na Inglaterra, e de que você precisa ajudar-me a tomar todas as providências para tomar o lugar de meu pai. Haverá também um grande número de familiares meus que desejarão conhecê-la, e que ficarão satisfeitiíssimos ao saber que despossei a filha do Bispo de St. Albans.

— Essa — riu Nadine — é uma recomendação das mais respeitáveis.

— Sem dúvida — concordou Michael —, mas eu me casei com você por muitos outros motivos; e logo terei a oportunidade de descrevê-los.

Quando os dois embarcaram no navio, o capitão se adiantou para lhes dar as boas-vindas.

-- É um grande prazer vê-la novamente, Srta. Kenwin — disse ele; — e é uma enorme satisfação, Sir, recebê-lo em minha embarcação.

— Muito grato, capitão; mas devo informá-lo de que a Srta. Kenwin e eu acabamos de nos casar. E, como acabo também de receber a notícia do falecimento de meu pai, venho de me tornar o Conde de Hereward.

O pobre capitão viu-se em verdadeiros palpos de aranha, sem saber se devia apresentar parabéns ou pêsames; finalmente, conseguiu transmitir a ambos com toda a dignidade possível.

Ao conduzi-los para o saloon, ele disse:

— Devido ao adiantado da hora, milorde, creio que será mais adequado transferir para amanhã as comemorações de seu matrimônio.

— Tem toda a razão, capitão; celebraremos amanhã esse feliz acontecimento.

Os motores foram postos em funcionamento, e o navio de guerra iniciou sua viagem rumo a alto mar.

— Vou apenas avançar um pouco ao longo da costa — informou o capitão; — atravessaremos o Bósforo somente amanhã pela manhã. Aqui perto existe uma pequena enseada, onde ancoraremos para passar a noite.

O casal desceu para as cabines que lhe haviam sido reservadas. Uma era a do capitão, que continha um grande leito duplo de dossel, e a outra era cabine contígua, que fora usada por Nadine quando ela viera para Alexanderburg.

Os marinheiros trouxeram a bagagem; a mala de Michael, preparada por Paks, foi deixada na cabine adjacente à principal.

Pela primeira vez desde que chegara ao principado, Nadine pôde se encarregar ela própria de desfazer suas malas e guardar suas roupas no armário. Em seguida, após fazer suas abluções e escovar os longos cabelos, vestiu uma de suas mais lindas camisolas e deitou-se.

Pelo som das vozes que vinham da cabine vizinha, percebeu que um dos camaroteiros se encarregava das roupas de Michael e o assistia da mesma forma como Paks o fizera.

No momento em que o navio começou a singrar as águas com maior velocidade, a porta se abriu e Michael entrou na cabine. À luz das velas, Nadine viu que ele vestira o

longo robe que pertencera ao Príncipe Rudolf e que usara enquanto se ocultava nos aposentos reais.

Michael fechou a porta, aproximou-se e sentou-se na beirada do leito.

— Você está tão linda, minha querida — disse —, que ainda me pergunto como pude ser afortunado a ponto de encontrar uma criatura tão perfeita.

— Espero que nunca deixe de pensar assim — respondeu Nadine.

— Por acaso notou que ainda não a beijei?

— Sim, notei — respondeu ela, com o coração aos saltos.

— Tive vontade de beijá-la no instante em que a conheci — disse Michael —, quando me salvou a vida pela primeira vez; vi que era a mulher mais linda e mais inteligente que eu já conhecera. Mas não foi apenas isso que me manteve à distância; foi sua pureza que me obrigou a manter o controle, até que eu pudesse oferecer-lhe não apenas meu afeto, mas também meu coração e minha alma.

Ele falava em voz baixa e emocionada, e Nadine perguntou:

— E isso... é o que ainda sente agora?

— O que sinto neste momento não sou capaz de expressar em palavras — respondeu Michael. — Tudo o que sei é que você se tornou parte de mim e que, quando nos casamos naquela capelinha, Deus a entregou em minhas mãos. Esse presente divino veio ao encontro de minhas mais profundas aspirações, algo que eu tinha certeza de que um dia encontraria. — E então, com muita delicadeza e ternura, ele a tomou nos braços e seus lábios se apossaram dos dela, em um beijo que parecia nunca mais terminar. Finalmente, Michael prosseguiu: — Nem sei como lhe dizer o quanto a amo, meu tesouro precioso, minha querida esposa, minha amada.

— Ah, Michael — suspirou Nadine —, eu temia tanto que você voltasse para a Índia! Mal podia suportar a idéia de retornar sozinha para a Inglaterra e não o ver nunca mais!

— Pensou realmente que isso aconteceria? — perguntou ele. — Pois acho que não fomos reunidos por acaso; cada um com os seus próprios recursos, ambos ajudamos a salvar Alexanderburg das mãos gananciosas dos russos. E quem sabe de que outras maneiras poderemos, ser úteis quando chegarmos à Inglaterra?

— Tudo será profundamente emocionante — garantiu ela — desde que eu possa estar a seu lado.

— Não será apenas emocionante — disse Michael; — embora eu ainda não saiba exatamente o que será, tenho certeza de que haverá muita coisa que poderemos fazer para ajudar outras pessoas; com isso, haveremos de nos mostrar merecedores da felicidade de que agora compartilhamos.

Ele a beijou novamente, e dessa vez seus lábios se mostraram muito mais possessivos e apaixonados. Aquele beijo provocou no íntimo de Nadine uma sensação estranha, maravilhosa e profundamente excitante.

— Ah, Michael, eu o amo tanto...

Michael levantou-se, despiu o robe e voltou a deitar-se ao lado da esposa; não apagou as velas, e Nadine percebeu que ele queria contemplá-la livremente.

— Você é tão linda — sussurrou ele — que mal posso acreditar que é realmente minha. Mas tenha certeza de que matarei qualquer um que se atreva a tentar afastá-la de mim.

— Quem conseguiria afastar do marido uma mulher tão apaixonada? — perguntou Nadine. — Eu lhe pertença, meu amor, completa e absolutamente.

— Não, ainda não me pertence completamente — objetou Michael; — e isso, minha bem-amada, é o que vou ensinar-lhe agora. Mas tenho tanto receio de assustá-la...

— Como posso ficar assustada quando me sinto tão feliz? — sorriu ela.

— Então venha, meu amor; deixe-me torná-la absolutamente minha e mostrar lhe que sou completamente seu.

E então ele a envolveu novamente nos braços, com mais força, com mais e mais paixão, e beijou-a com tanta sede que a deixou sem fôlego; Nadine sentiu o próprio corpo como que fundir-se ao do homem amado.

Foi nesse momento que os portões do paraíso se abriram para aqueles dois jovens. Nadine e Michael já não eram duas pessoas separadas; haviam-se tornado uma só.

Mais tarde, muito mais tarde, Michael sussurrou ao ouvido da esposa:

— Ainda me ama, minha querida?

— Eu não imaginava que o amor podia ser tão maravilhoso — suspirou ela. — E não sabia que seria capaz de sentir algo tão extraordinário.

— Pois é assim, amada de meu coração, que será nossa vida de agora em diante.

— Mas você deve cuidar muito bem de si próprio — advertiu-o Nadine — e, a qualquer custo, evitar correr riscos. Como eu poderia perdê-lo agora?

— Jamais me perderá — afirmou ele. — Tornamo-nos parte um do outro, e agora você realmente me pertence. Nosso amor há de perdurar não apenas até o final desta existência, mas em muitas outras que estão para vir.

— Acredita realmente nisso?

— É claro que acredito — disse Michael. — Sei que estive procurando por você enquanto ocupava muitos outros corpos, em um grande número de países diferentes e estranhos; mas você sempre me fugia. Agora, nada mais será capaz de separar-nos.

— Essa é uma maneira maravilhosa de pensar — afirmou Nadine. — Ah, Michael, tem tanto para me ensinar... Mas o que mais quero é amá-lo da forma como você deseja ser amado.

— E isso que todos esperam da vida, mas poucos têm o privilégio de encontrar.

Veio à mente de Nadine o sombrio pensamento de que, até mesmo no último instante, o destino poderia tê-los separado; Michael poderia ter sido assassinado, se não pelo primeiro perseguidor, talvez pelo segundo. E então ela soube que Deus os abençoara e protegera, pois eles haviam sobrevivido a tudo; tendo encontrado a perfeição do amor que os unia, seria impossível, acontecesse o que acontecesse, virem um dia a se separar.

E então, ao sentir novamente o coração do amado pulsando de encontro ao seu, Nadine soube que, mais uma vez, os portões do paraíso se abriam de par em par.

BARBARA CARTLAND é, sem dúvida, a mais famosa escritora romântica do mundo. Entre suas inúmeras qualidades, podemos citar algumas: é historiadora, geógrafa, poetisa e especialista em dietas naturais. Atuante personalidade política, sempre lutou pelos direitos dos grupos menos favorecidos da sociedade inglesa, especialmente os ciganos, viúvas pobres e crianças abandonadas. Super criativa e culta, já escreveu mais de 550 livros, editados em todo o mundo em dezenas de idiomas e dialetos, tendo alcançado com essas obras a incrível marca de 600 milhões de exemplares vendidos.

Algumas datas da vida de Barbara Cartland:

1901 - Nascimento

1923 - Publica seu primeiro livro

1927 - Casa-se com Alexandre McCorquodale

1933 - O primeiro casamento é desfeito

1936 - Casa-se em segundas núpcias com Hugh McCorquodale, primo de seu primeiro marido
1963 - Publica seu centésimo livro
1976 - Sua filha Raine casa-se com o Conde Spencer, pai da princesa Diana
1981 - A princesa Diana, enteada de sua filha, casa-se com Charles, príncipe-herdeiro da Inglaterra

1983 - Entra no livro de recordes Guinness
1991 - Recebe o título de "Dame" do Império Britânico